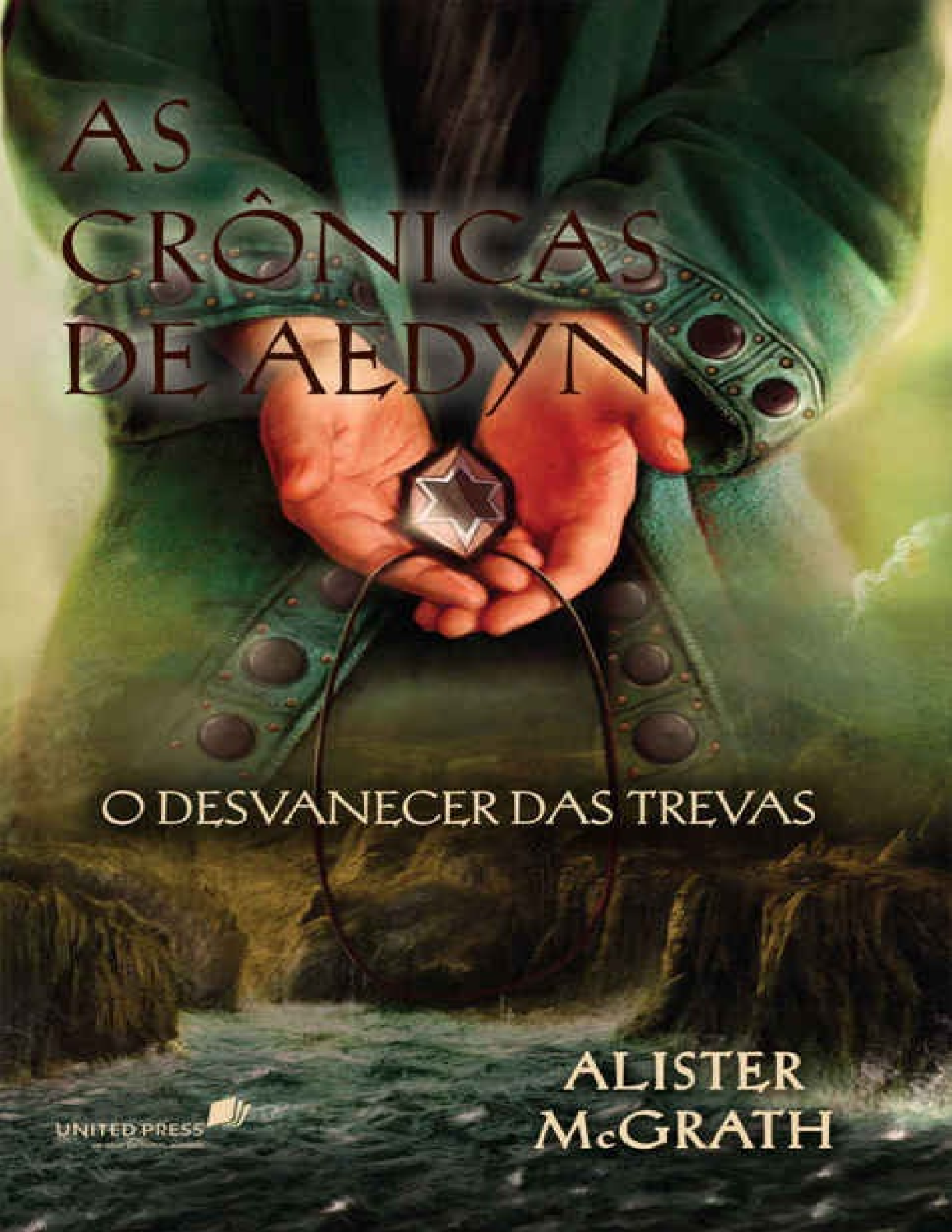




AS CRÔNICAS DE AEDYN

O DESVANECER DAS TREVAS

ALISTER
McGRATH

UNITED PRESS





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



AS CRÔNICAS DE AEDYN

O DESVANECER DAS TREVAS

Alister McGrath

UNITED PRESS 
um selo editorial hagnos

Originally published in the USA under the title: *Darkness shall fall*

Copyright © 2011 by Alister McGrath

Illustrations copyright © 2011 by Wojciech Nowakowski, Bartosz Nowakowski and Marta Nowakowska

Published by permission of Zondervan, Grand Rapids, Michigan. www.zondervan.com.

All rights reserved.

Portuguese edition © 2014 by Editora Hagnos Ltda

Tradução

Neyd Siqueira

Revisão

João Guimarães

Raquel Fleischner

Adaptação projeto gráfico capa

Maquinaria Studio

Diagramação

Catia Soderi

Editor

Juan Carlos Martinez

1ª edição - Setembro de 2014

Coordenador de produção

Mauro W. Terrenghi

Produção de ebook

FS eBooks

E-ISBN: 978-85-243-0482-8

ISBN: 978-85-243-0444-6

Todos os direitos reservados para:

Editora Hagnos

Av. Jacinto Júlio, 27

04815-160 - São Paulo - SP

Tel: (11) 5668 5668

hagnos@hagnos.com.br

www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McGrath, Alister E.

As crônicas de Aedyn : o desvanecer das trevas / tradução Neyd Siqueira.

-- 1. ed. -- São Paulo : Editora Hagnos, 2014.

2Mb ; ePUB

Título original: The Aedyn chronicles - darkness shall fall

ISBN 978-85-243-0482-8

1. Ficção inglesa I. Título.

13-06841

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

Capítulo 1

-Até onde ela irá? – perguntou Gregório.

Pedro Grant não tirou os olhos da monstruosa nuvem escura saindo do vulcão na ilha de Khemia.

– Não sei – respondeu Pedro. – Talvez vá cobrir todo o céu.

Os dois amigos se encontravam em uma pequena elevação na floresta, olhando para o vulcão, por entre as árvores, através da ilha.

Um brilho laranja intenso marcava sua boca, de onde a lava ainda escorria em um fluxo lento, torrencial. Acima do vulcão, a névoa da escuridão que avançava era evidente, mesmo à luz da lua, como um borrão de tinta estendendo-se pelo céu noturno.

– Os cientistas acreditam que uma nuvem como essa liquidou os dinossauros – falou Pedro, com os olhos magnetizados pelo crescente nevoeiro de cinzas que subia do vulcão.

– Só que não era de um vulcão, mas de um pesado asteroide que atingiu o oceano bem próximo da península de Iucatan, há 65 milhões de anos. Gregório, você está me ouvindo?

O olhar de Gregório, porém, estava voltado para o chão, onde procurava alguma coisa.

– Estou tentando não ouvi-lo – respondeu ele.

Pedro desceu do monte e foi ajudar Gregório em sua busca no chão da floresta.

– Você deveria ouvir. A ciência é que nos separa dos mamíferos inferiores.

– Espero que *eu* seja o único a escutar você – retrucou Gregório. – Fale em voz baixa.

– Está bem – sussurrou Pedro, examinando a floresta enlutarada como se um Gul’nog pudesse atacá-los a qualquer momento.– Esqueci-me.

Antes de sua saída de Londres para o misterioso mundo de Aedyn e a ilha de Khemia, ele nunca tivera necessidade de preocupar-se com essas coisas.

Gregório apontou.

– Ali!

Pedro abaixou-se.

– Está vendo alguém?

No escuro, o contorno do braço de Gregório mal aparecia.

– Pelo menos um – disse ele. O rapaz avançou e ajoelhou-se ao lado de algo na grama.

O coração de Pedro bateu forte em seu peito.

– Um *Gul’nog? Aqui?* – Antes que Pedro tivesse tempo para reagir, Gregório puxou seu canivete – e golpeou a terra. Pedro quase riu de alegria. Não era uma daquelas criaturas terríveis de dois metros de altura, prontas para arrancar seus membros. Gregório encontrara um fungo. Fungos.

Cogumelos, para ser exato.

– Traga sua mochila. – Gregório cortou os cogumelos com o canivete e colocou-os na sacola de lona de Pedro. Ele limpou o canivete e devolveu-o à bainha de couro em sua cintura.

– Quantos, Gregório? – Pedro continuava assustado e manteve então a voz baixa ao falar com o companheiro.

– Doze.

Os ombros de Pedro caíram um pouco.

– Está bem – disse ele. – Vamos procurar os outros. Quem sabe tiveram melhor sorte.

Eles se levantaram e voltaram pelo mesmo caminho que os levara ali. Conheciam aquelas florestas – sabiam como atravessá-las sem serem ouvidos. Sabiam mover-se nas sombras, escorregando entre os ramos das árvores como fantasmas. Sabiam onde pisar e onde um pé mal colocado poderia sugar um homem para um lamaçal oculto. Eles haviam vagado por aquela floresta todas as noites durante dois meses.

A sombra – a nuvem do vulcão – se ampliava a cada noite, quase alcançando o horizonte, escurecendo e se adensando mais e mais. Mesmo à luz do dia ela escondia o sol, deixando a paisagem cinzenta e triste. Não que a tivessem visto durante o dia ultimamente. Fazia semanas que não saíam enquanto havia claridade.

O som de um galho quebrado fez Gregório estender o braço, detendo Pedro. Eles esperaram, tentando não respirar. Pedro orou para que o vento estivesse favorável em relação a qualquer coisa que pudesse descobri-los.

Outro som e mais outro. Alguma coisa se encontrava ali e estava se aproximando deles.

A apenas alguns passos de Pedro havia uma grande árvore, seu tronco era tão grosso que ele e Gregório não teriam podido abraçá-lo. Pedro agachou-se, enrolando-se como uma bola, aninhando-se entre duas das enormes raízes da árvore. Embora Gregório não fizesse nenhum barulho, Pedro viu que ele fizera o mesmo.

Esperaram ali, Pedro mal respirava, querendo que seu coração parasse de bater, mas os passos se aproximavam.

Quem ou o que era movia-se lentamente – devagar demais para algo que estivesse apenas passando por ali. Deveria estar procurando alguma coisa. Ou alguém.

Pedro arriscou-se a espiar. Ali, não mais do que a 2,40m do lugar em que se achavam, uma criatura das Sombras ergueu a cabeça e aspirou o ar viciado da floresta. Ficou à escuta, fungando, sorvendo o cheiro de homem. Com verdadeiro horror invadindo seu estômago, Pedro compreendeu a verdade: era um Gul'nog e ele sabia que se encontravam ali.

Nos meses terríveis desde que chegara a Khemia, Pedro começara a temer cada vez mais aqueles monstros. Eles gostavam do ar viciado, pungente do lugar, se fortalecendo à medida que o tempo passava. Os Gul'nog eram monstros saídos de algum pesadelo – sua pele marcada por vergões e cicatrizes, os membros fortes do tamanho de arbustos. Pedro pensava às vezes que eles até pareciam velhas árvores nodosas.



Os Gul'nog eram a razão daquelas incursões noturnas. Pedro e um pequeno grupo de homens saíam todas as noites, procurando alimento e água limpa para os que haviam sobrevivido à explosão do vulcão. Nenhum dos refugiados jamais esqueceu

de que a única razão para continuarem vivos era o fato de os Gul'nog não terem ainda descoberto o seu esconderijo.

Os monstros, no entanto, sabiam que eles continuavam na ilha – sabiam que alguns deles tinham sobrevivido à erupção – e por isso os procuravam.

Pedro tentou diminuir de tamanho ao voltar para as raízes da árvore. A casca áspera machucava sua pele. Era sempre assim quando os Gul'nog se achavam por perto – sempre este medo paralisante.

Pedro contemplou com horror a cabeça do monstro voltar-se na direção deles. Os lábios do Gul'nog se curvaram em um rosnado ao avançar na sua direção. Que o céu os ajudasse: o monstro sentira o cheiro deles. Ia pegá-los.

Deviam ficar ali ou tentar fugir? Pedro escapara de um Gul'nog em outra ocasião, ficando escondido nas árvores e depois abaixando-se em uma caverna próxima – a única que encontrara na ocasião – onde a irmã de Pedro, Júlia, sua meia-irmã, Luiza, e o povo remanescente de Aedyn se esconderam. Pedro fechou bem os olhos e orou para que a morte fosse rápida.

O Gul'nog então atacou-os.

Gregório foi apanhado primeiro. A mão dele apareceu e agarrou o braço de Gregório em um golpe de morte, torcendo até que ele gritasse em agonia. Pedro podia ouvir os ossos sendo moídos.

Um pensamento estranho invadiu sua mente: *Deixe o Gregório! A coisa vai começar a comê-lo e você terá tempo para fugir.*

Pedro puxou os pés debaixo dele e preparou-se para fugir.

O Gul'nog virou-se para fitá-lo, surpreso. Mas, recuperou-se rapidamente e rosnou para Pedro.

Seu momento de fuga se perdera. Quer fosse um ato de heroísmo ou por não ter outra escolha, Pedro enfrentou o monstro. Este deixou cair Gregório e se voltou para ele.

Aquele era o fim. Seria partido em pedaços e comido por ... seus pensamentos foram cortados repentinamente ao ouvir-se um urro retumbante. Pedro tanto sentiu quanto ouviu o som. Ele reverberou por dentro de sua pele, abalando-o até os ossos, e caiu ao chão. Era um ruído estranho, que não conhecia, estremecendo com sua força.

Ao ouvir o som, o Gul'nog levantou a cabeça e, respondendo a um chamado que só ele parecia entender, afastou-se de Pedro e correu por entre as árvores pelo caminho em que viera.

O pulso de Pedro acelerou-se e se passaram alguns momentos antes que pudesse respirar outra vez.

– Pedro? – o sussurro de Gregório era tão baixo que poderia ter sido uma folha tremulando ao vento.

– Está tudo bem agora – disse Pedro, tomado de vergonha por ter quase deixado o amigo a fim de salvar-se. Estaria se tornando tão mau quanto as perversas criaturas que os caçavam? – Pensei que era o nosso fim.

– E eu pensei – Ai! – Gregório agarrou o ombro e caiu de joelhos.

– Seu braço! – Pedro levantou-se, limpou as cascas e folhinhas da roupa e estendeu a mão.

– Quebrado, penso – disse Gregório, mordendo a língua com os dentes... – Vou ficar bem. Temos de voltar – encontrar os outros.

Pedro agarrou o braço bom de Gregório e o ajudou a levantar-se.

– Não esqueça os cogumelos.

– Tem razão. – Pedro pegou a sacola do chão.

– O que o fez ir embora? – perguntou Gregório rangendo os dentes.

– Uma espécie de corneta, eu acho. – Gregório tropeçou e Pedro segurou-o, pegando no braço machucado, o que fez Gregório gritar de dor.

Eles caminharam pela floresta cerca de dez minutos. Pedro sabia que o amigo entraria em choque logo mais – se já não estava – embora continuasse caminhando. Em breve chegaram a uma pequena clareira onde se achava um grupo de homens sujos. Os outros colhedores de alimentos. Eles se animaram ao ver Pedro e Gregório saindo dentre as árvores.

Ouvimos um ruído na floresta – disse Orrin. – Pensamos...

– Tivemos uns problemas – explicou Pedro, fazendo um sinal para Gregório. Ele examinou o grupo. – Todos voltaram?

Orrin acenou com a cabeça. – Não muito além de folhas, nozes e cogumelos.

Pedro suspirou tristonho, aquela não fora uma noite boa para encontrar alimento. Mas isso não importava – os Gul’nog já sabiam qual era a área deles. Um grupo de busca completo logo surgiria. Teriam de mudar-se de novo e Gregório precisava de ajuda. Tinham de ir até onde estavam os outros.

Os dez homens andaram em fila, abrindo caminho entre as sombras e voltaram à caverna. Pedro podia ouvir Gregório ofegante e respirando com dificuldade, evidentemente sofrendo muito. Mas Gregório mantinha a agonia oculta. Se os outros apenas pudessem ser tão corajosos...

A última mudança tinha sido quase demasiada para algumas das crianças menores e ele detestava tentar outra tão depressa. Pedro tirou a ideia da cabeça ao aproximar-se da entrada da caverna escondida entre os rochedos no fundo do despenhadeiro. Admirou-se outra vez com o fato de a face do rochedo à sua frente esconder a entrada. Parecia apenas uma rocha para ele, tendo simplesmente trepadeiras aqui e ali. Se não tivesse sabido da sua localização, jamais a teria encontrado no escuro. Pedro entrou de lado na abertura estreita, como que dançando entre as paredes apertadas da rocha que se fechavam sobre ele dos dois lados. De

maneira estranha, era uma boa coisa estarem ficando sem comida. Se estivessem realmente se fartando todos os dias, não poderiam entrar nem sair de seu esconderijo. Era de algum conforto pensar que nenhum Gul'nog poderia se esgueirar pela abertura. Embora os monstros fossem provavelmente atirar algumas tochas acesas para dentro e obrigá-los a sair. Ele tentou não pensar nisso.

Você talvez já tenha explorado uma grande caverna antes. Caso positivo, você conhece a sensação que temos, aquela que nos rodeia e pesa sobre nós, especialmente se tiver de entrar por um lugar apertado. Você tem o sentimento de que se ficar preso não haverá resgate. Não é como se alguém pudesse arrancar as paredes da caverna para livrá-lo. Pedro se sentia assim ao atravessar com dificuldade a passagem.

Havia umidade no túnel que fez seus pulmões virarem uma esponja, aspirando o ar viciado, úmido. Ele parou de respirar, tentando não pensar na palavra “caixão”, enquanto se arrastava pelas curvas e voltas da passagem. O túnel finalmente terminou em um espaço largo, aberto, onde havia uma fogueira. Não muito alegre, porém quente.

A fumaça os perturbou no princípio. Iria sufocá-los? Ou subiria até a abertura e assinalaria para os Gul'nog o local onde estavam? Era evidente, no entanto, que fissuras e fendas estreitas faziam a fumaça se dissipar e a levavam embora, não permitindo que fossem localizados. *Todavia.*

Pedro entrou no cômodo central e viu-se frente a frente com uma jovem de cabelos loiros caindo até os ombros e o rosto vermelho por causa da grande fogueira no centro da caverna.

– E então? – perguntou ela, com as mãos plantadas firmemente nos quadris. – O que você encontrou?

Capítulo

2

Pedro limpou a garganta ao olhar a irmã. Depois do longo silêncio das florestas, ele nunca mais se sentiu à vontade falando em voz alta.

– Não achamos muita coisa – disse ele simplesmente. – Nós... não pudemos ficar tanto quanto esperávamos.

– Por que não? – perguntou Júlia. – O que aconteceu?

Pedro afastou-se quando Gregório e alguns dos outros entraram no cômodo.

– Gregório – disse Júlia – o que você trouxe?

Gregório encolheu os ombros e depois fez careta enquanto segurava o ombro ferido.

– O que aconteceu com você?

– Vou ficar bom – respondeu Gregório, despedindo-se dela.

Pedro pegou as mochilas de Gregório e dos outros colhedores e as pôs na mesa da cozinha.

– Não sobrou muita coisa.

Júlia pôs a mão na boca.

– Não é o suficiente! De jeito nenhum. – Ela olhou acusadoramente para Pedro. – Deve haver mais comida em algum lugar. Quem sabe plantas que possamos comer, ou coelhos ou outra coisa qualquer. Você não está procurando direito. Amanhã à noite... amanhã você tem de continuar buscando.

Ela estava usando seu tom de voz arrogante de irmã menor. Se a situação fosse diferente, Pedro poderia também ter gritado com Júlia. Mas, apenas sacudiu a cabeça.

– Não podemos procurar comida amanhã à noite. Amanhã à noite iremos provavelmente mudar para um novo esconderijo.

Júlia pareceu alarmada.

– O quê? Mas acabamos de vir para cá. Por que temos de – oh!

– Fomos perseguidos esta noite – respondeu Pedro. Ele ajudou Gregório a sentar-se em um banquinho. – Havia um Gul'nog na floresta. Ele nos viu. Agarrou Gregório. – Pedro pensou novamente em sua tentativa de fugir. Se a criatura não o visse, teria sacrificado Gregório para salvar-se? – De todo modo estava próximo da

caverna – perto o suficiente para encontrá-la, caso leve amigos e nos persiga outra vez. Temos de ficar atentos.

Júlia foi até Gregório e tocou levemente em seu ombro.

– Como você conseguiu escapar?

Pedro e Gregório trocaram olhares. Os outros colhedores tinham ido dormir, mas estavam próximos o suficiente para ouvi-los.

– Nós... hum... – disse Gregório.

– Alguma coisa deve tê-lo assustado. Ou o chamou de volta. Uma corneta sinaleira – ao que penso – falou Pedro. – A criatura foi para um lado e nós para o outro. Mas não antes que ela tivesse quase arrancado o braço de Gregório.

Júlia acenou resoluta.

– Está bem então, vamos organizar uma vigília. Podemos fazer turnos de guarda na saída da caverna. O vigilante irá avisar-nos... se qualquer coisa aparecer. Agora Gregório, vamos cuidar de você.

À luz da fogueira, Pedro podia ver o semblante fechado de Júlia. Ela parecia esgotada – pensou ele – exausta pelas longas semanas de tensão e incerteza. Todos estavam.

Pedro deixou a irmã e foi até um afloramento de rocha do outro lado do fogo. Estava mais frio ali e o ar mais úmido; mas, pelo menos era particular. Ali teria espaço para pensar.

Fazia dois meses – oito longas e infindáveis semanas – desde que o vulcão explodira, soltando fumaça tóxica no ar e matando muitos dos bons cidadãos de Aedyn. Alguns dos maus cidadãos também, inclusive o capitão Ceres e seus companheiros de crimes.

Pedro sentia que cabia a ele e a Júlia tirar os sobreviventes daquela maldita ilha de Khemia e fazê-los voltar à terra que haviam conhecido antes, a terra que o Senhor dos Exércitos criara para aqueles homens, mulheres e crianças. Aedyn.

Nos dias que precederam a erupção, Pedro pensara que descobrira um meio. Uma profecia antiga falava de um talismã – um talismã que traria de volta o Senhor dos Exércitos e derrotaria a escuridão de uma vez por todas, *caso* as duas metades do talismã fossem reunidas. Eles haviam recuperado parte do talismã com o capitão Ceres e depois Júlia descobrira a outra metade em seu quarto, na casa da avó em Londres. A avó a encontrara em seu jardim e dera o ornato a Júlia. Pedro apertou bem os olhos ao pensar nisso e lutou contra as lágrimas de frustração que surgiram neles.

Deveria ter funcionado – estava *praticamente certo* que funcionaria. Mas, quando ele e Júlia reuniram as duas metades do talismã, não houve música, nem sinos, nem luz ofuscante. Nada. E a Sombra eclipsara o sol da mesma forma, como se não tivesse havido profecia ou talismã. Como se o Senhor dos Exércitos os tivesse

realmente abandonado.

Pedro sentiu que era observado. Os colhedores e o restante dos sobreviventes permaneciam espalhados pela caverna, conversando baixinho em grupos de cinco ou seis. Suas sombras dançavam nas paredes da caverna. O povo de Aedyn acreditara nele. Ele prometera fazer um plano – e confiaram em sua palavra. Mas agora sabiam que ele estava tão perdido e confuso quanto o resto.

Um movimento chamou a sua atenção – uma menina esbelta de olhos cinzentos e cabelo dourado. Ela se movia graciosamente entre as pessoas, ajoelhando-se ao lado de uma, colocando a mão fresca na testa de outra.

Luísa.

Ela parecia a única a não ser afetada pelo ar daquele cômodo. Desde a erupção do vulcão, ficara mais amável e mais alegre. *Alegria*, Pedro zombou. O que qualquer deles tinha para mostrar-se alegre? Mas ele não podia negar a transformação que ocorrera em sua meia-irmã.

Quando os três chegaram a Aedyn, caindo primeiro em um riacho gelado e depois atravessando o portal, Luísa só fizera chorar, desfalecer e exagerar. Fora bem insuportável, para falar a verdade – quase tão desagradável como quando estavam na casa deles. Mas, desde a erupção, ela não chorara nenhuma vez. E as pessoas pareciam confiar nela, acalmando os seus temores com as suas palavras de consolo. Parecia capaz de confortá-las de um modo que Pedro e Júlia, que se julgavam os Libertadores, não conseguiam.

Mas como eles *podiam* ser Libertadores? Não eram apenas adolescentes, mal sabendo cuidar de si mesmos quando estavam em Londres, muito menos em uma caverna cheia de sobreviventes sofrendores?

Pedro estendeu a mão e procurou uma saliência na rocha. Era pequena – não maior do que o seu punho – mas, com o passar dos séculos, a água destruíra sua borda e fizera uma pequena cavidade do lado debaixo. Pedro colocou a mão na poça, procurando o metal frio com a ponta dos dedos. Agarrando o talismã, ele o levantou até o rosto onde podia estudá-lo.

A luz era fraca demais para ver os detalhes, mas o rapazinho já o conhecia perfeitamente. Ele virou o objeto várias vezes na mão. Desde o dia da erupção, ele começara a brilhar com uma luz azul estranha. Não era possível ver o brilho, exceto que não estivesse completamente escuro, mas ele se achava ali. O talismã tinha a forma hexagonal, com duas longas laterais e, do lado de fora havia uma estrela de seis pontas. Quando as duas formas eram unidas rapidamente com um estalo como duas peças de um quebra-cabeça, supunha-se que iria chamar o Senhor dos Exércitos – pelo menos de acordo com a profecia. Só que não funcionara.



A profecia talvez representasse mais coisas – pensou Pedro. Talvez houvesse palavras mágicas que devessem ser pronunciadas, ou quem sabe seria necessário girá-las três vezes e depois cuspir antes de unir as peças. Ou talvez ainda, pensou Pedro um tanto desanimado, a profecia não passara de um conto de fadas o tempo todo.

Pedro colocou o talismã de volta em seu esconderijo e tentou dormir.



Era de manhã quando acordou. A fogueira apagara, mas suas cinzas ainda ardiam e alguém – Gregório – as alimentava com gravetos e ramos para fazê-las reviver. Não havia falta de madeira na ilha, pensou Pedro. Pelo menos isso era algo que podiam agradecer.

Ele esfregou os olhos, removendo deles a manhã e tirou as pernas da saliência, pousando-as no solo rochoso. As pessoas estavam deitadas no chão, enroladas em

cobertores e capas.

Oitenta e sete deles ao todo – homens, mulheres e crianças que haviam sobrevivido à explosão, se reencontraram em meio à confusão e juntos procuraram segurança. Oitenta e sete. Além de três jovens estrangeiros de outro mundo.

Júlia sentara com as pernas cruzadas no canto mais distante do cômodo, perto da entrada para o túnel. Pedro foi até ela e se atirou pesadamente ao seu lado. Júlia tinha os joelhos sob o queixo e os braços rodeando as pernas. Parecia afundada em pensamentos.

– Você está vigiando? – perguntou ele.

Júlia sacudiu a cabeça. – Tiago está lá na frente. Perto da entrada da caverna – pronto para tocar o alarme se os Gul’nog aparecerem. A garota estremeceu e seus enormes olhos fitaram o irmão. – Não sei o que faríamos se eles nos encontrassem. Não há para onde correr, onde esconder-se.

– Eu sei – falou Pedro. – É uma pena que este lugar não tenha saída pelos fundos. Quem sabe encontramos outro em que haja saída.

– Para onde podemos ir, Pedro? Teríamos de descobrir outra caverna e você lembra como foi difícil mudar as crianças da última vez. Tentar mantê-las quietas.

Pedro concordou com a cabeça.

– É preciso levar todos de volta a Aedyn, Júlia. É disso que necessitam e não de outra velha e malcheirosa caverna.

Ir para casa é o que esperam. É também o motivo de o Senhor dos Exércitos nos ter trazido aqui, certo?

Eles já haviam conversado sobre isso – examinando cem vezes as possibilidades. Tudo tinha relação com barcos. A erupção destruíra todas as embarcações dos Gul’nog e se houvesse um meio de construir um barco apropriado para viagens marítimas e suficiente para carregar noventa pessoas – sob o manto da escuridão e sem ser notado por um Gul’nog – sem ter qualquer ideia sobre construção de barcos ou de navegação, ele não sabia qual era.

Sons de movimentos se fizeram ouvir por trás deles. O grupo começara a acordar, com a barriga roncando e a garganta ressecada.

Não iriam, no entanto, se queixar – exceto as crianças. Pedro e Júlia, porém, veriam a decepção em seus olhos. Pedro rodeou a irmã com o braço e ela colocou a cabeça em seu ombro. Não pela primeira vez, ele desejou que não tivessem sido levados de Londres para aquela nova e estranha terra.

Ficaram durante algum tempo sentados naquela posição e ambos levantaram a cabeça ao ouvir passos vindos do túnel. Pedro se colocou em pé, preparado para qualquer tipo de vilão que aparecesse. Gostaria de ter pelo menos o canivete de Gregório. Precisavam realmente fazer mais armas.

Acabou sendo apenas Tiago, mas o rosto dele empalidecera visivelmente.

– O que foi? – indagou Pedro. – Você viu alguma coisa?

Tiago simplesmente afastou-se calado e Pedro então percebeu que ele não estava só.

Por trás dele, mal saindo do túnel, achava-se outro homem, alto e musculoso, com ondas de cabelo dourado caindo em seus ombros.

Pedro demonstrou surpresa.

– Quem é você?

– Vim a mando do Senhor dos Exércitos – disse o estranho. – Pensei que estivessem me esperando.

Capítulo

3

O estranho permaneceu ali por algum tempo. Em seu rosto surgiu um sorriso preocupado.

– Meu nome é Peras. Vocês estavam esperando ajuda... não é?

Pedro cerrou os punhos, pronto para qualquer coisa.

– De onde você veio? – perguntou, semicerrando os olhos. – Se foi realmente enviado pelo Senhor dos Exércitos... Por que demorei tanto?

O estranho manteve os olhos em Pedro, ignorando a curiosa multidão que se formava atrás dele.

– Khemia não é fácil de achar. Viajo para chegar aqui desde que você e sua irmã uniram as duas partes do talismã.

Ele então sabia do talismã. Ele funcionara, afinal de contas! Pedro sentiu-se aliviado, fechou as mãos e depois estendeu uma delas para apertar a mão de Peras com a sua.

– Bem-vindo! Você é bem-vindo neste lugar.

Pedro virou-se para falar ao grupo.

Peras, no entanto, levantou as mãos e disse:

– Trago saudações do Senhor dos Exércitos – gritou em voz forte – voz alta demais para a pequena caverna. Suas palavras ecoaram pelas paredes apertadas do local e reverberaram ao redor do cômodo.

– Vim para livrar vocês da Sombra e levá-los de volta a terra que conheceram antes – Aedyn.

Ele continuou a falar, mas ninguém conseguia ouvir suas palavras por causa dos aplausos. As pessoas se reuniram ao redor de Peras, bombardeando-o com perguntas e apertando sua mão. Se houvesse espaço, elas quem sabe o colocariam nos ombros e dariam voltas com ele pela caverna – e Pedro iria à frente. Ele se apresentara como um Libertador. Seria bom então ter um pessoal para si.

– O que é isto?

Uma voz descontente fez-se ouvir em meio ao tumulto. Pedro levantou os olhos e viu Luísa saindo de um cômodo ao lado. Seus olhos chamejavam de emoção. Ele não tinha ideia do que era, mas não parecia ser de contentamento. Na realidade,

parecia medo.

– Luísa – ele correu até ela. – Este é Peras. Ele é um servo do Senhor dos Exércitos. Veio quando ativamos o talismã. Veio para levar o povo para casa!

O grupo exultou outra vez ao ouvir suas palavras. Eles teriam certamente continuado a celebrar se Luísa não os desencorajasse de novo.

– Então, ele apenas aparece em nossa caverna, dizendo que é enviado do Senhor dos Exércitos, e vocês acreditam nele?

Pedro sentiu a felicidade indo embora.

– Mas...

– Todos vocês – disse Luísa ao povo de Aedyn. – Como sabem que podem confiar nesta... pessoa?

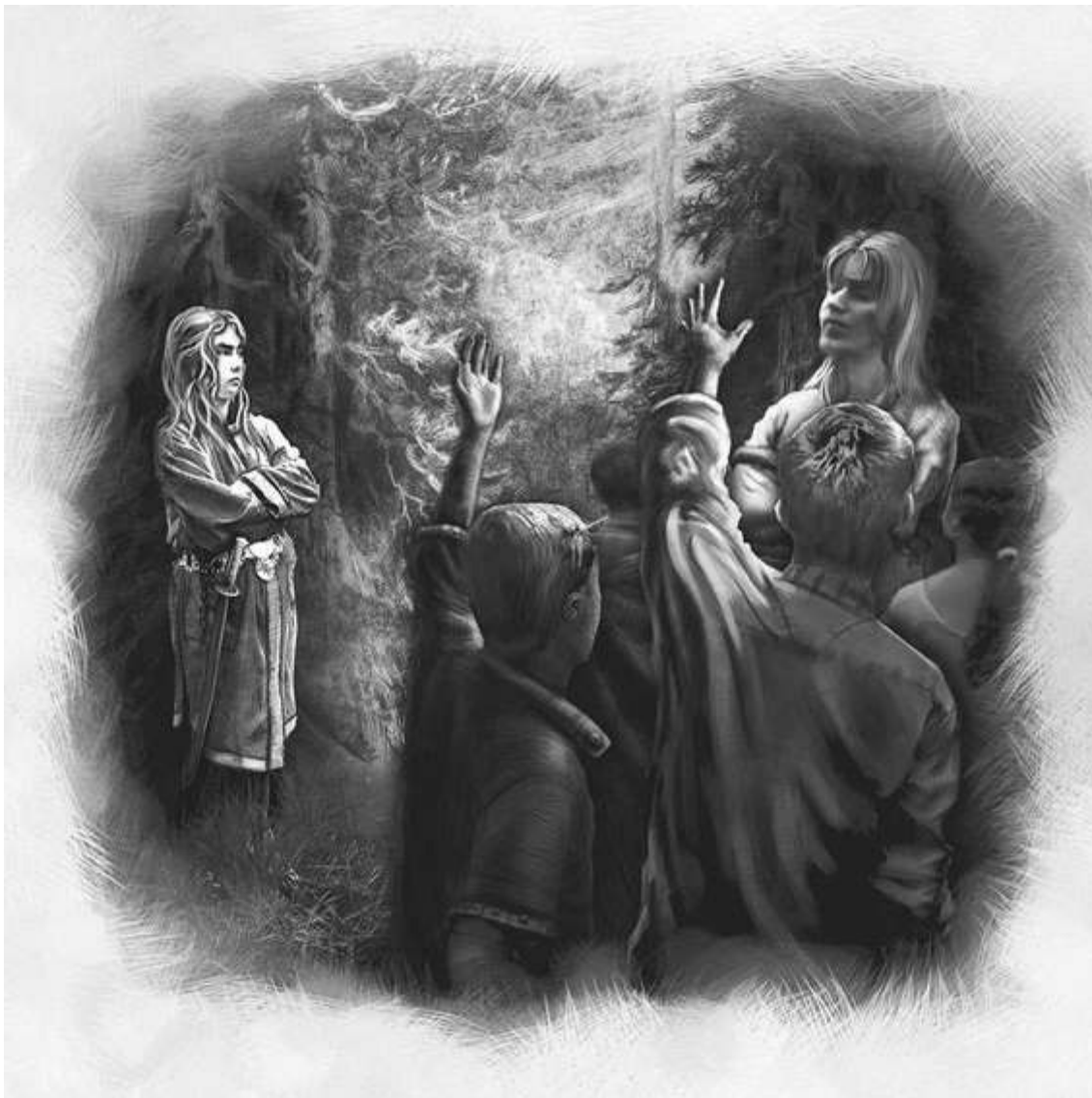
– Luísa – interferiu Pedro – por favor, você está fazendo uma cena. De que maneira ele teria nos encontrado se o Senhor dos Exércitos não o tivesse enviado?

– Como ele poderia encontrar-nos? – respondeu ela em voz bem alta. – Fiquei sabendo que você e Gregório foram descobertos pelo inimigo ontem mesmo. Nosso esconderijo não está mais oculto, Pedro. O Senhor dos Exércitos não seria o único a encontrar-nos agora.

Pedro olhou para Luísa. Nunca pensara que ela pudesse falar daquele jeito. Petulante e terrível antes, mas no geral bondosa e pacífica desde que chegaram ali. O que acontecera com ela? Ele fitou seu rosto pálido e abatido. Os olhos dela se estreitaram ainda mais ao olhar para o recém-chegado em sua caverna. – E se...

Peras levantou as mãos para silenciar as pessoas que o rodeavam. Todos se calaram e um sorriso pairou nos lábios dele.

– Querida menina, você não tem nada a temer. Vim do trono do Senhor dos Exércitos para esta hora de necessidade. – Ele voltou os olhos bondosos para os outros. – Como sabem, os barcos foram destruídos. E os Gul’nog nunca se afastam muito. Na verdade, estão perto de descobrir novamente o seu esconderijo, como você disse. – Seus olhos se concentraram em Luísa.



– Vim para ajudá-los a construir novas embarcações. Vou levá-los de volta a Aedyn, onde a Sombra jamais os achará outra vez.

– É claro – pensou Pedro. Novos barcos. Finalmente alguém que poderia ensiná-los a construí-los e navegar.

– Por que devemos acreditar em você – replicou Luísa, estragando tudo outra vez.

– Não conhecemos você. Nem sabemos se a Sombra não se espalhou também sobre Aedyn. Podemos vê-la movendo-se no horizonte. Quem é você para dizer que Aedyn é mais seguro do que esta ilha – ou esta caverna?

– Eu sou Peras – o estranho quase gritou. – Falo com a autoridade do Senhor dos Exércitos. Vão me obedecer – desculpem. Vão *acreditar* em mim porque sou servo dele.

Algun tempo se passou em silêncio. Ninguém disse nada. Pedro refletiu se seria ou não prudente falar alguma coisa.

O olhar de Luísa não enfraqueceu. Ela tirou os olhos de Peras, voltando-os para Pedro.

– Marque minhas palavras, irmão, Peras vai trair todos nós.

– Cale-se, Luísa! – replicou ele. – Você não sabe o que está dizendo – e olhou outra vez para o salvador deles, Peras, que desviou finalmente o olhar de Luísa.

– Venha, Pedro. Chame os seus homens mais valentes. Temos de planejar a sua fuga.

Peras escolheu dez homens – Pedro, Gregório, Orrin e o restante dos colhedores noturnos. Dirigiram-se então todos juntos para a fogueira e conversaram até altas horas.



Júlia não conseguia dormir. Ficou revirando-se no leito, desejando adormecer rapidamente sem sequer sonhar. O chão rochoso, entretanto, parecia mais duro do que o usual, seu surrado cobertor não conseguia aquecê-la e o pingar constante das estalactites martelava sua cabeça.

Ela pensou com saudades na sua cama em casa – teve vontade de afundar-se naquela pilha de cobertores e travesseiros macios. Resmungou e virou de lado, tentando ajustar-se a uma nova posição. Algumas coisas, decidiu então, você não consegue apreciar até que desapareçam.

Ninguém parecia estar dormindo muito. Peras e seu grupo de homens – Pedro entre eles – estavam amontoados junto ao fogo. As chamas davam a seus rostos um brilho estranho e lançavam suas sombras contra as paredes da caverna. As vozes deles eram baixas, pontuadas por risadas ásperas. Júlia não gostou do som daqueles risos. Não estava também acostumada a não participar das coisas. Gaius não a deixara de fora.

Gaius. Júlia fez um som que poderia ter parecido um ronco ao virar-se outra vez. Fora Gaius que chamara todos eles para Aedyn. Ele dissera que eram os Escolhidos e lhes mostrara como derrotar os três lordes sombrios que mantinham Aedyn cativa em sua mão poderosa. A seguir, não muito depois de as pessoas terem sido libertadas, Gaius chamara Pedro, Júlia e agora Luísa, fazendo-os atravessar o portal e entrar de novo na vida do povo de Aedyn. Só que desta vez a tarefa não fora tão fácil.

O povo fora capturado e levado para a ilha de Khemia pelo capitão Ceres e os Gul'nog.

Eles haviam sido forçados a cavar na base de um vulcão, procurando algo que nunca lhes disseram o que era. Seus senhores foram cruéis e o povo definhou sob os chicotes deles.

Gaius só passara a ajudar no final, dando a Júlia uma oportunidade de voltar para casa e recuperar a peça que faltava no talismã. Ela algumas vezes se perguntara se

realmente o vira. Ele certamente não tivera qualquer preocupação com mostrar o rosto desde então.

Gaius, onde você está? Não vai aparecer agora?

Júlia inclinou a cabeça e viu que mais alguém se mantinha acordado. Luísa voltara e se pusera em um canto distante da caverna, falando baixinho e inclinándose sobre alguém no escuro. Deveria ser Gregório ainda sentindo dores devido ao encontro com o Gul'nog.

Júlia observou a meia-irmã por um instante. Luísa moveu-se devagar e deliberadamente, colocando por um momento a mão sobre a cabeça do paciente, ajeitando seus curativos, curvando-se para dizer uma palavra agradável em seu ouvido.

É possível que Luísa sentisse Júlia a observá-la, pois levantou a cabeça e sorriu na direção dela. O sorriso era fraco – quase compassivo. Era estranho acreditar que ela tivesse enfrentado Peras daquele jeito.

Júlia levantou-se, puxando o que restara do cobertor sobre os ombros. Ela passou por cima dos corpos adormecidos do pessoal de Aedyn e procurou um caminho até Luísa.

O paciente era de fato Gregório. Ele dormia aos arrancos, às vezes consciente outras não. Só parecia acalmar-se sob o toque de Luísa. Esta, porém, dava a impressão de que por sua vez precisava de alguém para cuidar dela. Sua face estava abatida e pálida. Os círculos roxos sob os olhos indicavam que não dormia havia dias. Todavia, ao seu redor pairava um ar de serenidade que Júlia não conseguia compreender.

Ali estava Luísa, sua terrível meia-irmã, que nas melhores circunstâncias era um dos seres humanos mais maldosos que Júlia já tivera o desprazer de encontrar. Mas, bastara arremessá-la em um buraco odioso e ela se transformara completamente. Luísa se tornara... bem, não era por nada que as pessoas começaram a chamá-la de Consoladora.

– Pensei que você estivesse perto da fogueira – disse Luísa, levantando a cabeça ao vê-la aproximar-se.

– Ao lado de Peras, Pedro e os outros. Planejando o nosso ‘resgate’.

– Peras não me escolheu – replicou Júlia, tentando – mas não tendo muito êxito – forçar um riso vazio. – Suponho que não sou mais a Escolhida.

A expressão de Luísa não mudou ao olhar para a fogueira e os homens ao seu redor.

– Não – disse ela com uma nota estranha na voz. – Peras só escolheu os mais fortes para o seu pequeno exército.

– Não é um exército – redarguiu Júlia. – Você não entende, ele está aqui para ajudar-nos na fuga – não para lutar.

Ele vai ajudar-nos a construir barcos e mostrar-nos o caminho de volta para Aedyn.

Luísa ficou curiosamente calada. Seus lábios se comprimiram e ela balançou a cabeça uma vez.

– Quer ele use nossos próprios homens ou... outros... vai decididamente levantar um exército.

– Contra os Gul’nog?

– Não, boba. Contra mim.

Capítulo

4

-*Contra você?* – disse finalmente Júlia. – Mas você não é ninguém. Não é ofensa. Quero dizer, você não é daqui e não foi chamada como nós. Você só veio por acidente, pois nos seguiu para criar problemas para nós.

Luísa sorriu outra vez com compaixão e voltou ao seu paciente.

Júlia suspirou e deixou Luísa ali, voltando por entre os corpos adormecidos até o seu lugar perto da fogueira. Os homens continuavam todos no mesmo lugar, agachados junto às chamas, mas só Peras parecia falar no momento. Quase aos sussurros. Júlia esforçou-se para ouvir, mas não escutou mais do que palavras ocasionais.

Ela estava cansada demais para continuar acordada. Teria de pedir a Pedro que explicasse tudo pela manhã. Seu estômago roncou, mas Júlia afastou da mente a ideia de fome, virou-se e caiu em um sono agitado.



Pedro observou Peras atentamente, toda as suas esperanças presas em cada palavra dita por ele. Finalmente – finalmente, ali estava a libertação pela qual todos haviamorado. E Pedro, que se imaginara o Escolhido, nunca se sentira tão feliz por ter-se livrado da responsabilidade.

– A Sombra ainda não se estendeu até muito longe – respondeu Peras naquele tom amável, confortador. – Não até as fronteiras de Aedyn. Mas, não temos muito tempo. Onde a Sombra vai, os Gul’nog a seguem. Ela já tomou as ilhas de Melita e Tunbridge.

O que acontecerá quando ela chegar a Aedyn? – perguntou Pedro. – Você vai nos ajudar na luta?

– A Sombra não vai estender-se até tão longe – respondeu Peras, sacudindo a mão como se para apagar a pergunta.

– Mas, se...

– Confie em mim – disse Peras.

Pedro confiou.

– Vamos construir jangadas durante a noite e dormir de dia – Peras avisou os homens. – Teremos de recolher materiais do lado de fora da caverna sem ser descobertos; mas, parece que vocês já são especialistas em evitar os Gul’nog. Ele piscou para Pedro. – Quando as jangadas ficarem prontas – disse – vocês nove e eu – iremos cada um chefiar uma. Vou levá-los de volta a Aedyn. Conheço o caminho.

Pedro respirou aliviado. Graças a Deus por aquele talismã. Peras fora levado até o grupo por ele e sem Peras estariam realmente perdidos.

– Vou chefiar a procura de alimentos – falou Pedro. – Se você me disser o que devemos procurar, nós acharemos – desde que não sejam cogumelos.

– Nada de cogumelos – disse Peras com um sorriso. – Vou cuidar da comida. O Senhor dos Exércitos sustenta seus filhos.

Não comeriam mais cogumelos! Esperem só até Júlia saber disto. Pedro sentou-se com um sorrisinho. Aquele Peras estava se saindo um grande sujeito – um ótimo camarada na verdade.



– Gravetos, gravetos, gravetos – disse Pedro examinando o chão da floresta. – Gravetos e plantas trepadeiras.

– Essa não é suficientemente grande – disse Orrin.

Pedro virou-a na mão, examinando-a com seus olhos ainda inexperientes e atirou-a nos arbustos.

– *Shhh!* – Orrin o conteve. – Você nunca sabe onde eles vão estar.

– Não aqui – replicou Pedro. – Eles deixaram de patrulhar esta área. Não vi um Gul’nog desde que Peras chegou.

– Você não sabe se eles pararam. Poderiam estar planejando alguma coisa. Não acho que uma pequena precaução seja fora de propósito.

Pedro concordou. Ficaria calado e satisfaria Orrin, mas sabia que estava a salvo agora. Todos estavam salvos. Ele sentia isso nos ossos; o perigo passara com a chegada de Peras.

Pedro tropeçou em outro graveto e abaixou-se para pegá-lo. Era maior desta vez. Grande o suficiente para ser usado, conforme o aceno afirmativo de Orrin. Pedro colocou-o na pilha – com cuidado agora.

Haviam completado a pilha. A colheita fora melhor do que na noite anterior. Procuravam gravetos e toras para construir as jangadas e plantas em forma de cordas para unir as toras. Essas plantas eram mais difíceis de encontrar – não muitas cresciam naquele clima viciado – mas eles haviam recolhido o suficiente para aquela

noite. O bastante para satisfazer Peras.

– Vamos – disse Pedro. – Já temos o bastante. Hora de voltar.

– Será que Peras achará suficiente? – perguntou Orrin. – Você lembra como ele estava há duas noites.

Pedro ficara confuso com a raiva de Peras naquela noite. Parecera tão despropositada. Mas *havia* urgência. Eles tinham de construir as jangadas antes que os Gul'nog voltassem a procurar o seu esconderijo.

– Temos duas vezes mais cordas do que tínhamos naquela noite – falou Pedro, com a cabeça o mais levantada possível. – Vocês não têm de se preocupar.

– Por que ele...

– Não temos de nos preocupar. Vamos. Pegue esses gravetos e leve-os para casa.

– Casa – disse Orrin sombriamente. – Casa é Aedyn, Pedro, e não uma caverna malcheirosa.

– Então vamos nos apressar e em breve teremos o bastante. – Pedro abaixou-se e encheu os braços com uma porção de galhos e cordas onduladas. Ele quase caiu com o peso, mas endireitou-se e respirou fundo.

– Sinto-me bem em procurar algo além de cogumelos – disse com uma risada.

Isso fez que se lembrasse de que a carne-seca suprida por Peras fora uma boa novidade em contraste com os cogumelos, mas não tinha sido exatamente o que esperava. Não importa. Por que perderiam tempo obtendo comida interessante quando havia tanta pressa em sair daquele lugar? Poderiam festejar em Aedyn.

Eles se dirigiram à caverna, deixando cair alguns galhos e folhas pelo caminho. A caminhada era difícil no escuro. Apesar de parecer que os Gul'nog tinham abandonado a busca do grupo, ninguém era insensato o bastante para deixar a segurança da caverna à luz do dia.

Pedro tentou conversar com Orrin várias vezes, mas este só respondia com um grunhido.

O rapazinho ficou irritado com o silêncio dele – estava animado e havia mil coisas a serem discutidas: como seriam construídas as jangadas, quando partiriam, como Peras conseguiria navegar até Aedyn naquelas águas traiçoeiras? Ele não gostava de andar em silêncio daquele modo agora que não havia mais necessidade disso.

Estavam ainda a cerca de 400m da entrada da caverna quando ouviram os gritos. Gritos de muitas pessoas. Pedro e Orrin se entreolharam, deixaram cair os galhos e correram em direção ao som.

Eles tropeçaram na escuridão e se apressaram ainda mais sem lembrar-se das pontas dos ramos, disparando por entre a vegetação rasteira a fim de chegar logo em casa. Cansados com o exercício, pararam nas últimas sombras diante do despenhadeiro.

Orrin agarrou a camisa de Pedro e o fez abaixar-se nos arbustos.

Pedro quase gritou. Os Gul'nog finalmente os encontraram. Parecia que eles haviam esmagado as paredes dos túneis –rebentando os punhos contra a rocha sólida – a fim de alargá-la. A passagem estreita não os salvou afinal. As criaturas entravam e saíam da fortaleza do povo, uma pilha de escombros aos seus pés.

As pessoas corriam, perseguidas pelos enormes monstros. Na pálida luz da lua, Pedro podia distinguir as figuras – ali estava Alice com seu filho de cinco anos, Alexandre, apertado em seus braços. Gregório se achava ali também, com a mão boa protegendo o ombro oposto. Viu igualmente Matias, com uma perna curiosamente dobrada e arrastando-se atrás da outra. – Onde estaria Peras? – perguntou-se Pedro urgentemente. Ele deveria estar aqui. Deveria...

Sua mente congelou-se. Ali – que o Senhor dos Exércitos a proteja! – estava Júlia.

Ela fugia em direção à segurança das árvores, com um pequeno pacote na mão e um Gul'nog perseguindo-a ferozmente. Corria a toda velocidade. Mas, sua pressa não se igualava aos passos largos do monstro que tentava alcançá-la. Chegou até a moça num momento. Seu punho voou pelo ar e bateu na cabeça de Júlia.

Júlia caiu sem um som, desmoronando no chão da floresta e ficando ali, sem mover-se, entre a terra e as rochas.

Pedro queria gritar – correr para o lado dela – matar o Gul'nog com as próprias mãos; mas, não precisou da pressão dos dedos de Orrin em seu braço para avisá-lo de que devia permanecer escondido. Manteve os olhos na irmã, desejando que se movesse, mostrasse qualquer sinal de vida, mordeu os lábios até sangrarem.

O Gul'nog inclinou-se e revirou o pequeno embrulho que Júlia estivera carregando. Pedro não podia ver o que era, mas o Gul'nog parecia encantado com a descoberta. Ele pegou a corneta pendurada em um cordão no pescoço, levou-a à boca e tocou uma nota longa e baixa.



Era um som que Pedro reconhecia – já o ouvira uma vez, naquela noite em que o Gul’nog se virara subitamente e deixara os dois, ele e Gregório, sozinhos.

Como acontecera naquela noite, a corneta deu algum sinal aos outros. Os Gul’nog pareceram levantar a cabeça e se retirar todos juntos. Num segundo as monstruosas criaturas deixaram vazia a entrada da caverna. O som de seus passos ecoava pela floresta enquanto seguiam para o oeste.

Pedro correu até a irmã. Corpos feridos e gemendo se espalhavam pelo chão. Seus amigos se encontravam ali, sofrendo, agarrando membros quebrados. Pedro, no entanto, cambaleou entre eles, não pensando em ninguém senão Júlia.

Ela estava onde o Gul’nog a deixara, com o braço torcido em um ângulo esquisito abaixo do peito. Quando Pedro tentou tocá-la, sentiu um líquido quente e pegajoso correndo entre seus dedos.

– Júlia, – disse ele num sussurro urgente – *Júlia!*

Uma vez, duas, e ela abriu os olhos. Olhou por um momento para Pedro e depois suas pálpebras se fecharam novamente.

– Júlia!

– Deixe que ela durma – disse uma voz baixa e suave em seu ouvido.

Pedro olhou para cima assustado.

Era Luísa. Uma linha fina e escura serpenteava pelo seu rosto e a barra de sua saia estava em tiras quase até os joelhos. Ela estendeu a mão para tocar a testa de Júlia, deixando os dedos percorrerem seus cabelos. – Ela precisa dormir agora.

Pedro concordou, forçando para baixo o nó que se instalara em sua garganta.

– O que aconteceu?

– Eles vieram – disse Luísa simplesmente. – Peras contou aos monstros onde nos escondíamos e eles vieram até nós.

Pedro quase riu – Isso é ridíc...

– Peras nos traiu – A voz dela não estava raivosa. Parecia apenas cansada.

– Eu disse a você que ele faria isso, Pedro, lembra-se? – Ela voltou os olhos para a frente da caverna. – Os Gul’nog quebraram a rocha sólida a fim de nos achar. As pedras começaram a cair e parte do teto desabou para trás. Todos se puseram a correr e gritar e ninguém sabia para onde ir. Os monstros os encontraram antes que pudessem escapar.

– Quem? – perguntou Pedro, engolindo as palavras. – Quem não conseguiu fugir?

– A maioria de nós – respondeu Luísa de olhos fechados, balançando o corpo enquanto recitava a lista de nomes. – Lionel, Alexandra, Simeão, Celeste, Frederico, Elmira, Godofredo, Carmo.

Ela prosseguiu, mas a mente de Pedro parou de registrar depois de trinta ou mais nomes. Um suspiro escapou de seus lábios e lágrimas furtivas molharam seus olhos. Luísa citou meninos e meninas, homens e mulheres mais velhos. A maioria das pessoas que ele prometera proteger.

Sacudiu, porém a cabeça, aquele não era o momento de lamentações. As lágrimas não eram científicas. Chorar não traria os mortos de volta e havia trabalho à frente. Jangadas para construir. E agora, embora sofresse ao fazer tais cálculos, teriam menos jangadas para construir e poderiam deixar aquela ilha maldita mais cedo.

Um brilho na noite escura chamou sua atenção. Ele abaixou-se e pegou uma faquinha. Parecia aquela que Gregório usara para remover os cogumelos na floresta. Iria devolvê-la. Enquanto isso, porém, apenas colocou-a na cintura e levantou-se.

– Peras – disse Pedro. – Peras saberá o que fazer. Vou procurá-lo.

– Peras. – Luísa cuspiu a palavra como se tivesse um gosto azedo na boca. – Peras tem mentido para você desde o começo, Pedro. Se ele fosse um verdadeiro mensageiro do Senhor dos Exércitos, por que levaria tanto tempo para aparecer? Por que os Gul’nog aparentemente abandonaram a caçada no dia em que Peras chegou? Por que ele apareceu um dia depois de os Gul’nog encontrarem você na floresta?



Como os Gul'nog nos acharam no esconderijo sem sequer terem feito uma busca? Vieram direto até nós. E por que, meio-irmão, Peras escolheu esse exato momento para ficar longe?

Ela meneou a cabeça.

– Esta não é uma desgraça normal, Pedro. Não é uma Sombra da qual você possa fugir. Você pode correr para Aedyn e fingir que ela não existe. Mas, vai chegar lá. É hora de levantar-se e lutar. – Luísa fitou Pedro de olhos bem abertos, seu olhar penetrou fundo nele.

O olhar de Pedro se afastou do dela e o rapaz ficou em pé. – Vou procurar Peras. Ele saberá o que fazer. Cuide de Júlia.



Luísa ficou observando enquanto ele desaparecia na noite. Pedro ainda não acreditava nela. E Júlia – ela tocou novamente a testa da meia-irmã – precisava de repouso.

A garota ficou em pé e olhou à sua volta. Muitos dos cidadãos de Aedyn haviam caído perto do entulho na entrada da caverna, Outros desfaleceram próximo às árvores. Alguns se moviam, arrastando-se pelo chão, procurando os familiares. Muitos, como Júlia, jaziam inertes. Mas, ao contrário de Júlia, a maior parte deles não mais se levantaria.

Luísa fechou os olhos e respirou fundo, aspirando o ar. Ela lembrou-se da luz que surgira naquele dia, pouco antes da erupção.

Lembrou-se de como fora chamada. E saiu para trabalhar.

Dirigiu-se primeiro aos que estavam sofrendo – aqueles que pediam em voz alta a ajuda do Senhor dos Exércitos. Ela moveu-se devagar entre eles, um de cada vez, rasgando da saia ou da própria roupa deles curativos improvisados para cobrir as feridas. Ao seu toque, os gritos das pessoas se acalmavam e sua coragem se renovava.

Luísa viu então um rosto que já conhecia melhor do que o de outros – um rosto que lhe dera as boas-vindas logo no começo.

– Alice – disse Luísa – você parece machucada.– O pé de Alice estava torcido debaixo dela em um ângulo estranho e, mesmo sob a Sombra, Luísa pôde ver seu rosto cor de cera. Ela parecia estar sussurrando alguma coisa e Luísa se aproximou ainda mais para ouvir.

– Al...Alexandre...

O filho dela. Onde estaria? Alice nunca deixava que o filho saísse de seu lado.

Alice estendeu a mão e pegou na de Luísa, suas unhas cravadas na palma da dela.

– Ele estava comigo... eu o segurava.

– Vou achá-lo – disse Luísa. – Vou achá-lo para você.

Ela se ajoelhou ao pés de Alice e estendeu a mão fresca para tocar o tornozelo da amiga. Já começara a inchar.

– Vou cantar uma música para você – disse ela a Alice. – Preciso que descanse aqui e quando acordar Alexandre estará a seu lado.

Os olhos de Alice já tinham fechado enquanto concordava.

Luísa entoou primeiro um trecho de uma melodia e depois começou a cantar em voz baixa:

*Os dois se unem, os dois se tornam um,
Com a união vem o poder, o controle sobre todos.
Inundada pela luz, a sombra cairá.
O Exército voltará; a escuridão cairá.*

Alice adormecera quando ela terminou.

Luísa ficou em pé e observou a cena, seus olhos desesperados procurando uma

criança pequena. Se ele estava com Alice durante a caçada, não poderia ter ido muito longe. Não estaria nos escombros... deveria ter fugido. Mas, por que deixaria a mãe? Os Gul'nog o teriam levado como...

Luísa sentiu alguém puxando os frangalhos de sua saia. Olhou para baixo e viu o menininho de cinco anos, pequeno, imundo, de olhos assustados. Luísa abaixou-se e carregou-o.

– Alexandre! Estávamos procurando você. – Ela abraçou-o com força.

– Eu estava escondido – disse ele. – A mamãe ficou machucada e os monstros vinham chegando.

– Menino esperto – disse Luísa gentilmente. – A mamãe só machucou o pé, mas vai ficar boa logo, Está dormindo agora.

Alexandre fez que sim, com o rosto apertado no ombro de Luísa.

– E agora eu preciso que você seja muito corajoso – disse Luísa. – Temos de achar as pessoas que estão mais feridas e colocá-las de volta na caverna. Vai ser perigoso para elas se ficarem aqui fora muito tempo.

– Mas, e se os monstros voltarem? – perguntou Alexandre, com os olhos arregalados ao fitá-la.

– Eles não virão – disse uma nova voz por trás dela.

Era Orrin, surgindo em meio às árvores.

– Não esta noite, – disse ele. – E nós vamos procurar um novo esconderijo amanhã.

– Pedro saiu para ver Peras – falou Orrin a Luísa. – Vamos ajudar o restante dessas pobres pessoas a voltarem lá para dentro.

Não levou muito tempo para terminarem o trabalho. Alexandre correu na frente deles, chamando os amigos pelo nome quando os encontrava. Luísa e Orrin carregaram juntos os feridos para dentro. Durou pelo menos uma hora até conseguirem transportar todos. Os que estavam menos machucados começaram a tratar dos mais fracos.

– Mais pacientes para você, Consoladora – disse Orrin com um sorriso.

Luísa sorriu e deu uma olhada para o céu diante dos escombros que haviam sido o seu túnel. Seria madrugada antes que percebessem, e Peras e Pedro ainda se achavam na floresta. O que Peras faria a Pedro quando se encontrassem? Ela voltou-se outra vez para os feridos. Eram eles que precisavam dela agora.

A garota foi então para o lado de Júlia. O sangue coagulara e secara em seu cabelo e quando Luísa pegou sua mão ela começou a acordar de seu sono. Piscou e olhou para a meia-irmã como se ela fosse uma completa estranha.

– Pedro – disse ela. – Pedro está bem?

– Ele saiu à procura de Peras – respondeu Luísa. – Você lembra o que aconteceu?

– Os Gul'nog vieram – disse Júlia. – E não conseguimos lutar contra eles.

– Mas isso não vai continuar assim por muito tempo – retrucou Luísa.

– Vamos levar a luta até a Sombra, Júlia. Ela não vai derrotar-nos – *não vai!* Você e eu – nós vamos mostrar aos Gul’nog que o povo de Aedyn ainda pode levantar-se. Vamos mostrar para eles que o povo do Senhor dos Exércitos tem um poder que eles não podem igualar!

Júlia deu um risinho leve e depois colocou a mão no rosto com um gemido.

– Não tente mover-se muito ainda – disse Luísa. – Você levou um golpe terrível na cabeça.

– Eu estava tentando fugir de... Eu tinha... Oh, não! – Júlia sentou-se, estremeando ao fazer isso. Apalpou o chão ao seu redor como se procurando um objeto perdido.

– O que é? O que está procurando?

– O talismã! – disse Júlia gemendo outra vez. – Eu o tirei do esconderijo onde Pedro o colocara quando soubemos que os Gul’nog estavam chegando. Eu o tive nas mãos!

– Você não tinha nada nas mãos quando a encontramos – disse Luísa intrigada. – Eu teria notado.

– Você certamente o teria visto – replicou Júlia. – Tem um brilho azulado. – Ela estremeceu. – Aquela miserável criatura deve tê-lo roubado. Que lástima... Pedro ficará furioso quando souber. Oh! Por que não o deixei onde estava?

O rosto de Luísa empalideceu. O talismã.

– Porque se você o tivesse, os Gul’nog nos teriam matado a todos até encontrá-lo. Por ter saído com ele, você na verdade nos salvou.

Júlia não pareceu confortada com essas palavras.

– Acho então que teremos de roubá-lo de volta. E *depois disso* enfrentaremos a Sombra.

Capítulo

5

Pedro correu por entre as árvores, sem prestar atenção ao barulho que fazia. Os Gul'nog tinham ido para o oeste e ele se dirigia para o leste. Além disso, não se importariam muito com ele de qualquer modo. Já haviam feito o seu trabalho noturno.

O rapazinho não ousou chamar Peras; mas, na verdade não precisava. Sabia exatamente onde ele se achava: lá embaixo, nas praias; examinando o lugar de onde partiriam e os suprimentos que haviam reunido. Não era muito longe e mesmo no escuro conhecia o caminho.

Pedro já respirava com dificuldade ao aproximar-se do mar. Ao contrário das praias maravilhosas de Aedyn, aquele litoral era pedregoso e sem graça. As ondas escuras batiam nas rochas e o vento soprava ao redor da cabeça de Pedro. Aqui, pelo menos podia respirar livremente. Aqui, o cheiro viciado parecia ter desaparecido.

Pedro dobrou-se, pressionando os joelhos com as mãos e engolindo as lufadas de vento. Mesmo no ar frio ele suava e agora que parara de correr, podia sentir cada músculo gritando, sentir as centenas de arranhões causados pelos gravetos e ramos que cortaram seus braços e pernas enquanto corria. Mas, depois de um momento, endireitou-se e olhou ao redor, percebendo que estava completamente sozinho.

Onde Peras tinha ido?

Pedro esquadrinhou a praia, procurando a figura familiar de Peras. Não estava em lugar algum. Pedro rodeou a boca com as mãos em concha e chamou Peras – não muito alto, pois não havia necessidade de enfrentar riscos. Não teve, porém, resposta.

Depois de um momento Pedro deixou-se cair sobre uma rocha com o queixo nas mãos. Se Peras não estava ali – se não estava investigando o ponto de partida deles – então, onde estaria ele?

Será que Luísa tinha razão?

Ele sacudiu a cabeça. É claro que não poderia ser isso. Ela estava delirando quando dissera aquelas coisas sobre Peras. A tensão do ataque dos Gul'nog é que a fizera falar desse modo. Peras deveria estar por ali – ou então passara por ele na

floresta.

Claro que era isso. Ele tivera tanta pressa para chegar à praia que nem notara Peras no escuro. Como fora tolo! E agora devia certamente voltar e ajudar Luísa na caverna – ver como Júlia se achava. Peras já teria voltado para lá e agora todos certamente estariam à sua procura.

Pedro ficou em pé e olhou para o caminho que havia feito. A floresta parecia terrivelmente escura. Ele daria qualquer coisa para ver o sol de novo, para correr sob um céu azul brilhante. Mas, por agora, viviam debaixo da Sombra.

Não por muito mais tempo, pensou. Em breve estariam em Aedyn e a Sombra nunca os tocara ali. Com esse pensamento alegre na cabeça e um sorriso nos lábios, Pedro voltou à floresta na direção da caverna, balançando os braços enquanto caminhava.

A viagem de volta parecia mais rápida – é surpreendente como uma boa atitude ajuda você! Ele até assobiou um pouco ao chegar à parte do caminho que sempre o preocupava mais – o pedaço que acompanhava a beirada de um despenhadeiro. E não demorou muito para encontrar-se de volta à entrada da caverna.

Júlia e os outros tinham desaparecido. Luísa deveria tê-los levado para dentro. Havia ainda alguns corpos ali, pessoas que ele conhecia. Precisavam começar a enterrá-los imediatamente. Pedro subiu pelas rochas e entrou na caverna. A cena com que se deparou, no entanto, não era o que esperava.

Peras havia de fato voltado à caverna. Ele se achava na frente da entrada, com alguns dos homens das jangadas ao seu lado. Mas não parecia estar organizando os feridos ou preparando as pessoas para começar o enterro dos mortos, ou trabalhando nas jangadas. Encontrava-se na frente de Luísa, com os braços compridos nos quadris e sem mostrar aquele sorriso alegre que sempre fora tão reconfortante. Luísa o encarava como se estivesse pronta para um ataque.

Pedro sentiu a tensão na caverna e quase não conseguiu forçar-se a participar da cena.

– O que está acontecendo?

Luísa voltou-se rapidamente para ele.

– Você está de volta. Ótimo.

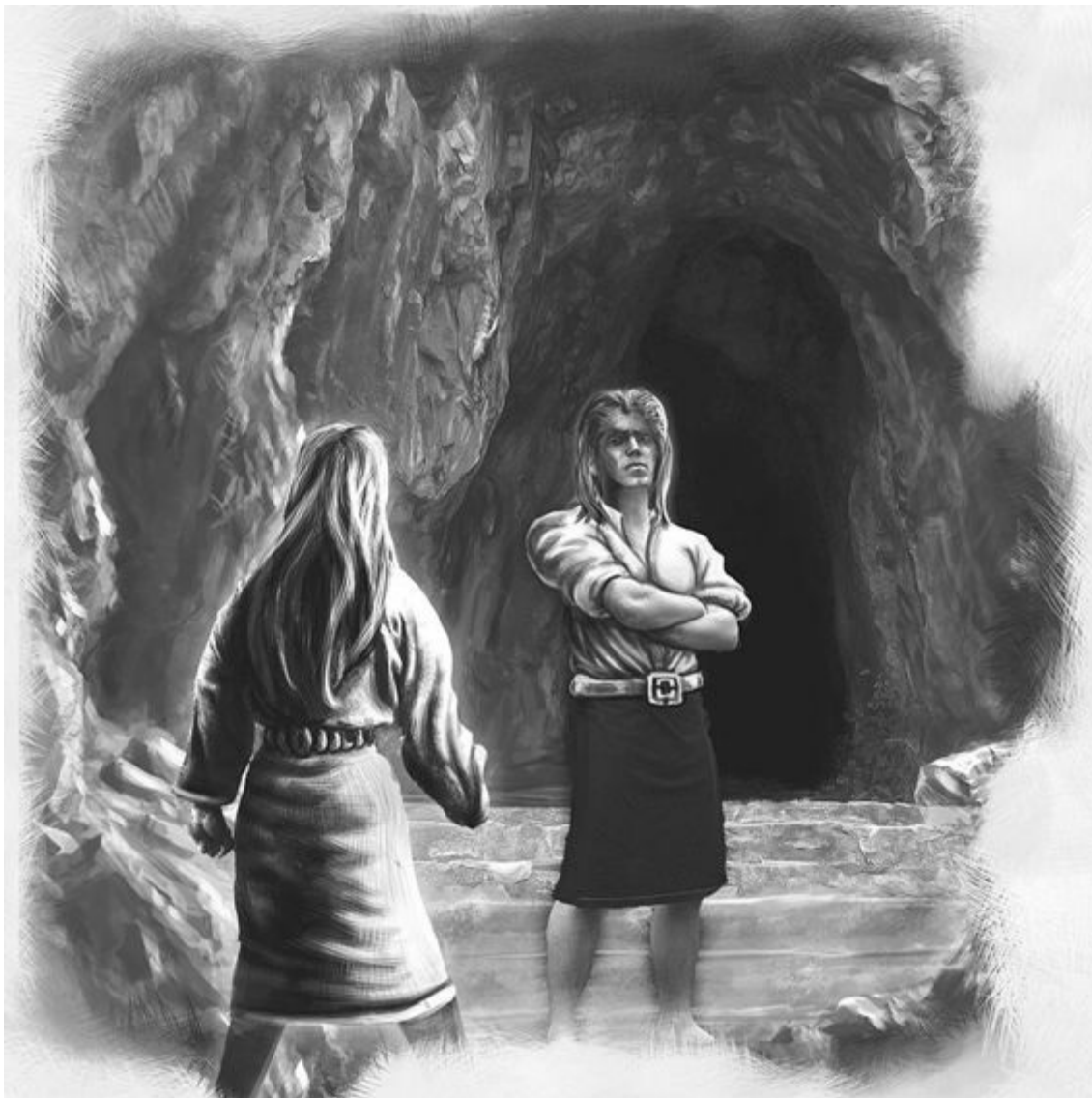
Peras, ao ver Pedro ali, ofereceu a mão para ajudá-lo a passar pelos últimos escombros.

– Onde você estava? – perguntou Pedro. – Não o encontrei na praia.

– Devemos ter-nos desenhado na floresta – respondeu Peras.

Pedro concordou – exatamente como pensara. Nada estranho e a atitude raivosa de Luísa iria passar...

– Gostaria que você estivesse aqui – disse Pedro. – Se estivesse poderia ter impedido tudo que aconteceu. Eu queria ter visto isso.



Peras levantou uma sobrancelha.

– Poderia ter impedido? A sua ‘consoladora’ aqui parece pensar que eu organizei o ataque.

Luísa não disse uma palavra. Suas mãos continuaram firmemente plantadas nos quadris.

Pedro pensou que nunca a vira com uma aparência tão determinada desde o dia em que ela cortara todas as fitas do vestido de aniversário de Júlia. Aquela, porém, era uma nova Luísa. Ele forçou uma risada, que pareceu mais áspera do que pretendia.

– Você conhece as meninas e suas ideias absurdas.

Luísa pareceu chocada, mas Peras parecia satisfeito.

– Muito bem dito, Pedro. Venha agora – disse colocando a mão no ombro de Pedro. – Preciso falar com você.

Pedro resistiu delicadamente.

– Claro, mas primeiro – onde está Júlia?

– Estou aqui – a voz de Júlia surgiu por trás da meia-irmã.

Pedro rodeou Luísa e Peras para chegar até onde sua irmã estava deitada no chão, tendo provavelmente perdido seu velho cobertor durante o ataque. Seu rosto estava mais corado agora, ganhara um brilho nos olhos e Pedro sorriu ao vê-la.

– Luísa não quer que eu me levante ainda – disse ela.

– Não se preocupe – falou Pedro. – Vai ficar boa antes das jangadas. Depois poderá descansar o tempo todo até Aedyn.

– Ao chegarmos lá você vai poder...

O rapaz foi interrompido por uma tosse atrás dele e voltou-se para Peras.

O salvador de cabelos dourados o puxou um pouco.

– Não podemos arriscar isso, Pedro. Não podemos levar todos.

– O quê?

– É perigoso demais. Fazer todos atravessarem a floresta – lembre-se do despenhadeiro e depois de uma semana de viagem em um mar tempestuoso nesta época do ano, em jangadas que enfrentarão o mar com dificuldade, feitas de lascas de madeira e cordas... É demais Pedro. A maioria deles não resistiria.

– Mas temos praticamente só trinta agora. Dez de nós seremos capitães. Com certeza poderemos colocar mais vinte a bordo.

– Pedro olhou o grupo desorganizado na caverna. A maior parte com curativos enrolados num dos membros. Alguns tossiam, outros gemiam. Todos desesperadamente famintos. Ele fitou Gregório, cuja face mostrava uma expressão dura como aço. O braço pendia ao seu lado, A tipoia desaparecera. Pedro lembrou-se de seu desejo de abandonar Gregório na floresta.

– Não podemos deixar ninguém, Peras.

– Voltaremos para apanhá-los depois, Pedro – replicou Peras, rodeando o ombro dele com um braço confiante e fazendo-o virar-se. – Navegaremos até Aedyn, encontraremos armas, construiremos um navio de guerra grande e voltaremos vitoriosos para levá-los para casa conosco.

– Entendo – disse Pedro. Aquela conversa parecia um tanto estranha, mas ele não conseguia descobrir a razão.

– Suponho que ajudaria se eles não tivessem de ser movidos no momento. Poderiam fazer uso do tempo para restabelecer-se.

– Isso mesmo – retrucou Peras. – Muito sensato da sua parte. Temos de esperar até que fiquem mais fortes.

Pedro sentiu uma dor forte e repentina na cabeça.

– Não podemos deixá-los aqui nos escombros. Os Gul’nog voltarão. Temos de retirá-los primeiro.

– Não há tempo, Pedro. É preciso trabalharmos sem parar para construir as jangadas e partir antes de os Gul’nog voltarem.

– Mas...

Peras afastou Pedro ainda mais do grupo.

– Olhe para eles, Pedro. Estão fracos. Inválidos. Praticamente inúteis. – Ele falou em voz baixa ao ouvido de Pedro. – Não vão ficar mais fortes. Olhe em volta. Não têm comida, remédios, curativos – absolutamente nenhuma esperança. Está na hora de salvar-nos, amigo. Você e eu e alguns dos outros. Podemos ainda chegar a Aedyn.

Pedro sentiu que concordava.

– Sim, construiremos as jangadas. Depressa. Temos de partir. É tudo para o bem. Muito sensato. – Ele colou um sorriso no rosto e evitou olhar para qualquer pessoa, evitou Gregório. – Muito sensato mesmo.

Capítulo

6

- **V**ocê o viu? Você o *viu*? Ouviu o que ele disse? – Júlia bateu os pés contra o chão rochoso da caverna enquanto andava de lá para cá perto da entrada. – A coisa sensata – disse ele. – Sensata deixar nós todos aqui para morrer!

Luísa não levantou a cabeça de seu trabalho. Ela estava sistematicamente rasgando tiras de tecido de um cobertor mofado e as enrolando bem apertadas em torno do tornozelo inchado de Alice.

– Pedro apenas esqueceu – disse ela com os dentes cerrados enquanto rasgava uma nova tira.

– Esqueceu *o quê*?

– Que o amor é mais forte que a razão. – Depois de remover completamente a tira, Luísa a colocou debaixo do tornozelo de Alice e uniu as duas pontas. Ela levantou os olhos para Júlia, fitando-a com ternura. – Não se preocupe – disse ela. – Ele vai lembrar.

Júlia resmungou alguma coisa sobre a absoluta inutilidade dos irmãos.

Luísa terminou seu trabalho no tornozelo de Alice.

– Pronto – disse ela – dando o nó final com um floreio dramático. – Bom como novo. Bem... – riu ela quando Alice tentou sem sucesso dobrar o pé. – *Vai* ficar bom como novo. Basta dar um tempo.

– Tempo – resmungou Júlia. – A única coisa que temos de sobra. Tempo para sentar e esperar a morte.

– Bobagem – disse Luísa. – Sinceramente, se você for continuar com esse tipo de atitude, é melhor que saia em busca de cogumelos ou encontre algo útil para fazer. Temos trabalho a ser feito aqui.

– Que tipo de trabalho?

– Além de levar nossos mortos para descansar? Ora, pegar aquele talismã de volta e derrotar a Sombra, tolinha. – Luísa levantou uma sobrancelha e inclinou a cabeça para o lado. – A mamãe podia estar certa. Você é um pouco obtusa às vezes.

Júlia franziu a testa, mas Luísa deu uma risada cheia de alegria e não crueldade. Quando falou de novo, sua voz ergueu-se e ela se dirigiu ao pequeno grupo de pessoas na caverna:

– Vocês ouviram isso? Temos trabalho a fazer! – Trinta pares de olhos –tudo o que restara do povo de Aedyn – olharam para o rosto radiante dela. – Durante o ataque, os Gul’nog encontraram o talismã do Senhor dos Exércitos. Temos de pegá-lo de volta.

Júlia, que estava realmente fazendo força para não dizer alguma coisa odiosa, à moda de Pedro, achou que pelo menos devia questionar o plano de Luísa.

– Ele não nos salvou da primeira vez – disse ela – como irá ajudar-nos agora?

– Vai iluminar o nosso caminho. – Luísa falou com tanta certeza que Júlia calou-se, decidindo deixar seus protestos para mais tarde.

– Vamos certamente precisar dele no vulcão – continuou Luísa.

Júlia espantou-se. As faces das pessoas ao redor haviam empalidecido e uma tempestade de protestos surgiu ao redor dela.

Luísa levantou a mão e depois de um momento os murmúrios cessaram.

– Temos de ir ao vulcão – disse ela – pois é ali que a Sombra mora e será ali que o Senhor dos Exércitos vai nos ajudar na derrota dela. Bem ali, na sua origem.

A moça olhou ao redor, talvez esperando gritos de aplauso, mas só recebeu olhares desanimados.

– Ou – prosseguiu ela lentamente – podemos correr. Afastar-nos da Sombra e tentar fugir à frente dela. Encontrar um lugar onde não possa achar-nos e esperar que vá embora por conta própria. Esta é a escolha que faremos hoje. Corremos ou ficamos?

Ouviram-se aplausos desta vez, embora não tão animados quanto Luísa gostaria. Mesmo assim, Luísa sorriu como se eles tivessem acabado de elegê-la para o Parlamento. Seu riso era contagioso e até Júlia abriu um sorriso.

Luísa levantou a mão pedindo outra vez silêncio.

– Vamos trabalhar – disse. – A fim de pegarmos esse talismã de volta precisamos aprender tudo sobre os Gul’nog. Seus hábitos, seus movimentos, suas armas, onde fazem acampamento. Tudo. – Ela acenou para Gregório. – Você pode ajudar-nos nesse ponto. Precisamos de um observador e você já tem experiência com as criaturas.

– Não foi uma experiência que eu gostaria de repetir – retrucou ele rindo nervosamente. – Mas aceito.

– Estará seguro. Todos estarão em segurança – disse Luísa. – Nunca esqueçam, vamos ficar sob a proteção do Senhor dos Exércitos. Ele vai cuidar de nós mesmo sob a Sombra.

Júlia gostaria de participar do otimismo de Luísa, mas não conseguia. A julgar pelos rostos à sua volta, ela não estava sozinha nisto.

– Seguros? – perguntou Imogene em voz descrente. – Menos de uma hora atrás esses monstros vieram e derrubaram a parede rochosa de nossa caverna. Eles

matarem meu Simeão e minha Elmira. Por que o Senhor dos Exércitos não nos manteve em segurança então?

Outras pessoas concordaram, embora ninguém falasse. Júlia acabou apoiando Imogene – sentindo-se ao mesmo tempo envergonhada por ter perdido tão depressa a fé no Senhor dos Exércitos.

– Se não estávamos seguros aqui onde nos escondíamos e cuidávamos de nossos afazeres – disse Imogene em voz mais forte – o que faz você pensar que estaremos ‘seguros’ se formos ao acampamento deles ou àquele vulcão?

Algumas pessoas expressaram então seu apoio. Júlia perguntou-se se Luísa não estaria talvez prestes a enfrentar uma rebelião.

Luísa, porém, não pareceu preocupada. Na verdade, parecia ainda mais calma do que antes.

– Não sei se todos nós vamos sobreviver. Não sei se qualquer de nós sobreviverá. Sua fala provocou uma porção de rosnados no grupo.

– Mas o Senhor dos Exércitos me prometeu que ele providenciaria para que a Sombra fosse derrotada – se obedecermos ao seu chamado. Fomos atacados porque estávamos dando atenção a um servo da Sombra. Vamos agora nos movimentar para cumprir as ordens do Senhor dos Exércitos. Obedecer à sua vontade nem sempre será seguro, mas é a única forma de vencer a batalha.

Capítulo

7

Pedro e os outros seguiram Peras até a praia. Era ainda noite, mas o luar brilhando sobre a crista branca das ondas fornecia luz suficiente para que eles enxergassem o seu trabalho.

– E agora – falou Peras – vamos construir nossas jangadas. Como temos só onze agora, precisamos construir apenas três. Pedro, faça os homens trazerem dez das toras maiores do nosso depósito.

Eles começaram assim a construir sua frota. Pedro ainda se sentia um pouco estranho sobre o plano de deixar todos os outros para trás, mas a lógica de Peras soava sensata. E Pedro era a última pessoa a duvidar da boa lógica.



Não levou muito tempo para Júlia e Gregório se organizarem. Eles iriam servir de escoteiros para a primeira viagem. Sua missão era simplesmente encontrar a base dos Gul'nog. Sua tarefa não era mais ambiciosa do que essa. Outros iriam observar os movimentos e a vulnerabilidades deles depois de acharem a base. Quem sabe iriam levar a noite inteira para descobrir as criaturas e ninguém queria arriscar-se a ser descoberto à luz do dia.

– Seguiremos para o nordeste primeiro. – Com seu braço bom, Gregório tirou um grande pedaço de carvão do fogo e rabiscou um mapa simples da ilha em uma das paredes. Ele havia marcado a caverna, o vulcão, o despenhadeiro e mais uma dúzia de outros pontos entre esses lugares. Rabiscou depois uma linha preta e grossa da caverna até o vulcão.

– Este é o caminho que eles fizeram depois do ataque. Vamos segui-los até onde pudermos.

– Você não vai poder seguir pistas nesta luz – disse Luísa.

– Não se preocupe – respondeu Gregório. – Os Gul'nog não são os únicos que sabem caçar.

Júlia sorriu e colocou mais um cobertor nos ombros. O cobertor não era

aparentemente mais do que um trapo, mas iria oferecer alguma proteção do ar frio da noite.

– Vamos procurar mais cogumelos.

– Tragam tantos quantos puderem – pediu Luísa.

Eles então partiram.

O pessoal conseguira remover a maior parte dos escombros do lado de fora da entrada da caverna e os corpos tinham sido removidos para um lugar próximo na floresta, de modo que Júlia e Gregório não tiveram de pular sobre pedras aguçadas ou sobre os cadáveres de seus amigos. Uma vez lá fora eles seguiram na direção que tinham visto os Gul’nog tomar.

Era impossível encontrar pistas no escuro, mas o mais casual dos observadores não poderia deixar de ver que algo grande havia se movido por ali – algo enorme. O solo fora completamente esmagado. Arbustos foram arrancados pelas raízes. Os Gul’nog tinham cortado uma trilha na floresta ao se afastarem do local do ataque.

Júlia reprimiu seu espanto ao ver o que eles haviam feito. Gregório olhou para ela com um sorriso. Tentava encorajá-la, ela sabia; mas a sensação de pavor que tomara seu estômago não a deixava. Como poderiam lutar contra aqueles monstros e esperar vencer?

Ela respirou fundo e pensou nos sombrios senhores de Aedyn: o Chacal, o Leopardo e o Lobo. Eles também haviam parecido invencíveis. Mas provaram não estar à altura do poder do Senhor dos Exércitos.

O Senhor dos Exércitos os protegeria desta vez? Essa era a pergunta-chave. Enquanto caminhava silenciosamente ao lado de Gregório, ela fez um retrospecto das suas aventuras em Aedyn. Quando estivera ali da primeira vez, se descobrira falando com uma voz que não reconhecia. Palavras que não esperara expressar saíram de sua boca. Gritara e três cavaleiros foram jogados ao chão. Mais tarde, ela e Pedro deram um grito e as proteções da cerca que tornaram cativas as crianças de Aedyn desabaram.

Uma coisa ela sabia: se surgissem novamente problemas, gritaria.

O pensamento tornou mais leves os seus passos. Por que não pensara naquele “grito de poder” antes? Talvez fosse isso que o Senhor dos Exércitos estivesse esperando – alguém para gritar com fé em que ele agiria. Júlia esperava não se encontrar em qualquer situação que a fizesse sentir a necessidade de gritar, mas caso isso acontecesse, daria um grito.

Júlia e Gregório tinham pelo menos uma vantagem: era certamente fácil seguir os Gul’nog. A caminhada era também fácil – não havia árvores que precisassem evitar, nem ramos deixados para bater em seus rostos. Não havia igualmente possibilidade de se perderem, não enquanto se mantivessem no caminho.

Oh, o caminho! Se quisessem manter-se fora de vista, aquele não era o melhor

lugar para caminharem.

Ela colocou a mão no braço de Gregório – o braço machucado dele percebeu, no momento em que o viu encolher-se. Ela desculpou-se e mostrou o lado do caminho. Ele pareceu compreender e ainda sem falar os dois deixaram o caminho e entraram no arvoredo.

Júlia percebeu que estavam perto do vulcão. O solo parecia mais macio aos seus pés e o ar ficou mais sulfuroso. A nuvem escura estendeu-se ainda mais como uma onda do mar pronta a cair e afogá-los.

Foi bom terem entrado na floresta como fizeram, pois não demorou muito para chegarem ao acampamento dos Gul’nog.

Já estava escuro demais para ver qualquer coisa, mas os Gul’nog se achavam abaixados em grupos ao redor de fogueiras ao ar livre que iluminavam todo o espaço à sua volta. Eles se encontravam exatamente na base do vulcão, com sua boca gulosa aberta e ainda brilhando bem atrás dos monstros. O calor das fogueiras se alastrara pelo céu e Júlia sentiu que suava debaixo do seu cobertor extra. Ela olhou para Gregório e viu que o rapaz tinha os olhos cheios de lágrimas.

Já percebera o motivo. Desesperador. Simples e absolutamente desesperador. Uma única daquelas criaturas bastaria para liquidar o pequeno grupo de sobreviventes que haviam deixado para trás, e ali estavam centenas – *centenas* – daqueles monstros. Não tinha jeito e era absurdo pensar diferente. Preocupou-se ao compreender que Pedro, que vira a lógica em fugir, tivera razão todo o tempo.

Gregório parecia ter chegado à mesma conclusão, pois agarrou a mão de Júlia e deu um passo para trás. Não precisou pedir-lhe que ficasse calada – por nada neste mundo ela teria feito um único som. Eles se afastaram devagar, metro por metro, passo por passo, mantendo sempre os olhos naquelas enormes fogueiras e nos monstros sentados em volta delas.

Júlia parou de repente.

Ela apertou a mão de Gregório e fez um aceno na direção das fogueiras. Ele puxou o braço dela, insistindo para que continuasse a andar, mas Júlia não cedeu. Com a outra mão ela apontou. Gregório seguiu seu olhar. Júlia esperava que ele visse o que ela vira – e compreendesse o que significaria para o povo de Aedyn.

Perto de uma das fogueiras, não muito longe de onde eles se escondiam, um dos Gul’nog levantara. Preso em um de seus sólidos ombros estava um cordão e na ponta dele balançava uma corneta de marfim. A corneta que chamara de volta os Gul’nog. Se pudessem pegar aquela corneta – se pudessem usá-la para afastar os monstros do vulcão – teriam então chance de procurar o talismã sem se preocuparem com o risco de serem descobertos. Se afastassem o suficiente as criaturas, talvez Júlia e Gregório conseguissem levar Luísa e os outros até ali e eles entrariam no vulcão e combateriam a Sombra – tudo sem ter de lutar com seus subordinados.

A mente de Júlia avançou ainda mais, tentando descobrir como apoderar-se daquela corneta sem ser vista. Talvez o monstro resolvesse tirá-la. Colocaria o objeto no chão por um momento e ela poderia então apossar-se dele.



Enquanto permanecia ali, em pé, a ideia ficava cada vez mais improvável. A corneta talvez fosse um símbolo de poder. Nenhum Gul'nog estaria disposto a removê-la.

Gregório mostrou com o queixo o caminho que tinham percorrido e eles retrocederam o suficiente para poder sussurrar sem medo de que os escutassem.

– Devemos voltar – disse ele ao ouvido de Júlia. – Encontramos o acampamento. Era isso que devíamos fazer. Agora nos reunimos de novo e faremos um plano. Orrin e Priscila serão os próximos. Eles tomarão nota de seus movimentos e descobrirão quando será oportuno pegarmos o talismã.

– Mas, se pegarmos a corneta, talvez possamos usá-la para afastá-los – disse Júlia. – Talvez deixassem o talismã ali e poderíamos ficar com ele.

Gregório sacudiu a cabeça na mesma hora. – Arriscado demais, Júlia. Muitas ‘incertezas’. Vamos apenas voltar e descrever o que vimos.

– Mas, se esta for a nossa única oportunidade? – o sussurro de Júlia foi o mais insistente que pôde. – Temos de fazer essa tentativa agora. É possível que não vejamos nunca mais essa corneta!

– *Tentar pegá-la?* Não seja absurda, Júlia. Seríamos vistos – apanhados – e o Senhor dos Exércitos nos proteja se isso acontecer.

Júlia sacudiu a cabeça, cerrando as sobrancelhas.

– Vamos esperar – replicou. – Sempre achamos que eles dormiam durante o dia. Luísa sabe que nossa missão poderia ir até a madrugada. Vamos esperar aqui a noite inteira.

Gregório olhou para ela como se fosse louca.

– É claro que deixarão uma sentinela. Não é seguro, e como só poucos sobreviveram, não podemos ser imprudentes agora. Devemos voltar e fazer planos com os outros. Era o que acharíamos que fizessem se fôssemos nós que estivéssemos esperando na caverna.

Ele tinha razão. Não havia nada a responder a isso. Todavia, Júlia ficou onde se achava, com os pés plantados firmemente no chão.

– Você está certo – disse finalmente – mas vou ficar e tentarei pegar aquela corneta. Você volta e explica o que estou fazendo. Diga a Luísa que não conseguiu me convencer porque eu estava sendo ‘medonha’. Ela vai entender. – Júlia virou a cabeça para olhar o acampamento. – Não sabemos o que vai acontecer amanhã e, se Luísa tiver razão, temos ainda menos tempo do que temos pessoas.

Ela se dirigiu para a densa vegetação rasteira e procurou um lugar onde deitar-se e aguardar.

Minutos depois, Gregório se ajoelhou perto dela.

– Olhe, não vou deixar você sozinha aqui de modo nenhum.

Júlia sorriu e eles ficaram esperando.



– Quando sairmos das ondas de arrebentação – disse Peras – vamos unir as três jangadas com cordas. Isto nos dará mais estabilidade nas ondas e não há perigo de sermos separados.

Pedro concordou com essa lógica. Ela combinava com o seu conhecimento de ciência náutica. O que desejava possuir um pouco mais, entretanto, era a ciência do fogo. Ele ficou em pé, coberto até os joelhos pelas ondas terrivelmente frias, enquanto com os outros homens se agarrava às jangadas, preparando-se para lançá-las na maré baixa. Oh, como gostaria de ter algum tipo de botas aquecidas naquele momento.

A manhã em breve romperia e os músculos de Pedro doíam com o trabalho pesado que haviam feito a noite inteira para preparar as jangadas. Sua mente estava tão exausta de pensar em tudo que teria adormecido na hora se não fosse pela água gelada. Ele calculou que teria de esforçar-se um pouco mais para levar sua jangada até o ponto em que as ondas ficavam brancas e reviravam. Eles iam amarrar as jangadas e entregar tudo para Peras. Depois poderia descansar ao sol – o lindo sol que não via havia dois meses – e dormir um dia inteiro se quisesse.

Orrin olhou para Pedro do outro lado da jangada. Os dois estavam na frente, o que significava que ficariam molhados em primeiro lugar. Mas ali era onde os líderes deviam ficar. Pedro sorriu para Orrin com o que esperava ser um sorriso corajoso. O sorriso que Orrin lhe devolveu, no entanto, parecia um pouco pálido – e eles não estavam nem navegando ainda. Pedro verificou se o canivete que encontrara continuava em sua cintura, e agarrou com força a jangada.

– Depois da próxima onda, pessoal – disse Peras. Ele se encontrava em pé, no fundo da terceira jangada, um maço de cordas na mão. – E, agora!

Pedro e os outros lançaram suas jangadas na espuma das ondas, sentindo a onda anterior afastando-se deles, ajudando-os. Pedro conseguiu firmar-se na jangada, mas Orrin não. Ao redor deles, homens esperneavam e agitavam os braços, tentando manter as jangadas rumo ao alto-mar.

Sete minutos de frio intenso mais tarde eles escaparam das ondas de arrebentação. Pedro concordou com a ideia sensata de Peras. Ele tinha razão: não havia meios de fazer as mulheres mais velhas, as crianças e os feridos atravessarem uma arrebentação como aquela. Melhor esperar até que pudessem ser levados em um barco apropriado. Pedro guiou sua jangada até onde as outras duas estavam sendo amarradas juntas.

– Bom trabalho, homens! – Peras atirou cordas para os homens na jangada de Pedro e eles começaram a amarrá-las nas outras duas. Peras parecia heroico mesmo molhado até os ossos. O céu cor de pêssego do alvorecer o iluminava como a um super-homem. – A viagem vai ser fácil agora – disse ele. – Quem quer carne-seca?

A maioria dos homens estava tremendo demais para parecer interessada em comer. Pedro, porém, levantou a mão e Peras atirou-lhe um pedaço da carne dura. Era melhor do que cogumelos e nozes. No entanto, ele ficou imaginando quando veriam como o Senhor dos Exércitos supriria seus filhos.

Pensar em cogumelos o fez lembrar-se de Júlia.

– Como será que os outros estão? – Não tinha certeza de ter falado em voz alta ou só pensado. Nem Orrin ou qualquer dos outros respondeu. O único som era o bater das ondas entre a madeira das jangadas. Ninguém respondeu. Pedro deveria ter só feito a pergunta para si mesmo, mas então viu o rosto de Peras.

O olhar na face do seu salvador era sombrio e irritado. Pedro lembrou-se na

mesma hora da noite em que eles voltaram sem madeira e cordas suficientes. Como a fúria dele surgia depressa. O que poderia tê-la causado agora?

– Você prefere voltar? – Peras falara quase num sussurro, embora Pedro tivesse ouvido claramente por sobre as ondas.

Cabeças apareceram nas jangadas quando os outros olharam em volta para ver o que estava acontecendo.

Pedro compreendeu que a pergunta era para ele.

– Hum, não. Não até que possamos construir nossa embarcação e voltar com todos.

O olhar penetrante era profundo.

– Ótimo, Pedro. Eu não gostaria de pensar que você estava interrogando um mensageiro do Senhor dos Exércitos.

– Eu? Nunca. Como eles poderiam ter feito o lançamento das jangadas ao mar se dez homens fortes mal conseguiram isso?

Isto pareceu acalmar Peras. Seus músculos começaram a voltar ao normal.

– Exatamente.

– Você foi muito lógico a respeito de tudo. Muito científico. – Pedro tirou um pedaço de carne-seca como se para provar sua apreciação do que Peras fizera por eles.

– Eu estava apenas pensando – respondeu ele – enquanto mastigava o naco saboroso – em minha irmã. Ela estava inconsciente quando partimos. Alguns dos outros estavam...

– Basta! – A ira voltara aos olhos de Peras e Pedro só imaginou se ele andaria através das jangadas e o atiraria ao mar,

– Cale as suas dúvidas, incrédulo!

Peras realmente avançou na direção de Pedro. Os homens tiraram as pernas e corpos do caminho enquanto Peras caminhava a passos largos através das jangadas. Ele ficou em pé junto a Pedro e depois abaixou-se. Pedro pensou que fosse gritar com ele, mas em vez disso agarrou Pedro pelo ombro e o levantou no ar.

– Peras! – disse Orrin. – O que está pretendendo? Não faça isso! Ponha ele de vol...

– Silêncio, inseto, ou você será o próximo. – Com um olhar furioso, Peras fitou Pedro, dependurado acima da sua cabeça.

– Teve coragem de duvidar do meu conhecimento, seu sapo? Questionar a razão e a *ciência*?

– Não! – Pedro estava agora mais interessado em como seu braço ia ser arrancado para fora da articulação, do que em iniciar uma conversa. – É claro que não. Eu gos... – *Ai!* – Gosto de ciências. É minha matéria favorita. Nada de errado com a ciência quando corretamente observada. Construí minha vida ao red...

Peras o deixou cair com tanta força que a jangada quase virou.

– Está bem. Não deixe de lembrar-se disso. – Ele voltou para a sua jangada. – Que todos vocês lembrem-se! – Gritou essas palavras para o mar, com os braços bem abertos.

– Desafiem-me e vão acabar nadando de volta para casa.

Pedro massageou o braço. Orrin arrastou-se até ele para ver se podia ajudar, mas Pedro sacudiu a cabeça. Ele olhou para a jangada mais distante. Peras havia mudado. Ou talvez tivesse sido sempre assim e o rapazinho se recusara a ver isso. Ele olhou para o canivete e jurou ficar pronto caso Peras se aproximasse novamente dele daquele jeito. Mas será que adiantaria? Olhou de novo para o musculoso bruto de cabelos dourados. Se ele era um mensageiro do Senhor dos Exércitos, alguma coisa estava terrivelmente errada.

Pela primeira vez desde que Peras entrara na caverna, Pedro sentia medo.



– Animais abomináveis.

Júlia sacudiu a cabeça enquanto observava os Gul'nog terminarem sua festa selvagem. O esconderijo que compartilhava com Gregório ficava a cinquenta metros de distância, mas ela podia ver muito bem os modos brutais deles. Com o sol nascendo no horizonte, enxergava ainda melhor a violência.

Ela não sabia que espécies de animais os Gul'nog tinham comido. Algum tipo de veado, no mais das vezes, além de coelhos e até possivelmente corujas ou falcões, e um porco. Os monstros não pareciam se preocupar, contanto que fosse carne vermelha. A garota não os vira comer nenhum ser humano, mas imaginou que achariam delicioso.

Você talvez nunca conheceu a sensação de ser a futura refeição de alguém. Quando foi, porém, a um zoológico, ou fez uma exploração, é possível que tenha visto a fome declarada nos olhos de um leão, urso, lobo ou tubarão. As pessoas vivem pensando que estão no alto da cadeia de alimentos, que se fossem obrigadas poderiam comer qualquer espécie de animal se isso significasse manterem-se vivas. No entanto, quando você está sendo olhado como nada mais que uma refeição saborosa, isso o faz lembrar que os humanos não são os reis do universo.

Os Gul'nog nem sequer cozinharam a carne, embora houvesse fogueiras em volta. A julgar pelo que haviam brigado entre si pelo último animal deixado vivo, o melhor para eles era o mais *fresco*.

Júlia notou que o céu havia começado a iluminar-se. Ela ficou maravilhada com as transformações, a primeira vez que vira a luz da alvorada em dois meses. Agora

que os raios do amanhecer espiavam entre as árvores o acampamento imundo deles, os monstros pareceram ficar sonolentos. Eles lamberam os ossos até deixá-los limpos, arrotaram e jogaram os ossos no fogo. Deveria haver algum tipo de hierarquia social, pensou Júlia. Eles chutavam e golpeavam uns aos outros para conseguir os lugares mais sombreados e se acomodaram para dormir.

Júlia olhou para Gregório. Ele tinha conseguido dormir, sujeito de sorte. Ela empurrou seu ombro e ele despertou surpreso.

– O que foi? Estão atacando?

– *Shh!* Não, está tudo bem – Júlia ajoelhou-se para espiar por trás do tronco caído em que se escondiam. Gregório sentou-se. – É como pensamos – falou ela. – Eles dormem logo que o sol nasce.

Gregório estendeu o braço bom e bocejou.

– Você dormiu?

Júlia olhou para ele como se dizendo, *Você precisa perguntar?*

– *Oh* – disse ele. – Sinto muito. Acho que eu poderia ter vigiado durante algum tempo e deixado você dormir.

– Não tem importância. Eu não teria dormido de modo algum.

Ele esfregou o ombro machucado e arranjou o cabelo.

– Onde está então o nosso músico?

– O quê?

– Nosso tocador de corneta – disse. – O gigante de botas.

– Júlia compreendeu. – Ele é o chefão aparentemente, por isso pegou o melhor lugar. Eles só têm uma cabana em todo o acampamento e essa é dele. O Gul’nog entrou com metade de um coelho há cerca de meia hora e não saiu mais.

Gregório recolheu os pés como se fosse levantar.

– Bem, vamos então agir.

– Espere! – Júlia agarrou o pulso dele. – Eles colocaram dois guardas, um de cada lado do acampamento. O mais próximo está bem ali, saindo detrás daquela fogueira quase apagada.

Gregório olhou para onde ela apontava.

– Hum... tipinho raquítico – para um Gul’nog. Deve ter perdido a batalha para escolher quem devia vigiar primeiro.

Júlia não tinha notado isso antes. Comparado aos outros, aquele guarda não passava de um menino. É claro que um gigante baixinho continua sendo um gigante.

Ela achou que ele tinha provavelmente 1,80 m pelo menos. Podia perfeitamente lutar com os dois ao mesmo tempo e ganhar.

– O que você está planejando? – perguntou Gregório.

Ela ficara esperando que ele dissesse isso.

– O plano é para você ficar aqui enquanto eu entro sorrateiramente e pego a

corneta. Voltamos depois para o nosso acampamento, deixamos todos prontos enquanto for ainda dia e voltaremos, expulsando os monstros com um toque de corneta.

Gregório fitou-a como se esperando que ela dissesse mais alguma coisa.

Júlia sentiu que corava.

– O quê?

– Estou esperando pelo fim da piada, é claro.

Ela ficou zangada.

– Não estou brincando. Esse é o plano, quer aceite ou não.

O rapaz levantou as mãos.

– Não aceito! Você comeu algum cogumelo venenoso? Esse não é um plano, Júlia; não passa de loucura. Você sem dúvida vai ser apanhada.

– Não vou. Veja, o guarda mais próximo não está sequer pretendendo patrulhar mais o acampamento. Agora que todos adormeceram, ele provavelmente descobrirá um lugar com sombra e vai também se acomodar para dormir.

– Provavelmente. *Provavelmente e talvez e se* vão ajudar você a servir de aperitivo para os Gul’nog.

Ela o ignorou. – Você não pode fazer isso porque é um grande imbecil com um braço machucado. Tropeçaria em alguma coisa e acordaria o acampamento inteiro.

Ele aparentava querer objetar e Júlia, portanto, continuou depressa.

– Sou pequena, inteligente e rápida. Vou correr de um lugar para outro lugar rápido como uma brisa e voltarei aqui com a corneta antes de você conseguir dizer “Bob é seu tio”.

Ele pestanejou, mostrando surpresa.

– Quem é Bob?

– Não tem importância. Basta ficar aqui e eu...

Gregório agarrou o ombro de Júlia com força, mas não indelicadamente.

– Você tem certeza de que quer fazer isso, Júlia? Agora que sabemos que eles dormem de dia, podemos voltar aqui em poucas horas com todo o nosso pessoal. Faremos então o roubo. Se vai ou não funcionar é irrelevante, porque você pode afastá-los do grupo de um jeito ou de outro.

Ele voltou-se para olhar a floresta.

– Há uma porção de esconderijos por aqui. O grupo pode então permanecer nessas árvores. Quer o acampamento inteiro acorde e persiga você, ou se você soprar a corneta e eles a seguirem, o restante de nós irá fugir por trás e chegar ao vulcão. Vamos apenas... – Gregório virou-se. – Júlia?

Ela já se encontrava a vinte metros do acampamento dos Gul’nog. Apesar do perigo em que se achava, a garota quase riu. Era bom ver como ele se preocupava com ela. Até daquela distância podia perceber a preocupação no rosto dele. Ela

pensou por um momento que Gregório iria sair correndo atrás dela, mas por sorte ele apenas voltou ao esconderijo deles para observar.

Para vê-la ter sucesso, esperava; não para observar o seu horrível fim.

Júlia lembrou-se de que ia gritar se tivesse problemas. Aquele grito de poder. Ao arrastar-se por entre dois Gul'nog adormecidos – seus roncos quase tão repulsivos quanto seu cheiro – ela ficou imaginando se conseguiria mesmo gritar ou se ficaria amedrontada demais se estivessem quase a capturá-la. Prendeu a respiração e continuou se arrastando. Só queria ter certeza de que isso não aconteceria.

Júlia escondeu-se atrás de uma pilha de lenha. A cabana da corneta se achava a apenas quinze metros de distância. Ela relanceou os olhos na direção do guarda mais próximo. Ele ainda não se sentara para dormir, mas também não estava patrulhando. O Gul'nog fora até o despenhadeiro e contemplava dali o mar. Parecia estar examinando o mar ou a sombra negra do vulcão. Isso não era importante... tinha as costas voltadas para ela. Júlia seguiu na direção da cabana. Havia apenas... espantou então uma mosca... tinha de passar por oito Gul'nog antes que... outra mosca sentasse no seu rosto e ela a afugentasse... antes de chegar à entrada do...

O que *significariam* todas aquelas moscas?

Júlia olhou em volta da pilha de madeira e viu o que era – a carcaça de uma ave grande, talvez uma águia – encontrava-se no chão rodeada de penas, pernas e carne mastigada. Pensou que talvez fosse um corvo, por causa de tantas moscas ali. Um sopro de vento marítimo fez que todas fugissem, revelando as penas castanhas debaixo. Em seguida, com a mesma rapidez, voltaram à ave. Júlia pensou que iria vomitar.

Refletiu um pouco no pedido de Luísa para levarem uma grande porção de cogumelos para casa. Isso não era provável. Julgando por quão abjeto e sujo se achava o acampamento, nem fungos iriam crescer ali. O fato de ver aquele pobre pássaro de todo modo espantara também seu apetite.

Seus olhos observaram o movimento fervilhante de insetos que a rodeavam. Por todo o acampamento, na verdade. Uma festa para as moscas. Elas pareciam aterrissar quase sempre na carcaça, mas pareciam gostar dos Gul'nog e outras pilhas não identificadas de... alguma coisa também por todo o chão. Ser capturada por fazer barulho ao vomitar – esse era um risco que não tinha previsto quando montou aquele plano.

Mas, quer fosse por causa da refeição pesada à noite ou do sol pela manhã, as odiosas criaturas à sua volta pareciam profundamente adormecidas. Ela olhou novamente para o guarda mais próximo e pôde observar que ele sentara, contemplando agora o oceano. Observou em seguida o outro vigia saindo. Ela caminhou então o mais depressa possível para a cabana da corneta. Poderia ter ido mais rápido, mas não conseguira passar perto das pilhas pegajosas.

A cabana do chefe não era mais do que uma tenda indígena de três troncos, com peles de lobo penduradas como paredes. Uma pele de veado dependurada na abertura como uma espécie de porta. Mantendo-se escondida entre uma prateleira de armas e a lateral da cabana, Júlia deslizou até a entrada e espiou por baixo da pele de veado.

O interior se achava surpreendentemente escuro. Teve então de esperar alguns minutos até seus olhos se ajustarem. Enquanto isso, seu nariz e ouvidos lhe contaram tudo que precisava saber: havia um Gul'nog malcheiroso ali e ele dormia profundamente.

Quando pôde finalmente enxergar melhor, descobriu que a parte interna da cabana não passava de uma versão menor do exterior do acampamento. Pilhas medonhas gelatinosas, carcaças meio comidas com centenas de moscas, uma pequena fogueira e um gigante adormecido roncando.

Teria coragem de entrar? Olhou a distância na direção de Gregório, mas não conseguiu vê-lo de onde estava. Do outro lado do acampamento os Gul'nog continuavam dormindo. A calma, porém, era sinistra, como um lugar onde dúzias de pessoas estivessem escondidas e prontas para levantar-se e gritar “Surpresa!” Mesmo assim ainda não havia nada mostrando a Júlia que ela corria algum risco maior no momento.

A garota preparou um grito na garganta e arrastou-se para dentro da cabana.

Capítulo

8

-O que você acha, Pedro – quer café da manhã?

Pedro levantou os olhos para Peras. O sol se encontrava agora no horizonte e diretamente por trás da cabeça de Peras. Seu cabelo dourado resplandecente, brilhando na luz, ainda lhe dava a aparência de um anjo, mas sua face estava no escuro. Seus olhos nada mais do que um lampejo de pedra preta.

Peras segurou outra fatia de carne-seca na direção de Pedro.

– Quer?

Pedro aceitou.

– Obrigado. – Ele pegou um pedaço de carne e Peras seguiu em frente. Carne-seca outra vez. Que maravilha! Não que pensasse que Peras lhe ofereceria biscoitos e chá no meio do oceano, mas esperava obter mais de um servo do Senhor dos Exércitos.

Quando Peras tirou outro pedaço de carne da mochila e estendeu-o na direção de um dos homens da jangada central, uma onda inclinou o barco quase jogando Peras na água.

Peras agarrou-se ao leme e resmungou uma palavra que, se Pedro não soubesse melhor, teria soado quase como uma maldição. Peras atirou a mochila para o meio da jangada e sentou-se como uma criança emburrada.

Alguma coisa sobre as maneiras dele pareceu estranha. Tão humana. Isto fez que visse Peras sob uma nova luz. O que significava ser um servo do Senhor dos Exércitos? Peras havia dito que estivera viajando para a ilha desde que o talismã fora ativado. Pedro pensara que isso significasse que Peras tinha saído... bem... seja onde for que os servos do Senhor dos Exércitos viviam, e viajara destemidamente através de todos os obstáculos, a fim de chegar até eles; possivelmente através do próprio cosmos. O que significava que ele estivera pensando em Peras quase como se fosse um anjo.

Tudo parecia errado agora. Que espécie de anjo quase é arremessado para fora numa jangada? Que tipo de anjo fica com raiva das pessoas por não conseguirem gravetos suficientes – ou por pensar na saúde da irmã? Um anjo ficaria realmente envergonhado e se isolaria num canto? O que faria a seguir, chuparia o dedo?

Um pensamento aterrador começou a formar-se na mente de Pedro. Tão terrível que não permitiu que se desenvolvesse. Ainda não. Ele o abandonou e concentrou-se nos homens deitados nas três jangadas.

A maioria deles já estava ficando queimada pelo sol. Pelo menos metade quase adormecera depois da longa noite de trabalho. Orrin, porém, e alguns outros se mantinham acordados e mastigando forte a carne-seca.

Miguel, 15 anos, o mais jovem dos tripulantes, arrastou-se até a sacola de Peras e vasculhou-a. Tirou três pedaços de carne. Depois examinou um pouco mais. Pareceu explorar cada bolso e dobra. Finalmente, levantou-a e sacudiu-a sobre a jangada.

Nada saiu de dentro dela.

Pedro sentou-se. O que era aquilo?

Tadeu, o tripulante mais velho, escorregou até Miguel e tirou a mochila dele. Sacudiu-a no chão e depois a colocou de lado. Ele e Miguel – e Pedro – revistaram a jangada com os olhos, como se mais sacolas de alimento pudessem aparecer magicamente naquele momento.



Tadeu fitou Pedro. Ele viu a mensagem ali: não temos mais comida.

Enquanto Pedro decidia se desejava ou não arriscar novo sufoco, Miguel se adiantou a ele.

– Ei, Peras – disse o adolescente.

Peras resmungou, mas não os encarou.

– Olhe... eu estava pensando – falou Miguel – sobre o que vamos comer depois destes três pedaços de carne.

Peras virou-se e examinou a situação.

– Você mexeu na minha mochila? – Ele levantou-se ameaçadoramente, com as pernas bem abertas.

– Como teve a audácia?

– É uma pergunta razoável – respondeu Tadeu – com a voz trêmula por causa da idade e talvez algo mais.

Peras atravessou da sua jangada para a do centro e estendeu-se como se fosse pegar Miguel pela garganta.

Miguel caiu sentado e conseguiu afastar-se. Pedro começou a se arrastar, procurando com a mão o canivete na cintura.

Tadeu colocou-se entre Peras e Miguel, levantando um dedo ossudo para ele.

– Deixe o garoto em paz!

Peras parecia perdido em sua ira, como um touro raivoso decidido a atacar. Mas, sacudiu os cachos dourados e pareceu relaxar, endireitando a postura.

– Cuidado, velho, ou resolveremos a falta de comida facilmente.

Ele pegou a mochila e tirou os três pedaços de carne de Miguel, balançando-os na frente de Tadeu.

– Mas, acho que você só forneceria para nós mais carne-seca.

Toda a tripulação já acordara naquele ponto. Pedro olhou em volta para ver se eles começariam a comer uns aos outros para permanecer vivos. Pelos olhares de preocupação e cólera, parecia que quase todos pensavam isso.

– O que dizem? – perguntou Peras, com os braços estendidos como se estivesse disposto a enfrentar quaisquer inimigos. – Alguém mais quer desafiar o servo do Senhor dos Exércitos? – Ele fitou os homens, um por um; mas, ninguém conseguiu responder ao seu olhar.

Peras zombou.

– Eu já sabia disso.

Miguel parecia prestes a chorar.

– Mas, o que faremos para obter co...?

Peras virou-se e atirou bem longe no mar os três últimos pedaços de carne-seca.

– Para comerem, posso esfregar os dedos e peixes irão pular do oceano em seus colos. Codornizes cairão do céu em seus pratos. – Ele enfiou o dedo no rosto de Miguel e nem Tadeu nem Pedro conseguiram chegar até eles a tempo.

– Estou tomando as decisões nesta viagem, menino. Entendeu?

Miguel choramingou concordando. Tadeu e Pedro puseram o garoto atrás deles e fitaram Peras desafiadoramente.

– Fiquem calmos, homens – Pedro dirigiu-se ao grupo sem tirar os olhos de Peras.
– Estou certo de que o nosso mensageiro do Senhor dos Exércitos tem um plano. Não é mesmo, Peras? Todos sabemos que você não nos trouxe aqui simplesmente para morrer – ou para deixar nossos feridos e nossas mulheres e crianças desprotegidos. Certo?

Embora os únicos sons fossem o marulhar das ondas nas jangadas e o *sussurro* manso da brisa marinha, até estes pareceram diminuir enquanto todos observavam Peras e esperavam sua resposta.

Peras se mostrou quase perturbado com aquela manifestação de revolta. No entanto, logo em seguida, cerrou o maxilar e olhou para todos com raiva.

– O próximo que desafiar minha liderança vai ser alimento para alguém. Se não for para nós, será para os peixes.

Pedro começou a pensar que se todos avançassem juntos até ele, poderiam dominá-lo. Mas, deixou depressa a ideia de lado. Como poderiam dominar um anjo? Mesmo que não fosse um anjo, era tão forte quanto um Gul’nog e quase tão grande quanto! Seria uma tentativa insensata.

Pedro viu os homens olhando em volta com ar de dúvida. Muitos olhavam de Peras para Pedro e depois desviavam os olhos. Eles também não estavam prontos para atacar. Talvez nunca estariam. Pedro sentou-se e o momento passou.

Peras torceu o nariz para eles com desdém e voltou à sua jangada. Os outros sentaram-se ou se deitaram de novo. Mais de um olhou ansioso na direção em que o último naco de carne fora atirado. As ondas talvez os trouxessem de volta ao barco.

O pedaço de carne na mão de Pedro só fora mordido duas vezes. Ele ficou subitamente faminto e parecia que não desejava nada mais que um festim das fatias saborosas de carne. Mas, se aquela fosse a última comida que iria obter – talvez para sempre – tinha de fazê-la durar. Enrolou-a num pedaço de pano de sua roupa e guardou-a na cintura, do lado oposto ao canivete. Puxou um maço de trepadeiras sobre a cabeça, como se fosse um guarda-chuva fibroso, e tentou dormir.

O pensamento que tivera antes, as ideias que afastara, voltaram e inundaram sua mente como num palco. E se Luísa estivesse certa? Ele a viu mentalmente na caverna, enfrentando Peras enquanto todos os demais aplaudiam.

Ela dissera que Peras os trairia. Pedro não se permitira sequer considerar essa opção. Mas, agora que pensara a respeito, parecia realmente estranho que Peras os tivesse “encontrado” logo depois do Gul’nog. O Gul’nog também os deixara sozinhos enquanto Peras se achava entre os sobreviventes; quase como se estivessem trabalhando juntos, coordenando suas ações. Os Gul’nog também foram

diretamente para o esconderijo deles sem investigação. Como poderiam eles ter feito isso, caso não fossem guiados até lá? E como Peras, seu suposto protetor, se achava ausente quando os Gul'nog atacaram?

Impossível! Não podia ser isso. Pedro olhou para Peras. Ele se encontrava ali, firme e forte, um verdadeiro senhor do mar. É claro que esse homem não poderia ser aliado de gentalha como os Gul'nog. Mesmo que não fosse um anjo do Senhor dos Exércitos, por que um ser humano trairia outros seres humanos?

Além disso, pensou, havia a questão do talismã. Ele e Júlia o haviam ativado em segredo. Ninguém os vira fazer isso – exceto talvez a forma sombria que saíra do vulcão distante. Só o Senhor dos Exércitos poderia ter visto ou sabido disso. Quando Peras chegou diretamente na caverna deles – *diretamente* à caverna deles, lembrou– ele já sabia que o talismã fora ativado. Como teria descoberto a caverna deles? Os Gul'nog não tinham noção do lugar exato dela. E como ele poderia ter conhecimento do talismã se o Senhor dos Exércitos não o tivesse enviado?

Eram coisas demais para a mente de Pedro decifrar sem algum descanso. Ele fitou deliberadamente a nuvem escura apagando o sol da manhã e, pensando em Luísa e Júlia, tentou pegar no sono.

Capítulo

9

O chefe dos Gul'nog era ameaçador, mesmo adormecido. Júlia deixou cair a capa de pele de veado atrás dela e estudou a criatura à sua frente.

Embora estivesse na escuridão, ela pôde ver que a cor de sua pele estava entre o castanho e o verde. Seus ombros e músculos eram enormes. Seu nariz era largo demais e terminava numa ponta arredondada. Dentes podres espiavam entre os lábios pretos cada vez que a criatura roncava.

Ao contrário de todos os outros Gul'nog que ela vira, este vestia pedaços de uma armadura. Uma tira de couro endurecida, com pontas de metal, cobria seus quadris e uma placa de aspecto cruel com pontas do tamanho do pé de Júlia se achava presa ao seu ombro direito por uma corda feita de tripas envelhecidas de algum animal.

A cabeça e as patas da frente do coelho que levara para comer ali pendiam de uma daquelas pontas.

Durante quase um minuto Júlia teve de esforçar-se para conter sua repugnância e medo do monstro dormindo à sua frente. Enquanto tomava coragem, seus olhos nunca deixaram o outro objeto que enfeitava o bruto.

A corneta.

Seu cordão rodeava o pescoço do Gul'nog. Por sua vez, a corneta jazia sob o braço dele como uma menininha dormindo com um bebê de brinquedo. Nada disso, imagem errada. Como um lobo dormindo com um brinquedo de mascar.

A corneta parecia ser feita de chifre verdadeiro, como o de um veado ou outra coisa desse tipo. Júlia quase vomitou outra vez ao pensar em colocar a boca onde aquela boca suja da besta estivera. Todavia, todo o seu plano se desenvolvera no sentido de apossar-se daquela coisa e ela arriscara tanto para chegar até ali, deveria então fazer isso.

Júlia rolou até ficar em pé e depois se abaixou diante da criatura. Em seguida, como se tentando tirar algo do fogo sem se queimar, estendeu a mão direita para o cordão.

Nossa! pensou, mas obrigou-se a continuar avançando lentamente. Os dedos de Júlia tremeram quando se aproximou do espaço que o corpo do Gul'nog ocupava, depois debaixo do seu queixo.

Como se tivesse de pegar um inseto morto, Júlia apertou o cordão entre um de seus dedos e o polegar, levantando-o gentilmente na direção da orelha da criatura, a fim de puxá-lo pela cabeça.



A coisa respirou e ela sentiu seu bafo quente e sua saliva nas costas da mão. Júlia quase pulou para fora da cabana, mas de alguma forma continuou onde estava. Era necessário levantar a outra mão para ajudar, o que significava virar o corpo inteiro para a cabeça da criatura.

Você consegue isto, Júlia. Você consegue.

Ela separou as mãos no cordão, levantando um laço sobre a orelha do corneteiro e depois o outro sobre o seu pescoço e nariz. Isto ia funcionar, ela estava acabando.

Júlia manteve os olhos na mão direita para certificar-se de que o cordão não tocasse nos olhos ou na testa da besta. Isto, porém, significava que não se concentrara tanto na mão esquerda e o cordão tocou no crânio do...

– Ui! – grunhiu o Gul'nog.

Todos os planos de Júlia – de lutar, correr, gritar – e toda a sua bravura desapareceram pelo alto da cabeça como uma mosca fugindo de um animal morto.

Ela iria morrer! Júlia tentou correr, mas estava paralisada. Seu corpo não obedecia à sua mente e sua mente estava enlouquecendo.

Mas, depois do grunhido, a coisa não a comeu. Ela nem sequer abriu os olhos ou rugiu para que os outros viessem correndo. Em vez disso, bufou, lambeu os lábios e fez a pior coisa perto de tê-la para jantar.

Ela rolou para o outro lado. Em cima do cordão.

– *Oh! Que horror!*

O coração de Júlia batia tão forte que nem parecia mais estar em seu peito, mas latejando no seu pescoço. A cada segundo que passava, era outro segundo que se aproximava da descoberta. Como ela conseguira chegar até aquele ponto era um milagre. Por que fizera aquele plano estúpido? Por que Gregório não a impedira?

Tudo bem, Júlia, acalme-se. Você ainda pode fazer isto.

Certo. Júlia respirou fundo e rodeou lentamente os pés do Gul'nog, indo para o outro lado.

A corneta se achava agora em uma posição melhor. O braço da coisa não mais a abraçava. O cordão, no entanto, se embaraçara nas pontas da armadura no ombro do Gul'nog. Se ela tivesse dez minutos e nenhum gigante à sua frente, poderia provavelmente puxá-lo.

Júlia olhou para os restos do coelho. Coitadinho! Isso aconteceria com ela se não pegasse a corneta e saísse dali.

Teve uma ideia. Precisava de uma faca. Aquele bruto certamente teria uma com ele em algum lugar. Lembrou-se então da prateleira lá fora. Uma daquelas enormes lanças seria comprida demais, mas ao menos teria uma ponta...

Espere. Júlia viu no chão o que parecia um machado quebrado. Se fora quebrado por ter servido para cortar árvores ou ossos demais, ela não sabia. Mas serviria.

Ela esgueirou-se até o canto da cabana e levantou-o da terra. Mesmo quebrado e do tamanho de sua mão, era pesado.

Júlia segurou-o sobre a cabeça da criatura. Teve uma breve ideia de bater o machado contra o pescoço dela, ou em outro lugar. Matá-la dormindo seria o que um assassino faria. Estava, porém, certa de que não faria absolutamente isso, pois só cortaria a sua pele e ela acordaria e arrancaria sua cabeça.

Voltou então ao primeiro plano, que era usar a lâmina para cortar o cordão.

Ela ajoelhou-se perto da cabeça do Gul'nog e lambeu os lábios. Aquele seria um trabalho delicado. Não podia puxar muito o cordão para cortá-lo, pois a outra extremidade seria arrastada para o pescoço do monstro e o acordaria.

Júlia pegou com cuidado o cordão onde ele se achava, atravessado no ombro da armadura. Pensou a princípio em cortá-lo das pontas e depois puxá-lo de debaixo da besta. Mas agora que avaliava a situação, decidiu que seria melhor apenas cortar a corneta do cordão.

Levantou a corneta e serviu-se da lâmina. *Cortou.*

Opa, aquela lâmina era afiada. Ela imaginara que teria de serrar de um lado para outro, mas o cordão fora cortado como um fio de macarrão cozido.

Snip. A corneta estava livre. Ela pegou-a nas mãos como se fosse feita de ouro sólido.

Não havia tempo para isso, entretanto. A garota colocou-a nas dobras da roupa e encaminhou-se para a porta.

Ao levantar a extremidade da pele de veado e sentir a primeira brisa de ar “fresco” na face, compreendeu que estivera segurando muito a respiração na cabana. Quase livre agora. Só cinquenta metros do Gul’nog adormecido e dois guardas para passar.

Ela olhou para o acampamento para ver os guardas. Ao fazer isso percebeu que lá fora estava estranhamente escuro. Seria uma tempestade? Era ainda cedo de manhã, como então poderia ser isso... Oh. A Sombra. A sombra escura saída do vulcão tinha coberto a maior parte do céu e agora comera o sol. Ela lembrou-se do dia da erupção e como a Sombra parecera não ser apenas uma nuvem de cinzas e pedras, mas algo vivo. Uma criatura. Júlia balançou a cabeça. Luísa queria derrotar a Sombra. Mas, como derrotar uma coisa que encobre o céu e engole o sol?

A garota viu o guarda mais próximo. Ele dormia agora, em cima do despenhadeiro onde estivera contemplando o oceano. O céu escuro deveria tê-lo ajudado a sentir-se confortável o suficiente para cair no sono onde se sentara. Não tinha certeza sobre o outro guarda. Pensou ter visto a cabeça e os ombros dele distantes, longe uma das fogueiras queimando sem chamas. Se era ele, também não estaria mais patrulhando. Boas notícias para ela.

Com uma breve oração para o Senhor dos Exércitos, ela escondeu a lâmina do machado nas mãos e arrastou-se para fora pela porta de pele de veado e por trás da prateleira de armas.

Dali podia ver as árvores onde esperava que Gregório estivesse ainda esperando. Ela até acenou com a mão para que ele visse que estava a salvo. Agora tinha de passar por eles.

Devagar, arrastou-se até a pilha de madeira onde se escondera antes. Os montes pegajosos e as carcaças decompostas ainda se achavam ali, mas algo sobre o céu mais escuro os fazia parecer menos amedrontadores. *Um pouco* menos terríveis. Havia também menos moscas.

Uma luz chamou sua atenção. A princípio julgou que eram apenas brasas, restos de uma fogueira; mas, havia algo diferente. Ela examinou o acampamento na direção em que vira a luz. Não era... azul?

Lá! A outros trinta metros de distância, não na direção de qualquer dos guardas e também não na direção de Gregório, ela viu novamente o clarão azul. Uma pilha de

pedras, tão alta quanto um cão, assentada em uma pequena clareira cercada por pelo menos oito Gul'nog dormindo.

Aquela luz azul... não podia ser!

Mas, é claro que podia. Aqueles Gul'nog o haviam roubado de suas mãos, não é? Ao pensar naquela noite, sua cabeça latejou outra vez, embora estivesse quase cicatrizada.

O talismã. Estaria ali?

Agora que pensara no assunto, ficou surpresa de ele não se encontrar na cabana do chefe. Ou talvez estivesse ali e ela não percebera e aquela luz era outra coisa.

A ideia de voltar à cabana foi demais. Não conseguiria repetir a cena. Enquanto refletia, percebeu como estava exposta. Se Gregório estivesse a observá-la, ficaria desesperado de preocupação, perguntando-se por que ela só ficava ali sentada.

Júlia observou melhor a luz. Não era possível negar que havia algo naquele ponto, enterrado sob as pedras. Não era bastante provável que eles o enterrassem debaixo de pedras e cercassem de guardas?

Com plena percepção de que iria provavelmente arrepender-se disso, Júlia seguiu na direção da luz azul.

Depois de arrastar-se por dez metros, com a lâmina do machado arranhando seu pulso e a corneta prestes a cair dentre suas roupas, Júlia decidiu arriscar: levantou-se um pouco até ficar agachada. Melhorou imediatamente, movimentando-se mais depressa e também mais furtivamente. Sem o sol brilhante, ela não tinha de se preocupar sequer no caso de sua sombra passar pelo rosto de um Gul'nog e ele viesse a despertar.

Em cinquenta passos ela chegou ao círculo dos Gul'nog adormecidos que rodeavam a pilha de pedras. O mais próximo deles era o Gul'nog mais gordo que já vira. Precisaria dar uma corrida para poder saltar sobre ele. Moveu-se então para o seguinte. Como fariam para ter a disciplina de formar um círculo contínuo e mantê-lo mesmo enquanto dormiam? Isso estava além da sua imaginação. Talvez soubessem o que lhes aconteceria se não obedecessem.

A garota encontrou finalmente um Gul'nog suficientemente pequeno para saltar sobre ele e foi o que fez. Mas ficar cercada por aqueles gigantes seria realmente melhor do que permanecer do lado de fora? Não havia tempo para pensar nisso agora.

As pedras na pilha eram daquela espécie leve, curiosa, formada por vulcões antigos. Eram corroídas e esburacadas, porém mais leves do que quaisquer pedras que já tivera de levantar. A lâmina do machado em suas mãos era mais pesada do que metade das pedras na pilha.

Ela colocou a lâmina no chão e pôs-se a remover cuidadosamente as pedras. Raspou uma contra a outra e quase pulou com o barulho. Tudo indicava que aquilo

que aparentemente perdia em peso ganhava em som. Gritavam praticamente ao se tocarem. Aquele talvez fosse o alarme que os Gul'nog haviam criado ao redor do seu tesouro.

Ela levantou então silenciosamente cada pedra, separando-a da que estava por baixo e colocando-a no chão a certa distância uma da outra. Eram tão leves que teve vontade de movê-las rapidamente; mas, a luz azul que começou a brilhar fez que se apressasse antes que ela brilhasse nos olhos de um monstro. Sabia, no entanto, que se as pedras caíssem gritando sobre eles, o acampamento inteiro acordaria e seria o fim para ela.

Uma pedra a menos – em silêncio agora... uma pedra posta no chão – sem tocar em outras... tirar outra pedra.

Júlia pôde ver finalmente o que transmitia a luz azul. O talismã! Sua estrela de seis pontas presa no amuleto maior do capitão Ceres.

Ela tirou-o da pilha e o levantou à altura dos olhos. *Finalmente.*

Júlia voltou-se na direção das árvores. Estava na hora de não abusar demais da sua sorte e sair dali. Ela abaixou-se para pegar a lâmina do machado e a corneta escorregou e quase caiu no chão. Que loucura! A garota deixou a lâmina no chão e tirou a corneta do meio das roupas. Faria aquilo com a corneta em uma das mãos e o talismã na outra. Voltou até o Gul'nog magrinho e passou uma perna sobre ele.

Foi então que o guarda berrou.

Capítulo

10

O segundo guarda! Júlia o viu do outro lado do acampamento. Ele corria a toda velocidade na direção dela. Passou por uma prateleira de armas e puxou uma espada, gritando o tempo todo.

Todos os Gul'nog começaram a acordar à sua volta. Alguns pularam, prontos para enfrentar um atacante. Outros se sentaram mais lentamente. De qualquer modo, a sorte de Júlia sumira.

Ela correu velozmente para as árvores.

Um Gul'nog tropeçou à sua frente, esfregando os olhos. Ela o enganou e passou por outro ainda no chão.

Chegara à metade do caminho para as árvores, mas seu momento de surpresa terminara. As criaturas continuaram gritando como fizera o guarda e tentaram agarrá-la. Júlia ouviu o som estridente de armas sendo preparadas. Ela correu o mais que pôde.

Lá na frente, os arbustos tremeram e Gregório surgiu de uma hora para outra. Ele segurava um galho grosso de árvore, mas dificilmente seria uma ameaça para os monstros. Mesmo assim, dois deles se voltaram para essa nova surpresa, e Júlia passou por mais alguns.

Pelo canto dos olhos ela pôde ver as criaturas correndo a seu lado para apanhá-la. Alguns corriam surpreendentemente depressa e ela entendeu que pretendiam passar à sua frente e cortar seu caminho.

Só um Gul'nog se achava entre Júlia e a floresta agora, mas era um grandão. Ele gritou tão ameaçadoramente e parecia tão carnívoro que ela quase desmaiou de terror. As mandíbulas dele se abriram, alargando-se monstruosamente revelando linhas de saliva sobre dentes aguçados. Ele atirou-se na direção dela e Júlia viu que fora apanhada. Sua enorme garra pegou-a pela cabeça e levantou-a no ar.

Em seguida, abruptamente, ele a deixou cair.

O Gul'nog despençou com metade do ramo de Gregório.

Gregório atirou a outra metade sobre os guerreiros Gul'nog, que pararam, tentando descobrir o que havia acontecido. Ele agarrou a mão de Júlia – aquela com o talismã, e obrigou-a a correr.

A cabeça de Júlia ainda girava com a ideia de que certamente seria morta.

– O que... houve? Por que ele – espere, você está correndo na direção errada.

Gregório não a levava em direção às árvores, mas para o lado delas. A floresta passou por eles à esquerda e os Gul'nog enxamearam na direção de ambos, à direita. Lá na frente, o segundo guarda acordou do seu cochilo ao lado do pico do despenhadeiro e olhou em volta sonolento.



– Tenho certeza – disse Gregório, respirando forte com o esforço. – Jamais iríamos nos livrar desse modo. Eles são...velozes demais.

– Mas, onde...

A única coisa à sua frente era um lugar sem saída. O despenhadeiro sobre o oceano à sua frente e o mar imenso ao longe. O guarda já estava então em pé.

– Não! -- disse Júlia. – Você está maluco!

– É o único meio!

Ela puxou a mão e parou. – Não, não é. – Ela voltou-se para olhar os Gul'nog que os perseguiam.

As criaturas ficaram tão surpresas com isso que também se detiveram, com os

últimos indo de encontro aos primeiros.

À esquerda, Júlia viu o chefe Gul'nog sair rápido e raivoso da cabana. Ele aparentemente notara a falta de algo.

É agora ou nunca Júlia.

Ela voltou-se para o grupo de Gul'nog e levantou os braços para os lados como uma cantora de ópera; a corneta em uma das mãos e o talismã na outra. Tomou fôlego e soltou o seu melhor grito.

Os Gul'nog caíram à sua frente.

Pelo menos um caiu. Alguém tropeçara nele por trás. Os outros apenas olharam para ela. Alguns resmungaram algo parecido com uma risada.

O Gul'nog que caíra levantou-se e correu na sua direção. Os outros avançaram atrás dele.

Júlia virou-se e saiu correndo.

Gregório ficou olhando para ela.

– O que foi isso?

– Não tem importância! – Ela agarrou a mão dele e os dois voaram para o despenhadeiro.

– Isso deveria ter funcionado!

Júlia queria ter um minuto para deter-se e ver se havia realmente água abaixo do despenhadeiro ou apenas uma mandíbula aberta de rochedos aguçados, mas podia ouvir os Gul'nog bem às suas costas. Um deles estendeu a mão e por pouco não pegou seu cabelo.

Enquanto corria, ela levou a corneta aos lábios tentando soprar, mesmo com a saliva do monstro e tudo mais.

Pfft,

Pf–oot.

Pffff.

– Oh, não importa. Aqui! – Ela balançou a corneta sobre a cabeça e esperou que os Gul'nog parassem e lutassem por causa dela, deixando-os sozinhos.

A julgar pelo som de corpos colidindo atrás dela, alguns fizeram isso. Mas, se o barulho que ouvia bem perto era uma indicação, nem *todos* haviam concordado. E à sua direita, o chefe Gul'nog se aproximava velozmente. O guarda o seguiu.

Júlia arriscou um olhar para Gregório, correndo ao seu lado. Sua face dizia que aquilo era possivelmente a última coisa idiota que nunca mais iriam fazer.

A borda do despenhadeiro estava ali a três metros à frente agora. Plantas secas se agarravam na beirada, próximas de seixos e ninhos de aves.

Dois metros agora.

Água quieta lá embaixo; mas *junto* ao despenhadeiro? Perto o bastante para eles alcançarem? Ela não conseguia ver.

Um metro.

O Gul'nog logo atrás. Haveria pedras lá embaixo? E, oh, era muito mais distante do que ela.

Com uma das mãos presa na de Gregório e o talismã agarrado na outra, Júlia atirou-se despenhadeiro abaixo.



Havia pedras lá embaixo. Júlia as viu quando saltou em queda livre. As ondas do mar batiam contra as rochas, levantando plumas de espuma branca que alcançaram seus pés quase no momento em que entrou no ar livre. O ruído da arrebentação a rodeava como se estivesse caindo na boca aberta de um dragão.

No entanto, parecia que seu salto fora suficientemente maluco e impellido por medo suficiente a ponto de fazê-la cair para além das pedras.

Júlia percebeu Gregório caindo a seu lado. Percebeu também mais alguma coisa. Às suas costas e acima dela vieram os sons de arranhões, hesitações e finalmente uivos animais quando pelo menos um Gul'nog também caiu da borda do penhasco.

Água e pedras se aproximaram de Júlia, mas teve tempo suficiente para compreender que iria passar longe das rochas só para ser bombardeada por um monstro peludo, malcheiro...

Splash.

A água estava terrivelmente gelada, mas era melhor do que cair nas pedras. Ela agarrou o talismã com ambas as mãos e chutou de lado – esperava que estivesse bem distante das pedras – longe do Gul'nog que caía...

Splash.

Splash-splash-splash. Splash.

Chovia gigantes.

Júlia subiu à tona apenas a tempo de ver outro Gul'nog cair no mar. Ela teve um vislumbre das criaturas se debatendo na superfície da água à sua volta.

Acima dela, no despenhadeiro, muitos Gul'nog olhavam para baixo, sacudindo os dedos para ela. Eles se empurravam e um começou a cair. Este se agarrou aos outros dois a seu lado e os três caíram. Eles não haviam saltado longe o bastante para evitar as pedras. Quando uma onda levantou Júlia, ela os viu despencar em uma repulsiva pilha nas pedras.

Uma mão forte agarrou seu braço.

– *Ai!* – exclamou ela.

A mão continuou no mesmo lugar. Ela arrastou-a e fez que virasse, apesar da

resistência da garota.

– Não! – gritou ela. – Não vou morrer aqui! Não vou! – Júlia puxou o braço e levantou os pés para chutar longe o atacante.

– Júlia, espere! – Não era um Gul’nog atacando-a – era Gregório que a ajudava. A garota deixou de lutar.

Gregório tinha um ferimento feio na testa. O sangue corria para seu olho direito e quando uma onda abateu-se sobre ele e lavou seu rosto, mais sangue saiu da ferida e escorreu pelo rosto.

– Ainda está com você?

– O que aconteceu com você?

– *Você o tem?*

– Tenho o quê? Ah, o talismã. Sim, ele está...

Algo longo e pesado cortou a onda ao lado dela. Não era um Gul’nog.

– Eles estão atirando lanças! – disse Gregório, olhando para o alto do penhasco. – Venha! – Ele começou a afastar-se nadando. Não exatamente para o mar, mas na direção da praia arborizada a cerca de cinquenta metros do despenhadeiro.

Outra lança foi arremessada contra Júlia.



Ela deu uma guinada na água e foi para trás. A lança inclinou-se e bateu na água exatamente onde a cabeça dela estivera.

– Júlia! – gritou Gregório por sobre o som das ondas de arrebentação.

Foi nessa hora que Júlia notou que os Gul’nog na água à sua volta não estavam mais dando braçadas. Na verdade, não conseguia vê-los de modo algum. Isso fez que se lembrasse de que algumas das criaturas pareceram cair, mas não voltaram à superfície. Mesmo sem armadura, eram todos apenas músculos e ossos – talvez tivessem caído como pedras.

Ou, talvez, fossem grandes nadadores e conseguiriam prender a respiração por uma hora, e talvez estivessem naquele momento se arrastando sob os pés dela prestes a puxá-la para baixo.

Com um pequeno grito de terror, Júlia nadou atrás de Gregório, agarrando o talismã com uma das mãos, mas usando o outro braço para ir mais depressa.

As lanças chegavam mais rapidamente agora. Elas tinham caído e feito barulho em volta dela. Não eram mais atiradas apenas lanças, como também espadas e bastões, assim como Gul’nog ocasionais. As bestas, porém, pareciam ter uma péssima

pontaria, e nada a tocou.

Depois de cinco minutos de braçadas fortes para Júlia e Gregório, os Gul'nog não tinham mais coisas para atirar, ou compreenderam que era meio idiota atirar todas as suas armas no mar. Cessou assim a chuva mortal. Os Gul'nog moveram-se pela borda do despenhadeiro, seguindo o progresso de Júlia enquanto ela nadava.

Chegaram, no entanto, ao ponto mais afastado e tiveram de parar.

Júlia não tinha certeza, mas pensou que vira o chefe Gul'nog gesticulando e dando ordens. Em breve os monstros remanescentes deixaram a borda do rochedo e Júlia não pôde mais vê-los. Era bem provável que estivessem agora correndo até o local arborizado para onde ela e Gregório se encaminhavam com a intenção de fugir.

Júlia nadou com mais força.

As ondas não a empurravam tanto ali. Em vez disso, ela sentiu uma corrente ainda mais fria vinda da direção da terra. Uma onda comprida levantou-a o suficiente para enxergar. A floresta à frente estava dividida no ponto em que um riacho entrava no mar. Aquela era a origem da água fria, refletiu, e poderia ser a coisa que os salvaria.

Não era de admirar que Gregório estivesse seguindo naquela direção. Se pudessem entrar na terra ali, do lado direito onde o riacho jorrava no oceano, os Gul'nog não teriam apenas um longo caminho para sair do penhasco, como também precisariam atravessar o riacho. Com alguma sorte não haveria pontes próximas e todos ficariam na margem tentando descobrir se queriam entrar na água. Isso era algo que eles claramente não gostavam de fazer.

Talvez, apenas talvez, Júlia e Gregório pudessem fugir.

Capítulo

11

-Ele saiu?

Pedro observou Tadeu aproximar-se do lugar em que Peras estaria supostamente dormindo, encostado a um dos grossos troncos na terceira jangada.

Tadeu avançou silenciosamente e sacudiu a mão na frente do rosto de Peras. Nada. Ele sacudiu outra vez, mais forte desta vez. Nada. Olhou depois para Pedro e encolheu os ombros.

– Tudo bem! – disse Pedro. – Todos venham aqui, mas não falem.

Os nove homens de Aedyn – Tadeu, Miguel e os demais – se arrastaram pelas jangadas até fazer um círculo ao redor de Pedro, no barco mais afastado de Peras. O céu acima deles parecia escuro por causa da Sombra. Pedro podia ver o sol como um delicado círculo castanho, procurando sem êxito queimar através da nuvem preta. O mar se encrespava na meia hora anterior e as jangadas balançavam e rangiam juntas na turbulência. Nada daquilo, porém, parecia interromper o sono de Peras, o que Pedro achava ótimo.

– O que vamos fazer? – perguntou Limas.

– Isso mesmo – disse Orrin. – Por que se esse filhote de Gul’nog for um mensageiro do Senhor dos Exércitos eu sou um beija-flor.

Um dos homens deu um risinho. O restante olhou para Pedro sem dizer palavra.

– Isso responde à minha primeira pergunta – disse Pedro. – Eu fiquei imaginando se era o único a ter esse pensamento.

– Você notou que a corrente não está nos levando para Aedyn? – indagou Tadeu.

Miguel olhou em volta como se não tivesse notado. – Mas ele não nos mandou remar. Pensei que a água apenas nos levaria para lá. Quem sabe pela magia do Senhor dos Exércitos.

– Você tem razão – concordou Pedro. – Vejam, Khemia ainda está ali, tão distante agora quanto estava há horas.

Todos olharam. A ilha vulcânica se encontrava cerca de dois quilômetros dali, mas absolutamente não se afastara.

Nem qualquer outra massa de terra estava à vista na frente deles.

– Devemos remar? – perguntou Carlos, um sujeito magrinho com a face marcada

pela varíola.

Tadeu levantou as mãos.

– Em que direção devemos remar?

Pedro abaixou-se e falou em um sussurro áspero.

– Para mim chega! Cometi um erro. Como Peras me fez acreditar que podíamos deixar os outros para trás e depois voltar, não sei. Mas era a coisa errada a fazer.

Uma rajada de vento úmido borrifou seu rosto. – Não sei quem é esta *pessoa*, mas concordo com o beija-flor aqui – disse ele a Orrin. – Peras não é um anjo e se dorme não é também um demônio. O que significa que é humano como nós. – Pedro tirou o canivete da cintura. – Acho que devemos atacá-lo todos juntos e ao mesmo tempo, prendendo-o com cordas. Remamos de volta a terra e salvamos o resto da nossa gente.

Os demais se entreolharam incertos.

– Você tomou sol demais? – perguntou Limas. – Esse homem pode levantar-nos com uma única mão. Você tem um canivete. Mas, e nós, o que temos? Seria suicídio. – Ele se afastou de Pedro. – Esqueça, continuamos aqui e confiamos que ele vai levar-nos a algum lugar que não podemos ver agora.



– Você é que está queimado pelo sol, Limas. – disse Tadeu. – Não temos comida e faz tempo que não vemos água potável. Se não chegarmos a terra, não vai fazer diferença se Peras é um anjo ou um... ou um...

– Ou um *o quê?*

Peras estava em pé na frente deles como um agente da destruição. O vento desarranjava seu cabelo comprido, mas ele não parecia mais angélico. Às suas costas, o vulcão lançava cinzas para o céu e a Sombra desceu sobre eles como uma armadilha se fechando.

– Era ele! – gritou Limas, apontando para Pedro e afastando-se. – Ele está tentando voltá-los contra você. Mas eu o defendi.

– É mesmo? – Peras quase sorriu. Ele agarrou Carlos pelo cabelo e levantou-o sobre o mar com um braço. Carlos berrou, mas Peras o sacudiu como se estivesse prendendo um gatinho pelo cangote.

– Planejando uma pequena rebelião, não é, Pedro?

Os outros olharam atentamente para Pedro, mas todos pareciam afastar-se sutilmente dele.

O coração de Pedro latejou em seus ouvidos.

– Muito bem. – Ele tirou o canivete e o segurou na direção de Peras.

– Coloque-o no chão, Peras. Isto é entre você e eu.

Os olhos de Peras se arregalaram e ele até riu.

– Vejam só quem tem uma faquinha. Vou limpar com ela debaixo das unhas, homenzinho.

A ponta do canivete de Pedro mergulhou. O que estava fazendo? Aquele homem poderia não ser sobre-humano, mas estava mais perto de sê-lo do que Pedro, um estudante da Inglaterra. Pedro sentiu-se repentinamente como se sentira quando seu pai gritara com ele por não ser delicado com seu meio-irmão, meia-irmã e madrasta.

Essa ideia tomou conta dele como uma onda do mar derrubando o barco. Era como se estivesse de volta a sua casa na costa leste da Inglaterra e o pai gritasse com ele outra vez. Pedro acabara de ser mandado de volta para casa após brigar com o Márcio. Pedro Grant era um fracote comparado com Márcio, um problema para o diretor e uma desgraça para o próprio pai. Pedro devia mostrar espírito esportivo, dissera o pai. Pedro desonrara o nome da família, afirmou. Pedro poderia arrastar-se para longe e morrer, dissera o pai. Ou poderia muito bem ter dito, de qualquer maneira.

Durante um trêmulo instante, Pedro desejou que sua mãe ainda estivesse viva. Ele se sentia *realmente* como um fracote. Queria correr e refugiar-se nas saias dela.

A mãe, porém, tinha morrido. E o pai se tornara uma criatura como os Gul'nog. Sua madrasta era a Rainha do Submundo, cujos filhotes eram Bertram a besta e Luísa...bem, Luísa, a consoladora.

De alguma forma, pensar em Luísa fez que os músculos de Pedro voltassem a ter força. A ponta da faca levantou-se outra vez. Se Luísa pudera vencer suas tendências naturais e tornar-se alguém melhor, ele também podia.

Senhor dos Exércitos, dá-me forças.

Uma imagem de Gaius surgiu na cabeça de Pedro. O velho monge se achava nos olhos de sua mente, insistindo para que tivesse coragem.

Pedro fitou Peras com um olhar calculista. Aquele não era um guerreiro angélico. Não passava de um enorme estudante brigão. Um homem bom no passado, talvez. A figura de um pai que errara o caminho. Mas agora era um bruto, aterrorizando os pequeninos ao seu redor.

As coisas iam parar por ali. Quer Pedro pudesse ou não derrotá-lo, não tinha importância. Tudo o que importava agora era que ele não ia mais ser uma criança medrosa.

– Peras, seu mentiroso! – disse Pedro, chocado com o poder em sua própria voz. – Coloque-o no chão e me enfrente se for homem!

Peras pareceu inseguro por um momento. As ondas balançavam o barco e Peras

deu a impressão de que quase perdera o equilíbrio.

Depois levantou a cabeça para a Sombra e berrou.

– Muito bem, vou matar você primeiro, menino esperto. – Com um pequeno movimento da mão, Peras atirou Carlos no mar. – E todos iremos nos alimentar com a sua carne e beber o seu sangue.

Os pés de Pedro pareciam colados na jangada. A única direção que talvez não oferecesse resistência era saltar. Ele podia jogar-se no oceano e tentar chegar a terra.

A ideia de correr perturbou-o tanto que avançou sobre Peras em vez disso. Não iria admitir o seu medo.

A distância entre eles era pequena, mas no segundo passo Pedro já estava correndo. Ele chegou agachado até Peras, com a mão esquerda estendida como se fosse atacar e a mão direita pronta para dar o golpe. Os últimos passos de Pedro Grant como menino e as primeiras passadas de Pedro Grant como homem.

Peras agarrou o pulso esquerdo de Pedro.

O rapazinho estivera esperando por isso. Ele usou a própria força de Peras para dar maior poder ao seu golpe. Esfaqueou com a mão direita apontando a lâmina para o coração.

Peras empurrou Pedro, mas não o suficiente para derrubá-lo. A faca entrou em sua barriga, pouco abaixo das costelas.

Desta vez Peras gritou surpreso, irado e sentindo dor. Ele enraiveceu-se, agarrou os dois ombros de Pedro e atirou-o ao chão da jangada.

Pedro bateu com tanta força que abriu um buraco num tronco e ficou entalado ali. Água marinha escura e aquecida subiu pela fenda.

A dor no final das costas de Pedro era intensa, mas ele não se importou. Não teria uma segunda oportunidade. A lâmina continuava enfiada nas tripas de Peras e ele precisava recuperá-la.

Embora algo estivesse errado com seu ombro esquerdo, Pedro não obstante usou os dois braços para sair do buraco na jangada. Ele rolou e levantou-se. Teria o céu escurecido quase como se fosse noite, ou eram apenas os seus olhos?

Pedro tinha uma vaga consciência dos outros na jangada. Eles pareciam paralisados, incapazes de qualquer coisa além de olhar fascinados. Não importa. Isto não era com eles.

Pedro deu um grito de urso e correu até Peras. Sua ideia era golpear Peras onde o cabo da faca se encontrava – aprofundá-lo mais e talvez empurrar os dois para fora do barco.

Peras, no entanto, bateu no lado da cabeça de Pedro, derrubando-o na jangada como uma mosca esmagada.

Pedro chegou a encostar-se aos troncos, mas imediatamente levantou-se. Ele acabou do lado esquerdo de Peras e agarrou-se ali como se tentando subir numa

árvore.

Peras tentou empurrá-lo, mas Pedro continuou agarrado a ele.

Sentiu então que escorregava e segurou o cabo da faca. Seu primeiro pensamento foi usá-lo como um cabide para segurar seu peso; mas, no momento em que o pegou, ele saiu, seguido de um jorro de sangue vermelho e brilhante.

Depois disso, Pedro caiu ao chão da jangada. Ele quis afastar-se de Peras, mas o brutamonte era rápido demais. Ele agarrou Pedro pelos cabelos e levantou-o no ar.

Pedro desejou que seu cabelo se partisse na mão de Peras, mas isso não aconteceu. Ele apenas descolou do couro cabeludo com uma dor torturante. Pedro, porém, não daria a Peras a satisfação de ficar se agitando como um peixe, como Carlos fizera.

Ele golpeou o braço de Peras com a faca. Golpeou, cortou e esculpiu. Cortes profundos brotaram no braço de Peras.

Peras berrou. Ele afastou o braço esquerdo e bateu o punho com força nas costelas de Pedro.

O mundo escureceu ao redor de Pedro e ele sentiu que poderia desmaiar. Mas, não podia fazer isso. Não podia morrer enquanto estivesse inconsciente. Tinha de ir embora lutando. Se Peras não ia deixá-lo viver, continuaria cortando o braço dele.

Facada, facada, corte, facada.

Veio em seguida outro soco, mas Pedro puxou violentamente o braço, a fim de bloqueá-lo. Apesar de o braço receber o golpe, pelo menos suas costelas não foram novamente machucadas.

Facada, corte, facada.

O sangue escorreu pelo braço de Peras como se o tivesse mergulhado em tinta vermelha. Seus olhos – antes as órbitas bondosas e azuis de um salvador – haviam ficado pretos como piche, insondáveis como a garganta do vulcão. A Sombra lá em cima pareceu deixar o céu e se fundir com aqueles olhos. Ao contrário do que se mostrara, Peras revelara agora ser uma criatura das trevas.

– Quem ousa opor-se à Sombra? – gritou Peras.

O céu foi cortado por relâmpagos. Estes se espalharam no alto, como aracnídeos, e se juntaram em colunas brancas e cruéis. Um raio bifurcou-se no oceano e por um momento o mar ficou vermelho vibrante. Um barulho de trovão fez-se ouvir com força quase física.

Alguém gritou do outro lado das ondas e Pedro percebeu que alguma coisa acontecera a Limas.

– Ratinho aborrecido! – gritou Peras, sacudindo a cabeça de Pedro e espirrando sangue nele.

– Você pensa que pode desafiar o poder das trevas na sua melhor hora? Você vai ser esmagado e eu me voltarei então para os outros. Para as crianças e os velhos. –

Peras lambeu perversamente os lábios. – E as suas mulheres. As suas preciosas Alice e Luísa e... ele encostou o nariz no de Pedro.

– Vou assar Júlia viva.

Você... não vai! – A escuridão envolveu a visão de Pedro. Ele não podia desmaiar. Não podia. – O Senhor dos Exércitos vai...

– Não fará nada! – O céu relampejou outra vez, iluminando a face de Peras como a de um louco enfurecido. – O Senhor dos Exércitos vai olhar, chorar e sentar-se sobre as mãos, uma desculpa impotente para um deus!

A escuridão aumentou e desta vez Pedro viu que eram apenas os seus olhos. Ele estava escorregando para a inconsciência. Os raios iluminavam o céu e os trovões ribombavam, mas tudo parecia distante. O que Pedro precisava agora era dormir.

Tudo ficou então silencioso. Peras falava claramente alguma coisa ao ouvido de Pedro, mas era como se este estivesse surdo. O mar se agitara, o céu tremia e o vulcão lançava fogo, mas tudo se diluiu em sussurros brandos.

Um som emergiu. Isolado dos outros. O fluir macio das ondas contra as jangadas e subindo pela fenda no chão. A água era realmente pacífica. Como uma canção de ninar.

Pedro viu que seus olhos tinham virado de lado. Peras e os outros estavam em pé sobre um muro à direita, com as cabeças olhando para a esquerda. O vulcão soltava cinzas para a esquerda em vez de para cima. Os outros... Não estavam mais sentados, mas ocupados com Peras em uma dança doida no muro.

Pedro ficou sozinho na jangada logo em seguida. Isso era ótimo. Um pouco de privacidade e descanso finalmente. No canto da mente ouviu uma voz conhecida.

– Pedro? Pedro? Onde você está?

– *Mamãe? Mamãe? Estou aqui!*

Onde será que ela estava? Ele olhou em volta, mas tudo o que viu foram corredores que levavam para vários lugares.

– Mãe?

– Pedro! Pedro!

– *Estou olhando!*

– *Pedro! Acorde!*

Um rosto familiar flutuou sobre ele. Não, porém o da mãe. Era um homem. Ele tinha um nome. Pedro sabia qual era, mas não conseguia lembrar-se.

O rosto afastou-se.

– Ele está voltando a si.

Pedro sentiu que o levantavam até sentar-se. A jangada não estava mais virada de lado. Tudo voltara ao lugar.

– Orrin?

Orrin sorriu para ele e as faces de outros que reconheceu se aproximaram e Pedro

também sorriu.

Ele piscou. Era bom vê-los, mas estivera esperando ver a mãe. – Por que... – Engoliu em seco. – Por que todos vocês estão molhados?

Isso parecia ser engraçado, porque todos riram. Pedro queria juntar-se a eles, mas sentiu dores em todo o corpo. Seu braço, suas costelas, seu couro cabeludo, suas costas.

Lembrou-se então. Sentou-se como se o tivessem cutucado. – Peras! Onde está ele? – Tentou levantar-se, mas alguém o segurou.

– Está tudo bem – disse um velho. – Tadeu – esse era o seu nome. – Nós cuidamos dele.

Pedro pensou então que deveria estar sonhando afinal. – O que quer dizer?

Miguel – esse era o nome do adolescente, Pedro tinha certeza – levantou-se e colocou o pé em cima de alguma coisa.

– Ele está bem aqui, Pedro. Mas não se preocupe. – Miguel fez rolar algo com o pé e Pedro viu que era Peras, amarrado com cordas e parecendo bem pequeno.

– Ele não vai mais prejudicar-nos.

Pedro pôs o rosto nas mãos e sacudiu a cabeça.

– É melhor alguém me explicar isto. Minha cabeça dói demais para entender tudo.

Orrin abaixou-se e puxou alguém para o ângulo de visão de Pedro. Era um homem magro com o rosto marcado por varíola e pedaços do couro cabeludo expostos.

– Foi o Carlos aqui que tomou o seu lugar – disse Orrin. – Peras só sabia dizer, “Sou o rei do mundo, vocês, miseráveis humanos”, e então Carlos subiu por trás dele e deu-lhe um soco nos rins. Peras ficou tão surpreso que deixou você cair e desabou no chão como um saco de nabos.

Pedro fitou Carlos admirado.

– Você, Carlos? Mas você tinha sido jogado do barco!

– É verdade, mas sei nadar – respondeu Carlos. – Nadei para o barco o mais depressa que pude. Pensei, no entanto, que estivesse completamente certo, mas o soquei nos rins quando pretendia bater na cabeça. Foi por pouco.

Todos riram.

– Então – disse Orrin com um encolher de ombros – quando o brutamontes caiu, vimos a nossa oportunidade e pulamos em cima dele. Até Limas participou, apesar de um relâmpago tê-lo tocado levemente.

Pedro olhou-os com novo respeito.

– Vocês são admiráveis!

– Nós não podíamos deixar você ser o único herói, não é? – disse Tadeu.

Não sou nenhum herói – resmungou Pedro. – Mas, agora, por que todos vocês estão molhados?

– Está bem – falou Orrin. – Na briga, todos caímos na água. Limas foi o primeiro.

Investiu com tanta força que todos tivemos de acompanhá-lo e beber água salgada.

– Que coisa! – disse Pedro. – Mas como vocês dominaram o Peras?

Tadeu pareceu surpreso.

– Acontece que nosso pesado amigo não gosta muito de água. Talvez nem saiba nadar!

– Chorou como uma criança, – disse Miguel. – Salvem- -me! Farei qualquer coisa! Pedro tentou imaginar, mas não conseguiu.

– Ameaçamos deixá-lo afogar-se se não nos obedecesse – disse Orrin. – Ele ficou ali sentado manso como um cordeiro quando o amarramos e pusemos a mordaca nele. Tem sido um prisioneiro-modelo desde então.

Miguel cutucou-o com o pé.

– Não é mesmo, pequeno inseto?

Pedro tentou sentar-se, mas a dor era demasiada. Orrin e Tadeu o ajudaram a levantar. Daquela posição vantajosa, Pedro notou que o mar ficara mais calmo e que a falsa tempestade de raios havia passado. O dia agora parecia só nublado e não como uma noite do juízo final.

Pedro atravessou as jangadas, sentindo dores a cada movimento. Ele encontrou Peras deitado de lado na jangada onde se abrira o buraco no chão. Achava-se em uma poça de água e parecia mais preocupado com manter a água longe do nariz e da boca do que em conquistar o mundo. Seu braço ferido fora enrolado em tiras de pano tiradas de suas próprias roupas.

Não que a bandagem ajudasse muito, pois estava completamente molhada. O lugar em que tinha recebido o golpe na barriga fora cheio com algodão e enrolado com mais tiras de pano, embora tudo estivesse agora manchado de sangue. Ele olhou para cima, com olhos que haviam voltado a ser azuis, e parecia fraco.

Em resumo, com as faixas, ataduras e mordaca, Peras tinha o aspecto de um inimigo derrotado. Pedro, porém, já fora enganado pela aparência daquele homem.

– Não sei – disse Pedro. – Não tenho certeza de que é prudente deixá-lo aqui. Não devemos esquecer que ele sabe fingir muito bem. Pretende ser uma coisa enquanto na verdade é outra bastante diferente.

Miguel sentou-se num tronco e colocou os dois pés nas costas de Peras. – Você acha que devemos apenas rolá-lo para o oceano?

Isto pareceu alarmar Peras. Ele debateu-se e gemeu.

– Pare, Miguel – disse Pedro, embora não soubesse exatamente a razão.

Orrin se achava perto de seu ombro.

– Pode ser a melhor coisa. Você tem razão. Não podemos confiar nele.

A cabeça de Pedro pareceu clarear e lembrou-se outra vez da noite em que ele e Gregório haviam procurado cogumelos – o Gul’nog, como Pedro queria sair correndo. Teria feito justamente isso se não tivesse sido descoberto.

Como pôde pensar assim? Como seria diferente de seus inimigos – do Gul’nog, ou até de Peras – se tivesse feito isso?

– Não – respondeu Pedro com firmeza. – Miguel, ponha os pés no chão. Não vamos atirá-lo para fora do barco.

Miguel fez cara de desapontado.

– Mas por quê?

– Porque somos homens, servos do Senhor dos Exércitos e não Gul’nog assassinos. – Além disso – continuou Pedro – cruzando de volta a jangada – ele talvez possa ser útil.

Miguel e Orrin resmungaram e os outros pareciam inseguros, mas ninguém contradisse Pedro.

– Mesmo assim – Pedro prosseguiu – quero seis de nós vigiando Peras o tempo todo. Se decidir abusar da nossa misericórdia, vocês podem *então* atirá-lo ao fundo do mar.

Isto pareceu encorajá-los. Vários voluntários rodearam Peras.

Pedro pegou um tronco menor que se soltara durante a briga.

– Os restantes peguem alguma coisa para servir de remo e vamos retornar a Khemia, onde deveríamos estar.

Capítulo

12

-Por que ele brilha?

Júlia olhou para Gregório enquanto andavam pela floresta, depois baixou o olhar para o talismã, que iluminou o espaço em que se achavam com uma luz azul. – Não sei, não me lembro de ele ter brilhado quando unimos as duas partes. Talvez precisasse ser aquecido primeiro. – Ela viu Gregório encolher-se repentinamente ao desviar um galho. – Como vai o braço?

Ele o esfregou levemente.

– Está bem. Desde que não pulemos mais de barrancos ou tenhamos de nadar no mar alto novamente.

– Eu não queria pular do despenhadeiro, lembra? – Ela olhou para trás, investigando. – Mas, vou concordar que você os tirou do nosso caminho. Que pena também tivesse de *nos* atirar para fazer isso!

A manhã passara sem incidentes. O medo de serem perseguidos quase desaparecera.

– Como está o corte? – indagou Júlia.

– Em ordem – respondeu Gregório, tocando o corte sobre o olho. – Já formou casca.

Eles caminharam em silêncio confortável. Estavam seguindo uma trilha de veado, o que significava que seus pés se achavam praticamente livres de arbustos espinhosos ou obstáculos grandes; precisavam, entretanto, abaixar-se bem para evitar ramos rasteiros e trepadeiras. Nos lugares em que podia ficar em pé, Júlia aprendera a andar com os braços estendidos à sua frente.

As teias de aranha eram geralmente invisíveis até que estivessem sobre eles. Era melhor passar por uma daquelas redes pegajosas com o braço do que com o rosto. Além disso, a ideia de aranhas se arrastando pelo seu cabelo era quase suficiente para fazê-la gritar.

E por que o grito dela não funcionara? Júlia lembrava muito bem de ter gritado antes e visto aqueles três cavaleiros caírem de suas selas. Aquilo era mais do que apenas surpresa – alguma força acompanhara o grito e os puxara para trás. Por que o grito não funcionara então com os Gul’nog no rochedo? Ela deveria ter podido gritar

a ponto de fazê-los bater em retirada, como ela e Pedro tinham feito ao gritar contra as paredes que mantinham as crianças prisioneiras. Júlia teria feito algo errado? Ou o fato de não funcionar seria apenas uma coisa do passado?

Ela talvez não fosse mais a Libertadora de Aedyn.

Júlia olhou para Gregório enquanto o rapaz a seguia. *Ele* ainda acreditava que ela fora escolhida pelo Senhor dos Exércitos. Sorriu então tristemente. Era estranho como se sentia em relação a ele agora em comparação com o que sentira ainda ontem. Tinham atravessado algo juntos. Uma pena que tivesse de voltar ao seu mundo um dia. Talvez em breve. Sentiria falta dele.

– Oh! – Júlia se deteve antes de terminar o passo.

Gregório voltou-se.

– O que foi?

– Esqueci-me de procurar cogumelos e agora já estamos quase de volta.

Ele riu de leve.

– Não acho que Luísa vá incomodar-se. Não quando lhe entregar esse talismã.

Júlia tocou na fita que havia arranjado para colocar o talismã no pescoço.

– Acho que tem razão. Além disso, estou farta de cogumelos.

Quinze minutos mais tarde chegaram à sua clareira no fundo do despenhadeiro. Não parecia que houve qualquer trabalho de limpeza para remover o entulho ao redor da entrada da caverna; mas um olhar para a floresta mostrou que os outros haviam começado a enterrar os corpos.

Júlia e Gregório chegaram à clareira no momento em que o sol mergulhou por trás da borda da Sombra, deixando escura a cena.

– Espere – disse Júlia a Gregório. – Tenho um mau pressentimento.

– Bobagem – replicou ele, continuando a avançar – Tudo está em ordem. Você vai v...

– Parem! – Era uma voz de mulher e ela parecia realmente decidida. A voz viera da entrada da caverna.

Gregório e Júlia levantaram as mãos.

– Somos só nós – disse Gregório. – Gregório e Júlia.

Júlia preparou-se para correr.

Priscila saiu da caverna, segurando uma lança feita de um ramo grosso com ponta aguda. A jovem parecia tão cansada e magra que poderia cair se pisasse numa teia de aranha. Mas não era um Gul'nog.

– Priscila – disse Júlia – Bom trabalho por nos interpelar. Mas precisamos entrar. Tudo está em ordem?

Priscila pareceu ter dificuldade para se concentrar.

– Voltem... para trás. – Ela ameaçou-os com o ramo quase sem prestar atenção. As folhas farfalharam.

– Olhe, Priscila...

Um braço saiu da caverna e empurrou o galho de Priscila. – Absurdo – disse outra voz feminina. – Priscila vá dormir um pouco. Eu fico com isto.

Era Luísa. Ela fez Priscila virar-se e empurrou-a para o interior da caverna. Luísa voltou e abriu os braços para Gregório e Júlia.

– O que foi aquilo? – perguntou Júlia enquanto se abraçavam.

– Oh, nada – disse Luísa indo de Júlia abraçar Gregório. – Temos dormido muito pouco desde que vocês não voltaram quando esperávamos. E é terrível cavar sepulturas para pessoas que conhecemos e de quem gostamos. Estamos todos a ponto de explodir. No íntimo, todos estão pensando que os Gul’nog voltarão para acabar com a gente. Mas agora vamos ficar bem. O olhar dela entristeceu-se quando se aproximou do rosto de Gregório. – O que aconteceu com você?

Ele tirou a mão dela de seu olho.

– Está tudo perfeito. Mas... tivemos uma aventura.

– Posso ver isso.

– Luísa – disse Júlia – tenho algumas péssimas notícias.

Luísa pareceu ficar tensa.

– Não conseguiram localizar o acampamento?

– Oh, não – respondeu Júlia. – Encontramos o acampamento.

– Então o quê?

– Não conseguimos achar nenhum cogumelo.

Luísa olhou de Júlia para Gregório e depois fitou Júlia novamente.

– São essas as suas péssimas notícias?

– São – respondeu Júlia, com tristeza fingida. – Você disse para voltarmos com um montão de cogumelos, mas tudo que trouxemos foi isto.

– Ela tirou o talismã do pescoço e mostrou-o a Luísa.

Luísa soltou um grito tão estridente que Júlia temeu que ele produzisse um desabamento de pedras. Ou fizesse que todos os Gul’nog que estavam a cem quilômetros de distância se lembrassem da existência deles. Mesmo assim seu coração alegrou-se por ver Luísa tão feliz.

– Oh! – disse Luísa, abraçando-os várias vezes. – Mal posso acreditar! Estamos salvos! Como vocês conseguiram encontrar isto?

Júlia começou a explicar, mas os outros foram deixando a caverna, querendo saber o que estava acontecendo. Alice apareceu com Alexandre. Priscila voltou, parecendo sonolenta. Imogene estava ali. Em trinta segundos todos os sobreviventes rodearam Júlia e Gregório, exultantes com a volta do talismã e deliciando-se com o seu brilho azul.

– É uma história meio longa – disse Júlia. – Mas basta dizer que encontramos o acampamento dos Gul’nog. Depois pegamos o talismã. E... em seguida, pulamos de

um rochedo e nadamos no oceano, com lanças e outras coisas caindo em volta da gente.

O grupo os contemplou com reverência.

– Na verdade – falou Gregório – Júlia fez quase tudo. Quando encontramos o acampamento deles, eu estava decidido a voltar para cá, mas Júlia não quis. Vocês deveriam tê-la visto. Ela foi incrivelmente heroica.

Luísa pegou nos ombros de Júlia. – Incrivelmente insensata.

Júlia encolheu os ombros. – Tem razão, pensei isso várias vezes pelo caminho. Mas era o que você precisava, não era? E não sabíamos se haveria uma nova oportunidade.

Gregório tossiu. – Existe também a leve possibilidade de que haja centenas de Gul’nog em nosso encalço – disse ele. – Gul’nog zangados... mas com menos armas. Ou bem molhados.

Isto provocou um arrepio de medo no grupo.

– Não há então um minuto a perder – falou Luísa. Ela virou-se para Júlia e Gregório. – Todos para dentro. Vamos nos preparar.

Júlia seguiu Luísa e entrou na caverna. Ela ficou novamente impressionada ao ver quanto estrago os Gul’nog haviam feito – e quão poucas eram as pessoas que moravam ali agora. Avistou sua cama contra a parede distante e desejou esticar-se nela, com pedras e tudo; mas, não havia tempo para isso.

Luísa os levou para o mapa da ilha que Gregório fizera na parede. Apontou o vulcão.

– A Sombra está aqui. Agora que temos o talismã de volta, podemos derrotá-la. Mas é preciso fazer isso no seu lugar de origem.

Gregório olhou para as mulheres, crianças e feridos que restaram. Mas como? Se tivéssemos um exército, talvez pudéssemos fazer isso. Qual é neste momento a nossa chance?

Alice adiantou-se, de mãos dadas com Alexandre.

– É verdade, somos os fracos e os feridos. Mas somos tudo que restou, Gregório. E nossa coragem não é menor do que a de um exército.

– Mas, e os que morreram? É certo que vocês não conseguiram enterrar todos num único dia.

Luísa sacudiu a cabeça.

– Vamos confiar no Senhor dos Exércitos para cuidar deles até voltarmos.

Alice mostrou em seus olhos que tinha conhecimento de tudo. Ela avançou ousadamente e tirou o talismã de Luísa. Esticou depois o cordão e colocou-o no pescoço de Luísa.

Júlia respirou fundo. No momento em que o talismã foi posto no peito de Luísa, ela pareceu transformar-se em outra pessoa. Sua aparência era de alguém mais

senhora de si e mais velha. Sua pele resplandecia, como se o talismã estivesse brilhando de dentro para fora.

Os outros gritaram surpresos e alegres e, como uma só pessoa, se ajoelharam.

Júlia os acompanhou. Poderia aquela ser Luísa, a meia-irmã insuportável que seguira Júlia e Pedro pelo portal, a fim de criar problemas para eles? Agora, diante de todos, não se encontrava uma criança petulante – mas exatamente aquilo que o grupo todo pensara que Peras fosse.

Luísa era a mensageira do Senhor dos Exércitos.

Ele respondera à oração deles antes que soubessem pelo que orar. E transformara um coração nesse processo.

Luísa, consoladora e salvadora, andava entre as pessoas.

– Não se ajoelhe diante de mim – dizia ela, tocando a cabeça de cada uma. Ao fazer isso, Júlia viu o rosto delas relaxar. Luísa tocou a face de Gregório e foi como se o corte profundo em seu rosto, acima do olho, não passasse de uma mancha de sujeira que Luísa limpou com o dedo. Todos se emocionaram.

Quando Luísa tocou Júlia, sua sensação foi a de que fosse novamente uma menininha, aninhada nos braços do pai. Ele era bom então. Antes. Quando Luísa aproximou-se do sobrevivente seguinte, Júlia teve um vislumbre do talismã. Uma peça grande e um buraco em forma de estrela. Quando o viram pela primeira vez, o buraco estava vazio. Júlia encontrara então a peça que faltava e a colocara no lugar.

Poderia ela fazer isso com o próprio pai? No coração dele faltava alguma peça. Ele a perdera quando mamãe tinha morrido.



Júlia teria condições de encher esse vazio?

– Fiquem em pé todos vocês – disse Luísa.

Os sobreviventes de Aedyn se levantaram. Mas aos olhos de Júlia eles não eram mais os pequenos e fracos. Não eram mais simples sobreviventes. Achavam-se ali em pé, firmes e fortes, prontos para enfrentar até mesmo os portões do inferno. Não se tratava de feridos e débeis. Eram os guerreiros do Senhor dos Exércitos. Ele tinha agora o seu exército e eles marchariam contra o inimigo.

– A luz vai nos guiar! – avisou Luísa.

Quando disse isso, uma luz surgiu do talismã e brilhou na caverna como uma chama reluzente e branca. Toda a fadiga de Júlia desapareceu – e toda a fome foi substituída por uma satisfação similar à que sempre sentia depois de comer a ceia do Natal. Sentiu como se pudesse marchar até o lado do vulcão, pular para dentro com um copo de água e vencer o fogo.

Sem dizer mais nada, Luísa guiou todos para fora da caverna outra vez. Eles pisaram nos escombros como se fossem as ruínas de Jericó e sua fé no Senhor dos Exércitos tivesse derrubado paredes de pedra.

A luz inundou a clareira. O dia ainda estava na metade, mas poderia ser meio-dia numa camada de gelo ártico, tão ofuscante era o brilho. Luísa dirigiu-se resolutamente para o vulcão e os dezenove outros a seguiram, protegendo os olhos da claridade pouco habitual. A luz viajou com eles, cercando-os como um escudo. Não parecia mais irradiar-se do talismã, mas de tudo que os rodeava.

Enquanto caminhava, marchando ao lado de Luísa, Júlia quase podia ouvir música de uma banda tocando. Ali estavam eles, caminhando para a vitória. Olhou então para Luísa – meia-irmã, amiga e heroína – e sorriu. O olhar devolvido por Luísa mostrou a Júlia que, acontecesse o que acontecesse, a batalha estava ganha.



– Esperem!

Júlia olhou para a esquerda, na direção do mar. O grupo estivera andando na luz por mais de vinte minutos, mas ela sentia que poderia caminhar para sempre.

No alto de uma serra e em uma ladeira arborizada, ela viu Pedro e os outros homens das jangadas.

– Pedro! – gritou.

Todos começaram a correr, depois afrouxaram o passo e levantaram as mãos contra a claridade da luz que rodeava os guerreiros de Luísa.

– Está tudo bem! – avisou Júlia. – É o poder do Senhor dos Exércitos. Vocês estão seguros. – Na opinião de Júlia, Pedro e os homens pareciam exaustos, mas confiantes. Ela quase pensara que eles *havam* construído um navio novo e estavam ali para levá-los para casa. Mas faltava alguém. – Onde está Peras?

Pedro e os outros se aproximaram do grupo. Vários começaram a conversar animadamente com os companheiros de Luísa.

Pedro parecia se mover com dificuldade, como se estivesse com dor. Ele deu um abraço leve em Júlia.

– Olá, irmãzinha, é bom ver você.

– Demorou bastante – disse ela. – Mas, Pedro, onde está Peras?

Ele olhou por sobre o ombro. Júlia viu Miguel e Carlos aparecerem no alto do monte com Peras andando entre eles. O bruto tinha as mãos, os pés e a boca amarrados. Ele arrastava os pés como uma criancinha. Seu cabelo comprido, louro, estava pegajoso e emaranhado. Suas roupas não passavam de frangalhos e ele tinha faixas ensopadas de sangue no braço direito e na cintura.

– O que vocês fizeram com ele? – perguntou Júlia.

Pedro foi até Luísa e parecia querer abraçá-la; mas, em vez disso, estendeu a mão

como se fosse apertar as mãos de um amigo cientista.

– Luísa tinha razão o tempo todo. Entramos na água e Peras virou um... Bem, se eu descrever o que seus olhos fizeram, vocês não acreditarão. Continuo procurando uma explicação racional para tudo. Descobrimos, porém, com certeza uma coisa. Ele não é um servo do Senhor dos Exércitos.

Júlia sorriu para Luísa.

– Nós sabemos. *Ela é.*

Pedro olhou admirado para Luísa.

– O quê?

Luísa sorriu humildemente.

– É uma longa história. Estou feliz porque você viu a verdade sobre Peras antes de alguém ficar gravemente ferido. Mesmo assim, vejo muitas lesões em vocês. Deixe-me olhá-lo, Pedro.

Durante os quinze minutos seguintes o grupo descansou no gramado da floresta com o talismã irradiando sua luz enquanto Luísa ia examinando cada ferimento. Júlia viu Alexandre, filho de Alice, seguindo Júlia enquanto ela fazia sua ronda. Luísa sorria muitas vezes para o menino e parecia ensiná-lo. Ela falava baixinho com ele e depois iam até um ferido e o tocavam perto da lesão. Júlia viu mais do que um olhar de admiração quando alguma coisa acontecia aos feridos. Luísa sorria e dava um abraço em Alexandre, dizendo uma ou duas palavras; movendo-se então para o homem seguinte.

Luísa chegou finalmente a Peras. Júlia e Pedro se aproximaram, assim como todos os outros. Eles rodearam os dois enquanto Luísa e Peras discutiam mais uma vez.

Muito bem, Fingido – disse Luísa. – Vejo que você fez o que eu não pude.

A mordaca ainda prendia a boca de Peras. Sua expressão permaneceu dura, mas interrogativa.



– Tentei falar a essas pessoas que você era um traidor e um vilão – falou Luísa. – Mas, eles não quiseram ouvir. Uma árvore é conhecida pelos seus frutos. Estou vendo que não consegui manter a ilusão por muito tempo. Sinto-me feliz porque eles não se deixaram iludir antes que você tivesse oportunidade de traí-los.

Luísa estendeu o braço e Peras desviou-se como se esperando ser golpeado. Mas ela simplesmente colocou a mão em seu braço direito. Júlia não teve certeza de gostar do que viu, mas estava claro pelo rosto de Peras o que ela fizera. Ele moveu o braço para a frente e para trás e girou-o tanto quanto as bandagens permitiam. A julgar pela sua atitude, Luísa o curara. Ela tocou a seguir o ferimento na barriga de Peras e ele teve a mesma reação.

Peras levantou-se como se estivesse espantado, olhando para Luísa com os olhos bem abertos. Quer estivesse pensando que ela era idiota por curar seu inimigo, ou pensando outra coisa muito diferente, Júlia não podia saber. Sabia apenas que *ela* provavelmente não o teria curado. Ao olhar para a face de Pedro, pensou que ele também não faria isso.

Alexandre olhou de Peras para Luísa.

– “Consoladora”, – disse ele – por que você o curou? Se o fortalecer, ele não irá machucar-nos outra vez?

Luísa sorriu misteriosamente e piscou para Alexandre. Ela levantou a cabeça para o grupo.

– Temos uma batalha para vencer, homens e mulheres do Senhor dos Exércitos. Venham, vamos avançar sobre o inimigo.

Depois disso, ela virou-se e andou a passos largos para o vulcão. Júlia, Pedro e os demais a seguiram e a luz os acompanhou.

Capítulo

13

-Havia tantos assim no acampamento? – Pedro olhou para a formação de batalha dos Gul’nog que se achava entre eles e o vulcão em atividade.

Júlia sacudiu a cabeça.

– Mais outros no acampamento – penso eu. Eles perderam alguns no despenhadeiro.

Pedro e Orrin se entreolharam surpresos. Pedro assobiou.

– Júlia, retiro tudo o que já disse sobre garotas serem covardes.

Gregório resmungou.

– Vocês deveriam tê-la visto.

A tarde já começara e o pôr do sol surgira outra vez no meio da Sombra, perto do horizonte. Isto teve o efeito curioso de torná-lo mais brilhante agora do que estivera ao meio-dia. Não obstante, as sombras eram longas atrás do pequeno exército de Luísa – e mais longas ainda por trás do batalhão dos Gul’nog que se achavam cerca de cem metros à frente deles.

O povo de Aedyn encontrava-se em pé em uma grande planície que levava gradualmente para a base do vulcão, o qual mesmo agora enviava nuvens turbulentas de cinzas para o céu e atirava rios de lava pelas suas encostas. A linha de batalha dos Gul’nog se compunha de mais de cem deles. Os monstros tinham encontrado mais armas ou as tinham fabricado, pois agora cada Gul’nog estava armado. Não parecia também que o sol os perturbasse em nada.

A luz do talismã continuava forte como sempre, mas Pedro não se sentiu mais tão protegido como estivera na floresta escura. Ele olhou para seus amigos jangadeiros e para os outros homens, mulheres e crianças de Aedyn. Um físico teórico não era necessário para prever o final de uma batalha. É claro que desde que chegara àquela terra estranha, ele começara a sentir que poderia haver algo mais além das leis da ciência e da razão.

Tadeu, o velho da jangada, puxou Pedro de lado.

– Lembra-se de ter dito que nosso refém poderia vir a ser útil?

Pedro olhou para Peras que continuava amarrado e amordaçado, preso entre Miguel e Carlos, e sorriu para Tadeu.

– Exatamente o que eu estava pensando.

Pela décima vez desde que tinham saído da floresta e visto os Gul’nog à espera deles, Pedro tentou pegar o canivete na cintura. Ele continuava perdido.

Ele sumira na briga contra Peras e esquecera-se de procurá-lo até chegarem a terra. A essa altura, não fora possível encontrá-lo. Na luta, provavelmente caíra no mar.

Resolveu então tentar parecer forte. Foi até Peras e deu-lhe um pequeno empurrão.

– Mande-os voltar.

Peras, Miguel e Carlos olharam duvidosos para Pedro.

Pedro olhou para Luísa que fez um aceno positivo. Ele tirou a mordaça da boca de Peras e começou a trabalhar nas faixas ao redor de seus braços.

– Vá até lá, consiga a atenção deles e mande que voltem. Ou vamos acabar o que começamos na jangada.

Sem a mordaça e com os braços livres, Peras pareceu novamente ameaçador. Seus olhos não ficaram pretos, mas se estreitaram.

– Mesmo agora, na presença da Sombra, você acha que pode escapar da destruição?

Carlos puxou os cabelos de Peras. Pedro achou o gesto cruel demais. Mas, depois lembrou como ele e Carlos tinham sido sacudidos por Peras da mesma maneira. Mesmo assim, Pedro não queria copiar uma tática que desprezava.

– Está bem – disse Peras, provavelmente imaginando quanto estrago poderia fazer com os braços livres, mas as pernas presas. – Vai ser preciso, no entanto, mais do que uma luz brilhante para salvá-los hoje.

Peras deu um passinho de bebê na direção da linha de Gul’nog; mas, nesse exato momento as criaturas deixaram escapar um berro sobre-humano e avançaram. Levantaram suas armas e galoparam como um tsunami de músculos e ódio.

As criaturas continuaram a se aproximar, apesar de Peras gritar e sacudir os braços. Quando estavam a cinquenta metros de distância, Pedro podia ver os olhos enlouquecidos e a saliva escorrendo da boca de cada um. Viu um sujeito enorme no meio deles, comandando o ataque, usando armadura de espinhos e brandindo uma corneta branca em uma das mãos e uma espada de aspecto cruel na outra. Pedro reconheceu este Gul’nog que estivera na invasão da caverna.



Peras desistiu de suas tentativas para chamar a atenção deles e recuou o mais depressa possível.

O som dos passos da horda Gul'nog fazia tremer a terra. A vinte metros, eles ainda corriam a toda velocidade, com os pés batendo na terra dura como os cascos de um rebanho em debandada. Não seria necessário o uso de armas, pensou Pedro. Eles só precisavam derrubá-los. Os sobreviventes começaram a desaparecer diante do ataque próximo.

A luz então brilhou e se uniu em uma bola maciça, pulsando com poder. Ela parecia viva, como bilhões de vagalumes tremeluzentes. Pedro protegeu os olhos, mas não conseguiu afastá-los. A bola de luz subiu mais alto, ficou mais brilhante e mais ofuscante, até que os inimigos estivessem a apenas dez metros de distância, depois avançou sobre os Gul'nog como o lampejar de um raio.

As criaturas uivaram com medo e tropeçaram. Algumas caíram. Outras se voltaram e correram. O grandão parou surpreso, mas não demonstrou medo. Viu o seu exército vacilando. Levantou então a corneta e soprou.

Era o mesmo berro retumbante que Pedro já ouvira. Ele fez tremer seus ossos e

repercutiu em seu peito.

Os Gul'nog deixaram de fugir e voltaram a agrupar-se. Mas não avançaram. Os dois exércitos ficaram como que paralisados. O pessoal de Aedyn, recuperando a coragem, e os Gul'nog protegendo os olhos da luz, mas não virando para retirar-se.

Peras, no entanto, tinha os olhos de certo modo mergulhados nas trevas. Estava de costas para os Gul'nog e olhou com ódio para Pedro e Júlia, demorando-se em Luísa com um ódio tão intenso que parecia faiscar. Voltou-se, porém, para as criaturas e gritou:

– Para trás! Vamos passar. Em nome da Sombra, deixem que façamos isso!

As criaturas não se moveram. Pareciam confusas. Algumas pareceram então perceber pela primeira vez que Peras estava amarrado e isto os fez recuar. Eles olharam com medo para Luísa, como se ela fosse uma espécie de feiticeira com poderes não só para prender seu mais forte aliado, como também possivelmente fazer algo pior para eles.

Apesar de nenhum dos Gul'nog ter fugido, Luísa avançou como se não houvesse um muro de ogros gigantes no seu caminho. Pedro e os outros a seguiram.

E os Gul'nog se afastaram para um lado. Recuaram e abriram espaço. Como Moisés andando através da neblina do mar Vermelho, Luísa e seu pequeno exército – com Peras e seus acompanhantes – passaram pelas forças dos Gul'nog e caminharam na direção do vulcão.



– Pensei que estava livre deste lugar para sempre – comentou Alice. O grupo parou e pôs-se a olhar atentamente a entrada na base do vulcão. Aquele era o lugar em que todos haviam sido escravos sob o comando do capitão Ceres, onde ele e os Gul'nog obrigaram o grupo a procurar algo – o talismã, ficaram depois sabendo. Mas não tinham ideia disso antes. Tudo o que haviam conhecido naqueles dias era tortura e desesperança.

Júlia olhou diretamente para a encosta do vulcão. A erupção havia destruído um lado da montanha, achatando árvores no ponto mais distante da ilha e envolvendo-a em cinzas brancas. O lugar em que se encontravam, porém, parecia o mesmo. Bem no alto, a borda do cone tinha um brilho alaranjado e o calor fazia o ar tremer onde a lava continuava a fluir. Diante deles, o túnel se abria como um portal para o nada. A luz do talismã cercou o grupo, mas mal iluminava as bordas agudas das paredes rochosas à frente. Eles iriam realmente entrar ali? A Sombra morava mesmo lá dentro?

Algum deles sairia dali vivo?

Pensamento tolo, Júlia.

Com os olhos da mente Júlia viu Gaius. Ele não deu indicação do que ela deveria fazer. Gaius simplesmente ficou ali. Parado como uma lagoa.

De modo estranho a imagem lhe deu confiança. Ele não parecia perturbado. Nem preocupado. Permaneceu calmo, como se as coisas estivessem acontecendo exatamente conforme planejado. Júlia decidiu que poderia participar daquela mesma paz.

Ela voltou-se para contemplar a planície que haviam cruzado há pouco. Os Gul'nog não continuaram a avançar, mas também não foram embora. Ficaram sentados num aglomerado escuro a meio quilômetro dali, guardando a única saída.

Na retaguarda de seu pessoal, sua família de Aedyn, Pedro, Miguel, Carlos e vários outros andavam com Peras. Eles haviam amarrado novamente seus braços e posto outra vez a mordação, mas Júlia ainda não se sentia segura com ele ali.

Ela ouviu Alexandre choramingando. O menino segurava a mão da mãe sobre a orelha e parecia estar tentando mergulhar na perna dela.

Luísa percebeu isso também. Ela ajoelhou-se diante dele e sussurrou em seu ouvido. Algo que ela disse evidentemente o surpreendeu, porque virou a cabeça para olhar para Alice e depois outra vez fitou Luísa. Ele saiu do lado da mãe e pegou a mão de Luísa. Os dois seguiram juntos para a caverna que os esperava à frente.

Júlia não sabia o que Luísa prometera, mas devia ter sido bom. Com Gaius na mente e a luz do Senhor dos Exércitos à sua volta, ela também pisou no abismo. Pedro e os outros a seguiram.

O túnel entrava diretamente na barriga do vulcão. Este, de maneira estranha, não estava quente como Júlia pensara que um vulcão ativo deveria estar. O túnel que percorriam era mais ou menos circular, como um tubo, e alto o suficiente para percorrê-lo em pé. Júlia virou-se a tempo de ver desaparecer a luz do dia na boca do túnel. Agora, só aquela luz estranha que os envolvia iluminava o caminho e os mantinha a salvo. A temperatura era quase fria no túnel.

O grupo continuou avançando; seu caminho inclinava-se para baixo, mais fundo do que qualquer deles havia cavado, até que a escuridão aumentasse, só se enxergava agora a luz permanente que saía do talismã. Eles chegaram a uma curva no túnel. Júlia estremeceu ao pensar o que faria se perdessem o talismã.

O que *era* a luz? Ela não fluía exatamente do talismã, ou não haveria luz atrás de Luísa, porque ela o colocara no peito. Só brilhava no ponto em que ela estivesse olhando. A luz, entretanto, parecia mais um balão brilhante em volta deles.

– Fiquem juntos – disse Júlia diretamente a todos e a ninguém em particular, embora não pudesse imaginar qualquer integrante do grupo afastando-se.

Todos caminhavam em assustado silêncio. Júlia não esperara ouvir sons de

animais ou da natureza ali embaixo, mas a ausência de som começou a amedrontá-la. Não era natural o silêncio àquela profundidade. A garota sentiu a escuridão de cada lado da bolha de luz e o maciço vulcão explodindo acima deles, e começou a desejar que um falcão gigante a arrebatasse, levando-a para casa.

Ela se admirou por não sentir fome, sede ou cansaço, mesmo depois de andar tanto e dormir tão pouco. Se Júlia precisasse de outro sinal de que o Senhor dos Exércitos estava com eles, esse já bastava.

Luísa parou.

Júlia olhou em volta. Antes que seus olhos pudessem dizer-lhe qual era o problema, sua pele avisou. Sentiu uma brisa morna. Não na frente ou por trás deles, mas do lado.

Achavam-se em uma encruzilhada. Cinco túneis menores ramificavam-se dali. Alguns subiam, outros desciam e outros ainda continuavam no mesmo nível. Na parte interna de um dos túneis, viam-se dois outros ramais.

– E agora? – perguntou Priscila.

Júlia fazia interiormente a mesma pergunta. Enviou uma oração para o Senhor dos Exércitos. Se estivessem ali a serviço dele, fazendo a sua vontade contra os inimigos, então poderia ser chamado para ajudar que isso acontecesse.

Ela quase sorriu ao pensar nisso. A fé era assim?

Luísa, que estava à direita do ombro de Júlia, começou a cantarolar. Era uma melodia conhecida. De fato, era *a* melodia com a qual Luísa se tornara conhecida. Sem nenhum sinal visível, Luísa, Júlia e todo o grupo de Aedyn começaram a cantar:

*Os dois se unem, os dois se tornam um,
Com a união vem o poder, o controle sobre todos.
Inundada pela luz, a sombra cairá.
O Exército voltará; a escuridão cairá.*

Só Peras não se juntou ao canto. Ele parecia encolher-se de medo diante das palavras. Ocorreu a Júlia que também parecia encolher-se de medo da luz; assim como de Luísa, Pedro, Miguel, Carlos e de quase todos os outros. O que se passava em sua cabeça? Se fosse para os Gul'nog, eles o receberiam bem ou o fariam em pedaços?

Enquanto a música continuava, Júlia tentou decifrar o significado das palavras.

Os dois se unindo e se tornando um – isso provavelmente significaria as terras de Aedyn e Khemia sob a autoridade de um único grupo. Ela pensara a princípio que seria o capitão Ceres tentando expandir seu domínio. Com a ausência de Ceres, no entanto, eram os Gul'nog que desejavam mais terras. Ou talvez quisessem toda ela para si.

A linha seguinte, sobre união e poder total parecia pertencer àquela primeira parte.

Alguém perverso tinha a ideia de conquistar e controlar. Se a escravidão que aquelas pessoas haviam suportado em Khemia fosse um exemplo desse controle, Júlia não queria isso para si.

Embora misteriosas como eram as duas primeiras linhas, as duas últimas as excediam em brilho. *Envolta pela luz*. Júlia olhou em volta. Era isso que estava vendo ali e o que vira quando o bando de Gul'nog os atacara. A Sombra seria realmente vencida? Se a canção dizia isso, deveria ser verdade. Era o que esperava.

O exército voltando... isso significaria o Senhor dos Exércitos ou a população de Aedyn? Alguns não poderiam retornar por estarem mortos. Isto, porém, talvez significasse que Aedyn voltaria a ser repovoada com o tempo. A ideia da sombra caindo era simplesmente maravilhosa, o que quer que isso significasse.

A canção terminou e suas últimas notas ecoaram nos corredores que talvez nunca tivessem ouvido o som das boas-novas do Senhor dos Exércitos.

Como se alguém tivesse falado baixinho na direção exata de seu ouvido, Luísa marchou com firmeza para o segundo corredor à direita deles. Os demais seguiram imediatamente. Alguns cantarolavam outra vez a melodia. Júlia não conseguia dizer como Luísa poderia saber que aquele era o caminho certo, mas não teve um segundo de desconfiança.

Todavia, se *fosse* o caminho correto, cada passo os levaria para mais perto da Sombra.

Capítulo

14

Cada vez que eles chegavam a um buraco estreito em que mal podiam espremer-se, a cada zigue-zague que parecia levar a círculos, a cada cavidade sem fundo que precisavam saltar, a dúvida de Pedro crescia. Agora que se achavam diante de outro conjunto de túneis, Pedro queria desesperadamente perguntar, *Luísa, como você sabia em qual túnel entrar?* E se estivessem perdidos? Ele estava extremamente confuso. Haviam passado por tantos ramais de túneis e se encontravam há tanto tempo ali embaixo – ou será que fora longo? Ele não saberia encontrar o caminho de volta mesmo que quisesse. De cada vez, Luísa parecera saber perfeitamente qual tomar. Mas, e se ela estivesse apenas fazendo aquilo para enganar todo mundo? E se a luz tivesse apenas mais algumas horas de uso antes de apagar? E se fossem repentinamente jogados nas trevas? Morreriam ali e ninguém jamais encontraria os ossos deles.

Luísa inclinou-se para ele, como se tivesse lido sua mente.

– Dou um passo numa direção e se a luz for comigo, sei que é o caminho certo.

Pedro fitou-a. Estaria brincando? Esse era o processo dela?

Ela olhou para ele de seu modo enigmático e moveu-se diretamente para o túnel à esquerda. Ele descia quase verticalmente.

Pedro seguiu com o restante do grupo, mas fez isso só porque Luísa segurava a única luz no universo de Pedro naquele momento. Ele não ia avançar por sua própria conta.

Pensou na sua vida anterior em Londres. Não tinha na verdade muitos amigos ali que sentissem falta dele. Sua escola não iria ficar de luto com a perda de um aluno-problema. O pai estaria na verdade pulando de alegria por livrar-se da desgraça da família. A madrasta daria com certeza uma festa. A única coisa que mudaria o humor dela seria a volta dele. Apesar da luz à sua volta, era engraçado como seus pensamentos podiam mergulhar nas trevas.

Foi assim que compreendeu que não conseguia enxergar.

As paredes tinham desaparecido – ou a luz se apagara. Ele sabia! Tinham sido abandonados no fundo debaixo de...

Não, espere. Que estranho! Ele ainda podia ver os outros. Luísa achava-se ali em

pé, quase ofuscante na luz do talismã ao redor de seu pescoço. Júlia encontrava-se também ali, olhando para cima. Os outros se viraram e respiraram fundo.

A parte lógica do cérebro de Pedro tentou entender. Como ele podia ver algumas coisas, mas não outras? Olhou para o chão – o piso rochoso estava ali.

Pense, Pedro. Seus olhos estão funcionando. Você pode ver pessoas ao seu redor. Não está então cego. E não caiu em um abismo sem fundo porque ainda pode ver o chão – e não está caindo.

Você pode então enxergar outras pessoas e pode enxergar o chão, mas não pode ver as paredes ou o teto...

– Estamos em uma caverna – disse ele em voz alta. Sua voz não teve eco daquele jeito confortável a que estivera habituado no túnel. Ela simplesmente desapareceu como se absorvida pelo nada.

– Deve ser enorme – disse Tadeu. – A luz não chega às laterais nem ao alto.

Alice prendeu a respiração.

– Toda a população de Aedyn poderia acomodar-se aqui.

– *Mamãe* – disse Alexandre. – Se não fosse tão longe da entrada, talvez pudéssemos mudar para cá!

Pedro olhou para ele. O garoto era muito mais valente do que Pedro se sentia.

Miguel apontou para a esquerda de Pedro.

– É minha imaginação, mas há um certo brilho daquele lado?

– Não sei – respondeu Carlos, juntando-se a ele. – Quando olho diretamente para ali, tudo está preto. Mas, se olho para outro lugar, penso que vejo luz no canto do olho.

Luísa voltou-se, com os braços abertos.

– Estamos aqui.

O coração de Pedro afundou. Que lugar melhor para a Sombra morar do que numa escuridão em que nem mesmo a luz do Senhor dos Exércitos conseguiria penetrar?

– Onde ele está? – era Carlos e ele parecia preocupado.

Miguel correu em meio ao grupo, procurando aqui e ali.

Pedro sentiu as veias geladas.

– Luísa! Peras está sumido! Todos procurem Peras!

Em lugar de procurá-lo, todos se juntaram mais. Alexandre voou para os braços de Alice. Júlia precipitou-se para o lado de Pedro. Gregório, Orrin e Tadeu olharam ansiosamente em volta. Pedro até pensou ter visto um lampejo de algo na voz de Luísa.

Da escuridão, para lá do alcance da luz veio um som como o de arranhar com força.

– O que seria aquilo?

Miguel correu na direção deles.

– Deve ser Peras! Venham!

Pedro deu também um passo naquela direção; mas, então, Limas gritou atrás dele.

– Não, esperem! Peras está aqui.

Pedro e Miguel gelaram. Estavam bem na borda da luz. Pedro só podia ver o contorno do rosto e ombro de Miguel.

Ouviram novamente o barulho de algo raspando. Mais perto.

Da primeira vez parecera ter soado como uma vassoura de gravetos secos sendo arrastada por sobre um chão de pedras. Soara agora como garras raspando rochas vulcânicas. Garras enormes.

Uma imagem do falcão gigante que os levara a Aedyn surgiu na mente de Pedro. Em sua imaginação, entretanto, o falcão era odioso e comia a carne de estudantes ingleses.

Pedro agarrou Miguel e voltaram depressa na direção do grupo.

– Vocês acharam Peras? Onde?

Limas apontou para um vulto no chão que Pedro mal podia ver, do *outro* lado da luz.

– Ele está dormindo? – perguntou Pedro.

– É possível que tenha caído – respondeu Gregório, aproximando-se de Pedro.

Ninguém se moveu. No escuro, o vulto poderia ser Peras – parecia certamente ser ele – poderia, no entanto, ser também alguma outra criatura de pesadelo.

Alguém gritou no fundo do grupo:

– Vocês ouviram esses arranhões? O que está ali?

Pedro voltou-se para Peras... bem na hora de vê-lo aumentar de tamanho. A criatura-que-costumava ser Peras levantou-se em toda a sua altura, ou mais alto ainda. Embora olhasse para o outro lado, estava claro que seus braços e pernas não estavam mais amarrados. Peras tirou alguma coisa da cabeça – a mordaca – e voltou-se para eles. Tinha na mão algo prateado e brilhante.

Uma mulher no grupo atrás deles gritou baixinho, talvez pela aparência de Peras, ou por alguma outra coisa do outro lado. Pedro não sabia. Sua vontade era também gritar.

Peras andou na direção deles e a cada passo sua forma parecia mais nítida. Ali estava a própria antítese do seu salvador. Seu cabelo dourado heroico agora parecia uma teia de cachos negros. Seus músculos reluzentes pareceram então os tendões de um torturador. E na sua mão direita recém curada, segurava uma faca.

O canivete de Pedro.

O grupo gritou em conjunto. Algo a respeito do som tornou claro que não era a aparência de Peras que os fizera gritar. Embora Pedro temesse voltar as costas para Peras, precisava ver o que havia emergido da caverna.

De repente, as trevas do outro lado do grupo pareceram se mover, como se

absolutamente nunca tivesse sido um vazio, mas um engole-luz nas costas de uma criatura enorme.

O som de garras aumentou e explodiu, juntando-se ao de rocha sólida sendo quebrada como se fora de pano.

A forma na escuridão levantou-se mais e mais como um vulcão das trevas. Pedro não podia vê-la exatamente, mas sentiu, ouviu e cheirou. Era o odor de ossos incinerados. A forma se enrolou em volta do grupo como um verdadeiro redemoinho de barro. A última esperança de Pedro para explicar aquilo cientificamente desapareceu.



Pedro olhou para Peras e ficou surpreso ao ver que ele também parecia confuso. Tão chocado quanto todos.

Peras levantou os braços e olhou para o chão, como se sentisse algo serpenteando atrás dele.

– Quem...

O som – seria uma voz ou um vento sombrio? Ele vinha de toda parte, mais alto na direção em que pensaram ter visto Peras no começo.

– Quem ousa...? – ele disse. – Quem ousa entrar nos fundamentos das trevas?

Pedro tentou localizar a origem do som. No entanto, toda vez em que pensava ter visto algo e girava para aquele lado, só havia trevas. Pedro via então algo em outra direção; mas aquilo também desaparecia quando olhava mais fixamente. A criatura era imaterial e escura, nada além de Sombra. Pedro só tinha imagens vagas, mas elas eram suficientes.

Garras. Dentes agudos. Olho. Papo. Em toda parte e em lugar algum ao mesmo tempo.

Pedro notou Luísa avançando, afastando-se do grupo. Ela segurava o talismã em uma das mãos, levantada na direção das trevas, como se fazendo brilhar uma lanterna sobre um lago sombrio. Este parecia concentrar a luz no local em que o apontava.

– Nós ousamos! – disse ela, e embora não gritasse, sua voz ressoou na caverna. A Sombra estremeceu ao som dessa voz e do raio de luz emanando do talismã. – Viemos aos fundamentos das trevas porque servimos à Luz!

A Sombra guinchou. O tom violento da sua ira raspou nas beiradas da armadura de luz deles, como um tornado procurando equilíbrio para destroçar uma casa.

– Viemos em o nome do Senhor dos Exércitos! – gritou Luísa. – Viemos em nome daquele que irá retomar esta terra para a luz.

O redemoinho preto circulou em volta deles, mas pareceu abrandar. Não que a tempestade estivesse perdendo força, mas que...diminuía? A voz deu um risinho e esse era um som mais terrível do que seus guinchos.

– Vocês não têm armas – disse ela. – Não têm como lutar contra mim. Pensam que por terem derrotado os meus lordes em Aedyn podem me derrotar também? – A risadinha se repetiu. Tomei esta terra, ela é minha e vou governá-la por dez mil anos.

Luísa olhou em volta calmamente como se enfrentasse forças sobrenaturais das trevas todos os dias.

– Não – disse ela simplesmente. – Você vai retirar-se. Nós temos armas. Temos o poder do Senhor dos Exércitos. Temos uns aos outros e temos a certeza de nosso chamado.

Com isso ela girou o talismã à sua volta e a luz chamejou. Luísa voltou-se para Júlia e pegou sua mão. Ela olhou de Júlia para Pedro e começou a cantar. Todos ficaram de mãos dadas e cantaram com ela.

Os dois se unem...

Pedro e os outros os acompanharam. Parecia até que o Senhor dos Exércitos estava rodeando cada um deles com um escudo poderoso. *Não.* Pensou Pedro. É como se o Senhor dos Exércitos tivesse chegado e enchido a caverna com seu poder. Maravilhado, Pedro continuou a canção.

Os dois se tornam um...

A Sombra não estava mais à vontade. Ela contorceu-se, guinchou, e aumentou de velocidade. O som de vento e raspaduras elevou-se até vibrar como mil quebradores de gelo na superfície do escudo de luz. As vozes do pequeno grupo ficaram mais altas.

Com a união vem o poder, o controle sobre todos.

Inundada pela luz, a sombra cairá.

O Exército voltará; a escuridão cairá.

Quando Luísa chegou ao fim da melodia, ela recomeçou-a e os outros a acompanharam.

Um movimento à direita de Pedro chamou sua atenção.

Peras parecia estar saindo de alguma espécie de torpor. Olhou à volta como um sonâmbulo. Fitou as pessoas, o escudo e a Sombra lá fora. Baixou a cabeça e cobriu os ouvidos como se escutando os guinchos da Sombra pela primeira vez. Mas, quando pôs as mãos nos ouvidos, viu o canivete em sua mão. Virou-o de um lado para outro como se fosse a primeira vez que o tinha nas mãos.

Sua postura pareceu então endurecer e ele segurou-o com firmeza. Olhou para o grupo outra vez e seus olhos acharam Luísa. Avançou, afastando os homens do caminho como se fossem teias de aranha.

Pedro não conseguiu mover-se. Não pôde falar. Sua mente queria que se atirasse contra Peras, ou pelo menos gritasse, mas tudo que pôde fazer foi observar horrorizado enquanto aquele assassino musculoso se aproximava mais de Luísa.

Alice viu Peras chegando e gritou alto. Alguns viraram para olhar, mas seria tarde demais.

Luísa voltou-se para ele, com um olhar de profunda paz no rosto, as palavras da música do Senhor dos Exércitos em seus lábios.

Peras puxou a mão para golpear.

Júlia gritou.

Com aquele som, o que quer que estivesse prendendo Pedro desapareceu subitamente e ele se viu avançar correndo.

– Não!

Estava, porém, muito longe. Necessitava de dois segundos para atravessar a distância, mas Peras só precisava de um passo.

– Não!

O canivete faiscou em sua mão.

Peras deu um passo em falso outra vez. A arma saiu da mira. Errou. Ele tentou equilibrar-se, mas deu nova topada.

Pedro não parou para ver o que o fizera tropeçar. Tinha tempo agora. Atacou Peras.

Embora Pedro tivesse quase metade da altura de Peras e menos da metade do seu

peso, Peras estava tão fora de equilíbrio que o peso de Pedro o derrubou para longe da luz e na direção do vórtice que girava do lado de fora dela.

Peras deixou então cair o canivete e tombou esparramado na borda do escudo de luz.

Ele levantou-se furioso. Virou na direção de Pedro e este viu em seu rosto a mesma fúria que presenciara nas jangadas.

Peras rugiu e abriu os braços como um urso. Seus músculos ficaram salientes, parecendo dobrar de tamanho. Veias vieram à tona em seu corpo. Ficou quase trinta centímetros mais alto e endireitou-se em toda a sua altura.

Seus olhos, que nunca tinham voltado inteiramente ao seu azul infantil inocente, se transformaram mais uma vez em pupilas repulsivas de insondável negrume e que pareciam ligar-se diretamente à Sombra.

– Você vai ver – disse Peras, embora sua voz agora fosse a da Sombra – que eu também tenho armas. Uma que se encontra dentro da sua preciosa luz!

– Oh – replicou Luísa, como se acabasse de notar o problema. – Podemos lidar com isso facilmente. – Com um pequeno movimento do punho que segurava o talismã, a borda do escudo de luz mudou, alterando a sua forma.

Peras ficou fora da mesma.

Por um momento Peras pareceu confuso outra vez. Apesar de seu novo tamanho e aparência monstruosa, ele dava a impressão de atordoado. Estendeu-se para o escudo, mas suas mãos bateram nele como se fosse sólido e não apenas uma luz cintilante.

Ele o empurrou. Atacou-o. Bateu nele. Sua face anuviou-se e mostrava irritação, deu alguns passos para trás e depois o empurrou com força suficiente para quebrar paredes de pedra.

Pedro pôs-se em pé e reuniu-se outra vez ao grupo. Alguém mais estava também se levantando e Pedro compreendeu que aquela pessoa devia ser a que fizera Peras tropeçar.

Mas seu corpo parecia muito pequeno.

– Alexandre? – perguntou Pedro.

O menino sorriu para ele como se Pedro tivesse acabado de matar um dragão. Talvez realmente tivesse. Peras atirou-se outra vez contra o escudo e este resistiu de novo.

Luísa cantou.

Os dois se unem, os dois se tornam um...

Pedro olhou para Júlia. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas o seu olhar era agora de expectativa, de esperança. Ela acompanhou Luísa na música, como fizeram Pedro e os outros.

Com a união vem o poder, o controle sobre todos...

Do lado de fora do escudo, a Sombra parou de girar. Dois pontos laranja-forte flutuavam na caverna escura, balançando de um lado para outro como se feitos de fumaça. Ou como o olhar hipnotizante da cobra.

Peras deixou de lado sua tentativa de arrebentar o escudo. Ele voltou as costas para o grupo e fitou em vez disso os caninos pontiagudos da Sombra. – Por favor, não. – Ele encostou-se ao escudo e escorregou para os lados. – Eu tentei. Você viu.

A cara da Sombra iluminou-se fracamente com ondulações de fumaça. Ela se moveu até bem acima de Peras e Pedro pensou ter visto um lampejo do seu perfil. Tinha o aspecto de um dragão mitológico. Ou de um crocodilo. A cara aumentada, queixada inferior protuberante, presas gigantescas e mal formadas entrecruzando-se em um sorriso que dilacerava a alma.

– Você falhou – disse a Sombra. Parecia menos uma declaração e mais um julgamento.

Peras saiu correndo. Em cinco passos já não era possível vê-lo. A Sombra, no entanto, não teve dificuldade em descobri-lo na escuridão. A forma escura rodou e desceu com a velocidade de uma serpente.

Inundada pela luz, a sombra cairá.

O Exército voltará; a escuridão cairá.

Enquanto Luísa os guiava em outra rodada de música, Pedro examinava a escuridão. A caverna parecia novamente vazia. Seria isso? A Sombra se satisfizera com castigar o fracasso de um de seus servos? Ela não os deixaria agora livres?

Algo bateu em cima do escudo de luz.

O grupo gritou alto e eles dobraram os joelhos, como se tentando impedir que o vulcão caísse em suas cabeças.

Algo pesado e escuro se achava sobre o escudo. Mas, não tinha ângulos retos para ser rocha, nem a consistência certa para ser lava. Era indistinto a princípio, mas depois Pedro viu uma forma conhecida.

Uma mão humana. Depois o braço e o corpo a que estava ligada. Músculos grandes... cachos pretos que se transformavam em fios claros.

Peras. Seu corpo fora pressionado contra a superfície do escudo e restaurado às suas proporções humanas. Ele tentou colocar-se em pé.

Depois, subitamente voou para longe. Ou, mais propriamente, foi retirado. Seu corpo desapareceu como se nunca tivesse estado ali.

Vrrruuuuummmmmmm.

O corpo de Peras bateu contra o escudo atrás do grupo. Não permaneceu ali desta vez, mas foi novamente removido. Voltaram os ruídos de garras e o vórtice recomeçou a girar depressa.

Vrrruuuuummmmmmm.

Vrrruuuuummmmmmm.

Pedro ficou horrorizado. A Sombra estava usando o corpo de Peras como um instrumento rombudo para bater contra o escudo em busca de um ponto fraco.

Pedro perdeu a conta das batidas. Peras transformou-se em uma massa indefinida, encharcada.

Quando o corpo de Peras desceu lentamente pela lateral do escudo, Pedro fechou os olhos e sua mente lógica tentou entender por alto a proteção que os cercava. Havia uma cúpula transparente na parte de cima, um escudo ou proteção criada pelo poder do Senhor dos Exércitos. Pedro deixou que sua mente lógica dormisse um pouco mais.

Ele não sentia piedade de Peras. O homem – se fosse de fato homem – escolhera as trevas. Ele traíra a todos mais de uma vez e tinha chegado perto de matar Luísa. Teria provavelmente matado também o resto deles. Mas, Pedro não podia imaginar o medo e a dor de ser girado com força, em círculos, por um frustrado manipulador do mal.

Como fizera antes, a Sombra arrancou o corpo de Peras. Desta vez, no entanto, a remoção pareceu mais violenta e Pedro vislumbrou Peras sendo atirado longe. Alguns segundos se passaram, durante os quais o grupo chegou quase ao fim da melodia. A seguir Pedro ouviu, ou imaginou que ouvira, o *vrrrruummm* macio de um corpo caindo em uma pilha distante.

Terminou assim o breve, mas terrível reinado de Peras, o Traidor.

Pedro viu outra vez a face incorpórea da Sombra. Seus olhos rebrilhavam como dois carvões removidos de uma fornalha ardente. De algum modo ela parecia mais furiosa do que antes.

Luísa olhou diretamente para Pedro.

– Temos de cantar agora o mais forte que pudermos!

Os dois se unem; os dois se tornam um...

A Sombra urrou. Sua face ergueu-se acima do grupo.

Com a união vem o poder, o controle sobre todos...

Os dois pontos laranja incandescentes estilhaçaram-se, explodindo para dar mais força à névoa preta. A coisa girou mais uma vez em volta deles. Não era, porém, apenas vento e som. Fragmentos giravam agora na nuvem. Rocha vulcânica. Estalactites. Pedriscos. Pedra derretida que se fragmentava ao colidir com o escudo.

Inundada pela luz, a sombra cairá.

Pedras do tamanho de um motor de trem caíram contra o escudo.

De repente, Limas estava gritando junto de Pedro.

– Ela está fazendo a montanha cair sobre nós!

O som de vários impactos pesados contra o escudo tombava sobre eles como uma avalanche. Os escombros começaram a se empilhar em volta da borda do escudo. O Senhor dos Exércitos tinha poder para impedir que fossem esmagados – mas seriam

sepultados vivos? Ficariam presos ali para sempre; vivos, mas nunca livres?

Pedro viu pontinhos de fogo no caos fora do escudo. A princípio pensou que fossem pingos de lava caindo sobre a proteção deles. Mas, não caíam...flutuavam, giravam e cresciam.

O rosto de Júlia nadou na frente dele.

– É a Sombra – disse, embora parecesse que estava gritando. – Está queimando de dentro para fora!

Pedro voltou a olhar o redemoinho. Será que ela estava certa? A solução proposta pela irmã se ajustava à evidência; mas, como ela poderia saber? Ao redor dele, o povo de Aedyn permanecia em pé, curvado, ou sentado no chão, observando tudo como pessoas assistindo ao incêndio de um prédio. Em choque e incapaz de fazer outra coisa senão observar.

E cantar.

O Exército voltará; a escuridão cairá.

Em vez de começar de novo a canção, como fizera tantas vezes antes, Luísa repetiu a última linha novamente. Outra vez.

O Exército voltará; a escuridão cairá.

O Exército voltará; a escuridão cairá.

O Exército voltará; a escuridão cairá.

As centelhas de fogo cresceram até se fundirem. Até que houvesse mais chamas do que escuridão. Até que ficassem só as chamas.

A Sombra guinchou e o tornado passou a ser um furacão de fogo. Línguas de fogo relampejaram sobre o escudo como uma explosão, como um jorro de luz de brasas escaldantes saindo de uma fornalha, como um exaustor do próprio coração do sol.

Então, com um guincho tão alto que Pedro caiu enrolado no chão e chorou, a Sombra calou-se e tudo ficou escuro.

Pedro cobriu a cabeça, embora soubesse que isso não adiantaria nada contra o desabamento de terra que o esmagaria agora que o escudo falhara.

No entanto, nada caiu sobre ele. O rapazinho esperou ainda com os punhos cerrados contra o peso que iria despencar. Nada aconteceu. Ele abriu os olhos. Ou talvez seus olhos já estivessem abertos. De qualquer modo, não conseguia ver nada.

Estarei morto?

Ouviu murmúrios à sua volta. O som de movimento. Depois sussurros e gemidos de medo.

– Levantem-se, homens e mulheres de Aedyn. – Era a voz de Luísa. Ela parecia firme.

Pedro levantou a cabeça e voltou-se para o lado da voz.

– Luísa?

– Vocês prevaleceram, servos do Senhor dos Exércitos – disse Luísa. – A Sombra

não existe mais!

Como se tivesse sido planejado, após as palavras dela, uma luz brilhou acima deles. Mas não era o talismã ou sequer o escudo.

Era a luz do sol.

Capítulo

15

Júlia piscou na luz dourada que escorria do lado do vulcão. Era o meio da manhã, ou o começo da tarde. Mas em que dia estavam?

A luz banhava todos com seu brilho intenso. À sua volta viu os sobreviventes de Aedyn. Ajudou Alice e Alexandre a ficarem em pé e em seguida aproximou-se de Pedro. Ele parecia bem – estava, porém, tão admirado quanto ela a julgar pelos seus olhos arregalados.

Júlia foi depois para Luísa. Ela parecia a única que não havia passado algum tempo no chão.

Luísa colocou o cordão do talismã no pescoço e deixou que pousasse outra vez em seu peito.

– Bem – disse ela – Essa foi uma grande aventura.

Júlia riu. O riso explodiu dela como algo entre uma gargalhada e um soluço, e desatou uma explosão de lágrimas e risinhos, tanto nela como em vários ao seu lado.

Alexandre puxou com força a mão de Luísa.

– Consoladora, você está ferida.

Luísa olhou para as costas da mão. Um corte de alguns centímetros se estendia ao longo da base de sua mão direita.

– Oh, estou mesmo. Não sei como isso aconteceu.

Alexandre tomou a mão de Luísa nas suas e examinou-a atentamente. A seguir pôs o rosto no ferimento. Júlia não conseguiu ver o que o menino fazia – estava beijando? Quando ele levantou a cabeça, o corte sumira.

Luísa então sorriu. Olhou para o sol e riu como se o Senhor dos Exércitos tivesse pregado uma peça maravilhosa nela para fazê-la feliz. A moça pegou Alexandre no colo e abraçou-o.

– Eu sabia!

Júlia teve uma ideia e levantou a cabeça. O sol estava alto no céu, mas brilhando diretamente sobre eles.

– Olhem todos – apontou ela. – A nuvem preta desapareceu!

O grupo olhou para o alto e todos ficaram surpresos. Júlia viu todos eles com os olhos levantados e pensou que pareciam girassóis expondo-se ao sol e aproveitando-

se do seu calor e amor.

Ela não podia na verdade ter plena certeza de que toda a nuvem sombria fora embora; mas, aquela era a primeira vez desde a erupção em que tivera a possibilidade de ver o sol e o céu diretamente lá em cima. Sentia que a sombra fora totalmente carbonizada. Como para confirmar seu palpite, o rosto dela foi tocado de leve por outra coisa que não tivera o prazer de sentir havia longo tempo: uma brisa de ar fresco.

O grupo juntou-se num círculo, um segurando a mão do outro, olhando em volta. Os restos da morte da Sombra os rodeavam em um círculo perfeito. Montes de pedras cercavam o lugar aberto em que se achavam, como as paredes de uma cratera.

Ela viu Pedro curvar-se e pegar alguma coisa do chão. Ele riu e foi até Gregório.

– Aqui está – disse. – Isto é seu. Levei-o para as jangadas quando você foi ferido. Temo que ele tenha tido uma aventura bastante pessoal.

Júlia não via o que era, mas Gregório deu uma risadinha, examinou-o e o colocou na cintura. Ela percebeu então. O canivete de Gregório.

Pedro fitou a irmã e também sorriu. Aproximou-se e tomou a mão dela. Juntos foram até Luísa e os três deram-se as mãos.

– Não sei o que vamos encontrar lá – disse Pedro – mas vocês sentem o mesmo que eu, que nosso trabalho aqui terminou –ou quase?

Júlia acenou com a cabeça.

– Concordo.

Os olhos de Luísa pareciam sonhar; porém, finalmente concordou. Ao fazer isso, pareceu esvaziar-se.

– Você provavelmente tem razão.

Júlia pensou que ela quase aparentava estar triste.

– Mesmo assim – disse ela, tentando adivinhar o humor de Luísa. – Vai ser triste ir embora. Aqui fomos libertadores, cuidadores e heróis de grandes conflitos. Lá não passamos de estudantes.

Luísa olhou para longe novamente. Em seguida, com o suspiro mais fundo que Júlia a vira dar, pegou Alexandre no colo outra vez e dirigiu-se para o montão de pedras que levavam ao buraco junto do vulcão.

– Venham todos. Vamos começar. Está na hora de andar novamente na luz.



Apesar do desabamento de terra ter apenas começado a assentar-se no chão da caverna, ele mostrou ser estável como uma escada. Alexandre subiu sem problemas

– e até mesmo Tadeu não precisou descansar mais que os outros.

O grupo acabou encontrando uma fenda na parede do vulcão muito abaixo da fissura em que tinham visto o sol brilhar; portanto, a subida não foi muito longa. Júlia havia examinado o chão da caverna durante todo o caminho. Ela não sabia o que estava procurando: o corpo de Peras, os restos da Sombra, talvez até o capitão Ceres. Mas, tudo o que viu foram rochas sobre rochas.

Júlia foi a primeira a dar o último passo e chegar ao ar livre. O que viu deixou-a tão profundamente perturbada que não avisou mais ninguém. Um a um o grupo de Aedyn saiu e ficou observando em silêncio espantado.

Era como se o vulcão nunca tivesse existido. O que fora terra improdutiva era agora um paraíso vivo. A floresta mais verde que Júlia já vira, estendendo-se sobre a ilha como um manto luxuriante. Uma nuvem de névoa baixa agarrava-se ao topo das árvores como se o Senhor dos Exércitos tivesse acabado de criar tudo aquilo que ainda soltava apenas fumaça por ter sido posto no forno. A Sombra realmente desaparecera. Não havia sinais dela em lugar algum. As nuvens vadiavam lá em cima, prometendo um pôr do sol glorioso em poucas horas.

Júlia olhou para a encosta do vulcão. Parecia impossível, mas ele se apresentava como se nunca tivesse explodido desde há mil anos.

As encostas pareciam antigas e cinzentas. Não havia rios de lava derretida. Nenhum brilho no topo. Nenhuma cinza ou fumaça vazando – muito menos jorrando – do alto.

Júlia olhou o horizonte. A luz do sol brilhava no oceano como diamantes em uma toalha de mesa azul. Na direção de Aedyn, podia ver pelo lado dos olhos uma forma verde que parecia flutuar como um barco real.

A planície que haviam atravessado antes e na qual enfrentaram o exército dos Gul’nog se mostrava cheia de belas árvores que balançavam suavemente ao vento do oceano. Os Gul’nog tinham sumido. Sua mente voltou-se então para todos os cidadãos de Aedyn que foram mortos naquela ilha – nas minas de escravos e na caverna durante o ataque dos Gul’nog. Ela precisava crer que o Senhor dos Exércitos cuidara de seus corpos ao renovar aquele local.

Luísa viu Júlia e Pedro se aproximarem, ficando um de cada lado dela. Não disseram nada. Apenas contemplaram juntos o que o Senhor dos Exércitos fizera.

Algun tempo depois, alguém colocou algo na mão de Júlia. Gregório sorriu para ela. Era uma pera que parecia deliciosa.



– Árvores frutíferas – disse ele, com um movimento da mão abrangendo a ilha inteira à frente deles. – O lugar está cheio de frutas. – Deu então uma enorme mordida em outra pera. – É uma boa coisa, pois, de repente, a minha fome voltou!

Eles passaram os vinte minutos seguintes deliciando-se com frutas de muitas espécies e apreciando o ar livre. Carlos e Orrin se deitaram sobre a encosta gramada e cochilaram. Priscila, Alice e Imogene trançaram flores no cabelo. Pedro e seus jangadeiros conversaram sobre as novas jangadas que iriam fazer – com remos, lemes e até velas desta vez – para levar o povo de volta a Aedyn.

Júlia se viu à procura de Gaius. Aquela era mais ou menos a hora em que ele geralmente aparecia. Mas, não conseguia vê-lo em lugar algum. O Senhor dos Exércitos estivera tão visível da primeira vez que chegaram a Aedyn. Seu poder, presença e voz ficavam então com eles todo o tempo ao que parecia. Mas, quanto mais ficavam, mais ele se escondia. Os sinais de sua presença continuavam e algumas vezes bem poderosamente, mas haviam se tornado menos claros, mais sutis.

Isto talvez signifique o que é viver pela fé, pensou ela. Você talvez precise destes grandes sinais do seu amor a princípio. Depois, no entanto, ele mostra como vê-lo

de maneiras mais discretas. Na verdade, não importa como ele aparece; pois continua guiando. Continua lá.

– O que é aquilo, mãe? – perguntou Alexandre, apontando para o céu.

Júlia seguiu o olhar dele. Viu uma mancha preta em contraste com o azul do céu. Não era possível distinguir ainda qualquer forma distinta, mas em seu coração ela já sabia o que era.

Pedro pôs seu pensamento em palavras.

– É o falcão.

Luísa concordou.

– Veio levar-nos para casa.

Júlia olhou para todos eles. Seu irmão, sua meia-irmã, Gregório e as pessoas que se haviam tornado mais que família para ela. Era isto então. Era o fim.

À medida que a mancha se aproximou e ficou claro que era de fato o falcão gigante, Júlia e os demais se despediram. Cada um parecia ter uma pessoa especial que deixara para o fim.

Pedro procurou Tadeu por último, embora Miguel, Orrin e Carlos estivessem próximos.

– Ouvi falar que os soldados que lutam juntos em uma guerra se tornam irmãos – disse Pedro, abraçando Tadeu. – Vocês são irmãos para mim agora e temo nunca mais vê-los. Embora não seja nada racional dizer isto – vocês vão viver sempre, *sempre*, em meu coração.

Luísa foi por último até Alexandre. Ela se ajoelhou diante do menino e o segurou no colo, enquanto Alice permanecia ao lado deles.

Alexandre – disse Luísa. – Você tem de ocupar o meu lugar agora.

Ele pareceu confuso.

– O que quer dizer, consoladora?

– *Isso* é o que quero dizer – respondeu Luísa com um sorriso criterioso. Ela puxou o cordão do talismã do pescoço e colocou-o no de Alexandre. – Você é o Consolador agora, menino querido. Eu sabia que o Senhor dos Exércitos estava preparando você quando trabalhamos juntos para curar os que receberam ferimentos. – Luísa olhou para Alice. – Penso também que ele estava me preparando, pois se não houvesse um Consolador para tomar o meu lugar, eu não estaria pronta para partir.

Ela encontrou os olhos de Júlia.

– Embora haja ainda curas para eu fazer em casa.

Júlia não entendeu inteiramente o que isso significava, mas não tinha tempo para pensar no assunto, pois estava diante de seu último adeus: Gregório.

Júlia sabia que era jovem demais para romance e Gregório era velho demais para ela de todo modo. Ali se achava, porém, o homem que sempre teria em seu coração

o lugar de seu primeiro amor. Da mesma forma que Pedro falara sobre soldados indo juntos para a guerra, ela se sentia ligada assim a Gregório.

Um pensamento tomou conta da garota: se o tempo passasse em seu mundo de um modo diferente deste, poderia usá-lo de algum jeito para “alcançar” Gregório? Os cálculos a respeito disso começaram a perturbar sua cabeça e, pelo menos uma vez, desejou que Pedro lhe ensinasse o método. Mas imaginou que se atravessasse o portal e voltasse na hora certa... Ou deveria fazê-lo atravessar enquanto ela permanecia ali?

No entanto, quando ele a fitou com olhar bondoso, ela soube que não deveria acontecer. Teria de achar um Gregório em seu próprio mundo.

– Júlia – disse ele – Tive um... tempo interessante com você em nossa aventura. Você é duas vezes o guerreiro que eu jamais serei e faz isso com tanta graça que é difícil acreditar que seja tão jovem. Vou de fato sentir sua falta, minha amiga.

Ela queria dizer algo apropriado em resposta, mas sentiu lágrimas subirem aos seus olhos e decidiu então dar-lhe um enorme abraço. Ele o devolveu calorosamente e ficaram os dois assim por um minuto inteiro.



Nesse momento, num ruflar de asas poderosas que esparramaram até as pedras, o falcão pousou no meio deles. Alguns estenderam a mão e o acariciaram.

A nobre criatura dobrou as asas e fitou Júlia com olhar perspicaz.

– Está na hora de voltar, filhos da Terra.

Embora soubesse que isso iria acontecer, Júlia não queria partir. Quem desejaria voltar para uma vida comum, quando podia ficar e ser conhecida como heroína?

O falcão pareceu adivinhar os pensamentos dela.

– Há aventuras a serem ainda enfrentadas – disse ele. Vocês três trabalharam bem aqui. Os filhos de Aedyn vão reconstruir. O Senhor dos Exércitos os têm na mão. Mas vocês três são necessários em outro lugar.

Luísa foi a primeira a subir nas costas do falcão. Pedro a seguiu. Ele sentou-se no alto do seu pescoço e deu um adeus vitorioso a seus homens. Depois, olhando com saudade os amigos, Júlia juntou-se aos dois em cima do pássaro.

Ela abriu a boca para dizer algumas palavras grandiosas, mas o falcão saltou no ar.

A certa distância do vulcão, enquanto as asas poderosas da ave os impeliam cada vez mais para cima, Júlia avistou algo marrom em um campo verde. Pensou a princípio que fosse um tronco caído, mas quando firmou os olhos, percebeu que estava errada.

Era Gaius. Em pé, em seu manto de monge. Levantara o braço em despedida.

Júlia sacudiu a cabeça ao entender o senso de humor do Senhor dos Exércitos. *Adeus, Gaius*, pensou ela. *Obrigada por tudo.*

Com isso, o falcão virou em direção ao mar. Iam para casa.

Capítulo

16

-É melhor entrarmos, não acham?

Pedro, Júlia e Luísa estavam ali, olhando para a sua casa. Era noite, do mesmo jeito que fora quando haviam saído. Eles, na verdade, não faziam ideia de quanto tempo passaram ali. Poderiam ser simples horas desde aquele dia, ou poderiam ser dias ou décadas.

A casa, entretanto, parecia a mesma. A neve cobria o teto e o beiral do telhado. A entrada continuava coberta de branco. Fumaça saía da chaminé e luzes brilhavam nas janelas. Era, porém, difícil ver detalhes da casa no escuro e daquela distância. Poderia ser cinquenta anos mais antiga e prestes a desabar.

A carreira de árvores em que se encontravam bem na borda do gramado não parecia maior ou mais velha do que quando tinham ido embora. Isto deveria significar alguma coisa.

Pedro olhou para trás, para a floresta da qual tinham saído. O falcão os deixara no riacho gelado onde entraram em Khemia. Este não mudara. Pedro até pensou ter visto algumas de suas próprias pegadas na neve.

Voltou-se para Júlia.

– Você tem certeza? Quando veio buscar o talismã, a madrastra não perguntou onde estava Luísa? Só queria saber onde eu estava? – Ele olhou novamente a casa. – Não me parece certo.

Júlia assentiu.

– Tenho certeza, Pedro. Ela me repreendeu por ser “uma pequena heroína” e ter fugido. Pediu que eu dissesse onde você estava, Pedro, porque o papai tinha saído para procurar você. Ela fez careta. – Sinto muito, Luísa, mas ela não perguntou absolutamente sobre você. Só posso imaginar que não percebera a sua ausência.

Luísa pareceu especialmente impassível. Ela encolheu os ombros e levantou a gola da roupa até embaixo do pescoço.

– Não faz m-mal. Talvez não tenhamos ficado fora m-muito tempo.

Não sei sobre vocês duas – mas acostumei-me com as temperaturas da ilha. Alguém acendeu fogo nessa casa, acho que devemos entrar.

– C-concordo.

Eles deram apenas dois passos para atravessar o gramado cheio de neve quando houve um tumulto perto da varanda da casa. O barulho de várias pessoas subindo a escada, batendo na porta, e o som de vozes altas chegaram ao ouvido deles.

Curioso, Pedro mudou de rumo e rodeou a casa para ver o que acontecera. Júlia e Luísa o seguiram, mantendo-se nas sombras. Na sacada, viram um trio de policiais conversando com o pai, a madrasta e Bertram, irmão de Luísa.

– Absolutamente nada nos hospitais? – indagou o pai.

O policial-chefe sacudiu a cabeça. – Nadinha, professor Grant. – Ele pegou uma agenda e examinou. – Nenhuma palavra sobre seu filho ausente nesses dois dias, nem sobre sua filha, Júlia, que saiu e depois voltou, depois saiu de novo. – Fechou a agenda.

Pedro olhou para Luísa. Eles talvez não soubessem mesmo que ela houvesse saído. É possível que eles tivessem entrado em alguma dimensão paralela em que a madrasta não tinha uma filha chamada...

– Mas, e a minha Luísa? perguntou a madrasta. Ela empurrou o pai e agarrou os botões do agasalho do policial. – Onde está a minha menina?

– Por favor, senhora, cuidado com o uniforme. – O policial afastou as mãos dela do casaco. – Vamos continuar as buscas por todas as crianças, inclusive sua filha Luísa. Embora eu deva insistir que se tivesse informado imediatamente que *três* crianças estavam desaparecidas, nossa busca talvez já tivesse sido bem-sucedida. Da maneira em que se encontra, teremos de mudar nossos parâmetros de dois para três, o que nos levará a sermos obrigados a revisitar os hospitais, necrotérios e prisões.

A madrasta caiu nos braços do pai.

– Necrotérios? Oh, Olivério, poderia ser isso?

– Claro que não, Helena. – O pai se voltou para os policiais. – Vocês devem estar com frio. Por que não entram?

Os policiais se entreolharam como se achassem uma boa ideia, mas pareciam incertos.

– Na verdade, capitão, precisamos realmente voltar para fazer a busca.

– É claro – disse o pai. Mas, se há uma coisa que aprendi como capitão da Marinha Real é que uma bebida quente torna o trabalho no inverno mais suportável. Entrem. Só por um momento.

– Vamos então entrar, capitão.

Pedro olhou para Júlia e Luísa. O que vamos fazer?

– E-entrar! – disse Luísa.

Júlia concordou.

– Vamos.

Pedro correu pela neve até a entrada da frente.

– Esperem! Estamos aqui!

Ouviram-se então tal alvoroço de gritos e confusão que Pedro não conseguiu entender. A madrasta lamentou, chorou e ralhou. Bertram foi zangado para o quarto. Os policiais tropeçaram uns nos outros para registrar a informação, avisar a central para cancelar a busca e pegar a sua bebida quente. O pai alternou entre abraços a Pedro e Júlia e parecendo zangado com eles.

Mas, depois do furor inicial, os policiais finalmente saíram. Bertram voltou e a madrasta enxugou os olhos. O pai fez Pedro, Júlia e Luísa sentarem no banco de pedra diante da lareira, pôs um cobertor xadrez nos joelhos deles e começou a andar de lá para cá.

Primeiro permitam-me dizer que sua mãe e eu – e Bertram – estamos felizes por vê-los salvos. Vocês nos deram o maior abalo de nossas vidas.

A madrasta parecia indignada.

– É culpa desse tal de Pedro, Olivério. Levou meu bebê embora.

– Eu lhe disse, mãe! – falou Bertram, fazendo careta para Pedro. – Garoto inútil.

A madrasta apontou um dedo ameaçador na direção de Pedro.

– Você acha que já sentiu dor algum dia? Vai descobrir um novo significado para a palavra depois que seu pai acabar com você. E você também “raposinha” – disse a Júlia.

O pai concordou.

– Isso mesmo. Em segundo lugar, esse hábito de fugir a qualquer hora vai acabar neste instante. Sua mãe e eu, continuou ele, mas a mente de Pedro voltou-se para dentro. *Ela não é minha mãe* – queria protestar. Porém, aquele era o velho Pedro falando. Estava diferente agora. As coisas precisavam mudar. Observou o pai andando de um para outro lado e viu que estava a ponto de espumar. Ia bater em Pedro e se ficasse suficientemente zangado, bateria também em Júlia.

Senhor dos Exércitos, o que devo fazer?

– Você sabe quanto custou pedir ao município que mandasse toda a força policial procurá-los? – disse o pai, quase gritando agora. – Vamos logo ver isso nos impostos e, marque as minhas palavras! Não temos recursos para qualquer aumento, afirmo a você!

O pai abriu a cinta e passou-a através dos ilhoses em suas calças. Ela ficou pendurada em sua mão, uma serpente preta mais cruel do que qualquer lâmina dos Gul’nog. Não que a carne doesse mais, mas por causa de quem a brandia. Doeria mais na alma.

Pedro voltou o pensamento para Peras, um homem que perdera o rumo sob a influência da Sombra. Apesar de ser difícil compreender, seu pai se tornara também cheio de ódio e desencaminhado. Desta vez, Pedro não podia esperar uma luz sobrenatural para destruir as sombras que tomavam conta do rosto do pai.

Os olhos dele faiscavam.

– Sete, serei preso antes de permitir que um filho meu desonre o nome de nossa família. – Ele estalou a cinta nas mãos. – Não enquanto eu for o chefe desta casa. – Sua voz abaixou perigosamente. – Fique em pé, Pedro.

Júlia pulou, derrubando a manta.

– Não, pai! Não faça isso! Pedro não fez nada para desonrar...

– Silêncio – disse a madrastra, empurrando Júlia para perto da lareira.

Bertram estendeu o pé e Júlia tropeçou, caindo de cabeça na direção do fogo.

Luísa segurou-a, mas a cabeça de Júlia bateu na malha de metal na frente do fogo e derrubou-a. Faíscas e calor tomaram conta da sala.

A boca da madrastra se abriu.

– Cuidado, sua desastrada. Vai queimar meu tapete!

O pai puxou Pedro para o lado e tirou Júlia da lareira.

– *Sente-se!* – disse ele, forçando-a a sentar-se no tapete.

O olhar de medo de Júlia ao olhar para o pai bastou para Pedro.

– Tudo bem. É isso mesmo. – Pedro pegou Júlia pela mão e puxou-a na direção da porta da frente. Ele se colocou entre ela e os outros. – Ninguém vai bater em Júlia. Está compreendido?

O choque no rosto da madrastra valia por qualquer surra que Pedro tivesse de receber. Ela, porém, se recuperou rapidamente. Sua fisionomia angular acentuou-se, ficando cortante como um machado.

– Você, filhote ingrato. Olivério, não fique aí em pé como um tolo. Mostre a ele as costas da sua cinta.

O pai preparou a cinta.

– Pedro, venha aqui e curve-se. Aceite a surra como um bom marinheiro e isto ficará para trás de uma vez.

Júlia puxou Pedro pelo ombro.

– Vamos embora, Pedro. Voltamos quando ele se acalmar.

– Não. – Ele afastou a mão dela. – Se você foge de um tirano, isto o torna ainda mais atrevido.

– Um tirano? – disse a madrastra. – Você ouviu isso? Dê-me a cinta. Vou...

A maneira como o pai ficou ali, cheio de raiva, iluminado por trás pela lareira, fez voltar Pedro à jangada quando enfrentara Peras. Não havia faca desta vez, mas uma cinta. Nem mar aberto, mas um oceano de ira flutuando na sua direção.

Pedro deixou de lado sua posição de luta e endireitou-se em toda a sua estatura.

– Vou suportar a surra, pai, porque sou seu filho e porque vivo em obediência tanto a você como ao Senhor dos Exércitos.

Bertram riu.

– Ele – obediente?

Pedro olhou para Luísa. Ela voltara a ser a antiga meia-irmã e ao que tudo indicava, não iria ajudá-lo, Pedro olhou de novo para o pai.

– Mas, se você colocar um dedo em Júlia por causa da raiva, ela e eu deixaremos sua casa e nunca mais vai nos ver.

– Oh! – disse a madrasta. – Você deixa que ele fale com você desse modo? Seu próprio filho?

O pai parecia irado, mas Pedro viu também dúvida em seus olhos, e então continuou falando.

– Você mudou, pai. Deixou-se enfeitiçar pela amargura dessa mulher. Não é mais o pai que nos criou e adorava a mamãe. Tornou-se um monstro, uma criatura das trevas. Pode acreditar, sei o que estou falando. Pode bater em mim até que minhas costas fiquem esfoladas, mas chega de nos repreender desse jeito, irado e com medo. Júlia e eu somos seus filhos. Seus tesouros. Mas, você esqueceu isto. E agora vai ter de pagar pelo erro.

Pedro levantou a camisa até os ombros, expondo as costas, e apoiou-se na parede.

Bertram esfregou as mãos avidamente. A madrasta mordeu os lábios à espera. O pai olhou de Pedro para a madrasta e depois novamente para Pedro. A cinta parecia maleável em suas mãos.

– Vão embora, então! O que estão esperando? – A madrasta revirou os olhos. – Oh, pelo amor do repolho, Bertie, chame os tiras outra vez. É preciso chamar o chefe da policia se quisermos um homem de verdade nesta casa.

O pai virou-se rapidamente para ela.

– Chega! Eu faço isso!

– Não, pai – suplicou Júlia.

O pai puxou o braço e deu em Pedro uma enorme chicotada com a cinta.

Pedro deu um grito, mas não abaixou os braços nem se virou.

– Veja, mãe! – disse Bertram, batendo palmas. – Ele tirou sangue só com um golpe! Bata nele outra vez, pai!

O pai preparou-se para bater outra vez; mas, quando a cinta desceu Júlia atirou-se para ela.

– Não!

A ponta da cinta atingiu o rosto e o braço de Júlia. A menina deu um grito e caiu no chão.

– Júlia! – disse o pai.

Pedro ficou em pé e correu até o pai.

– Nunca bata em... Júlia. – Ele o agarrou e os dois lutaram. Pedro pegou o braço com a cinta e afastou-a. Os dois caíram sobre a cadeira preguiçosa e foram para o chão enlaçados.

A madrasta berrou. Júlia gemeu. Bertram latiu de alegria como um terrier e correu

para a cozinha.

Luísa entrou finalmente em ação. Ela tirou um atizador da lareira e ficou sobre a parte inferior, dando um terrível grito estridente.

– *Parem, todos vocês!*

Todos se chocaram tanto com o som da voz dela que realmente pararam. Começaram a rodeá-la enquanto ela brandia o atizador como uma espada. Pedro ficou perto do pai com a cinta na mão. Com um urro animal, ele atirou longe a coisa como se fosse veneno. Júlia pôs as mãos no rosto e sufocou seus gritos.

– Mãe! – disse Luísa. – Você devia ter vergonha de si mesma.

– Eu? Olhe, eu...

– Não fale, mãe. Deixe-me falar. – Luísa baixou o atizador e passou a usá-lo mais como uma bengala. – Não me lembro de que você tivesse sido sempre um câncer ou se isso aconteceu ultimamente.

– Um câncer? Como você ousa...

– Sei, porém, que você passou a doença para mim. Fui horrível com Pedro e Júlia. – Luísa os olhou bondosamente. Simplesmente *bestial*. Como você é agora e como você tornou Bertram. Eu não conseguia ver isso. Tive de ser levada embora. Precisei de uma maravilhosa aventura para outro... Ela olhou rapidamente para Pedro e Júlia. – Tive de ir para ver como eram as coisas. Agora, entretanto, tudo está claro como um rio de lava em uma caverna escura. Você está doente. – Luísa pareceu então quase feliz. – Eu posso, no entanto, fazer algo pelas pessoas que precisam de cura. Veja bem.

Luísa desceu da lareira e foi até Júlia. Ela pousou o atizador e tirou delicadamente as mãos de Júlia do rosto, revelando um vergão grande que sangrava nas beiradas.

Ao ver aquilo, o pai gemeu e caiu de joelhos. Pedro quase teve vontade de bater nele.

– Um pai deve disciplinar os filhos – falou Luísa para o pai. É assim que eles aprendem. Mas, quando a ira é a mão que segura a cinta, e quando seu desejo de compreender seus filhos é substituído pela pressa de castigar, você deixou de ser um pai e passou a ser um monstro.

A madrasta arquejou.

– Olhe, você, sua pequena falastrona! – tem coragem de falar com seu p...

– E uma mãe que enche os filhos de fel e transforma o marido em um monstro... não é mais uma mãe, mas também uma criatura vil. – Luísa voltou-se para Júlia. – Se quisermos um dia nos tornar uma família, os monstros e criaturas devem ser expulsos da terra. E a cura deve começar.

Luísa estendeu o braço e tocou a face de Júlia. Quando tirou a mão, a ferida desaparecera.

O silêncio tomou conta da sala. A madrasta parecia não ser capaz de respirar. O pai se mostrava confuso, como se seus olhos estivessem lhe dizendo algo em que sua mente não conseguia acreditar. Até mesmo Bertram pareceu menos maligno enquanto a admiração enchia seu rosto.

– Eu não sou... – disse o pai. – O que acaba...?

Luísa se aproximou deles e todos recuaram como se ela fosse explodir em chamas e subir ao céu em uma carruagem chamejante. Ela fez Pedro virar-se e passou a mão sobre o vergão inflamado em suas costas. Onde ela tocou, o ferimento desapareceu.

Desta vez, a reação foi imediata. O pai, a madrasta e Bertram correram para Pedro, a fim de examinar suas costas.

– Sumiu! – o pai voltou-se para Luísa com uma expressão temerosa em seus olhos. – O que você fez? Como fez isso?

Luísa pegou na mão de Júlia e estendeu a outra para Pedro. Os três ficaram de mãos dadas olhando para os outros.

– Algo aconteceu conosco – respondeu Júlia. – Estivemos... fora. É uma aventura na qual vocês talvez não acreditem, mas contaremos se quiserem. Viajamos para outro mundo; embora seus ouvidos rejeitem as minhas palavras, não obstante é verdade. Pedro e Júlia são heróis lá. Libertadores. Escolhidos do Senhor dos Exércitos. E eu... – ela suspirou. – Durante algum tempo eu também fui escolhida como Consoladora (Aquele que Cura). Nesta sala eu curei Júlia e Pedro, mas o meu coração me diz que não terei mais este poder. Penso que o Senhor dos Exércitos permitiu que o fizesse mais uma vez para que vocês voltassem ao bom senso.

A madrasta virou-se para o pai.

– Ela está doida, Olivério.

– Não – Pedro concordou com a cabeça. – É verdade. Foi... incrível.

Júlia também aprovou.

– Difícil de acreditar, de fato.

– Há uma música que aprendemos lá – disse Luísa. – Eu sabia cantar aqui, mas não compreendia as palavras até que fomos embora. Ela tinha poder naquele mundo. Eram as palavras de uma profecia. Mas, eu penso que elas têm significado também aqui.

Ela limpou a garganta e Pedro pensou que iria cantar. Em vez disso falou.

– A música contava sobre dois que se tornaram um, unidos para que houvesse poder. Quando saímos daqui – apenas dias para vocês, mas meses para nós – nossas duas famílias se achavam completamente separadas apesar de vivermos sob o mesmo teto. Eu estava com mamãe e Bertram e o padrasto contra Pedro e Júlia. Eles eram o inimigo. O Senhor dos Exércitos, porém, me mostrou que ele pode unir duas pessoas, não em conflito, mas como uma nova união mais forte do que cada uma das partes sozinha.

Luísa sorriu para a mãe.

– Penso que tenho um ato final de cura para fazer antes que possa voltar a ser uma estudante outra vez. Penso que devo curar nossas famílias e torná-las uma só.

Pedro olhou admirado para Luísa. Seria ela a pequena fofqueira que certa vez dissera a Júlia que ninguém jamais a amara? Quando ficara ali esperando a surra do pai, nunca acreditou que a madrasta poderia mudar. Pensou que receberia a surra e depois tomaria a decisão de deixar ou não a casa. Mas, se o Senhor dos Exércitos podia mudar tão completamente alguém –até a madrasta estaria fora do seu alcance?

– Mãe – disse Luísa – o Senhor dos Exércitos quer mudar o seu coração de pedra por um de carne. Bertram, vejo em você o homem excelente que pode tornar-se se aprender os caminhos do Senhor. E padrasto – não, *pai*, vejo em Pedro e Júlia a coragem e nobreza que você colocou neles e que ainda existe dentro de você.

Ao ouvir essas palavras, o pai chorou.

– Sinto muito! – Ele cobriu o rosto com as mãos e soluçou como não fizera desde o enterro da mãe.

Foi exatamente assim que o humor da casa mudou.

Luísa sentou-se no colo da mãe. Bertram se juntou a elas, parecendo um menino inseguro e normal. Ele sentou-se perto de Luísa e esta falou baixinho em seu ouvido. A expressão em seu rosto quando se afastou era realmente engraçada. Ele iria tornar-se um homem correto. Luísa cuidaria disso.

Júlia pegou a mão de Pedro e puxou-o na direção do pai. Pedro resistiu a princípio. Depois, a esperança de ver seu velho e amoroso pai voltar o dominou e ajoelhou-se ao lado dele.

Júlia subiu no colo do pai e enxugou suas lágrimas. O pai olhou para ela timidamente, depois tomou o seu rosto nas mãos. Fitou Pedro e pegou em seu ombro. Em seu olhar havia algo novo e bondoso. Algo como admiração.

– Papai – disse Júlia.

A voz do pai falhou ao tentar responder, então apenas disse com os lábios fechados:

– Hum?

– Quando estávamos fora... encontrei esta peça de joalheiro bem grande. Ela estendeu as mãos. – Nós a chamamos de talismã. Havia nele um pequeno orifício na forma de uma estrela de seis lados. O talismã não funcionava se o pendente de estrela não estivesse nele. Depois, encontrei a peça que faltava e Pedro e eu a colocamos no talismã. Pusemos a estrela no talismã e coisas maravilhosas aconteceram.

Um arrepio percorreu Pedro. Ele não sabia o que Júlia queria dizer até aquele ponto.

– É como você e nós – disse ele. – Pai, o talismã estava quebrado sem o pendente

e o pendente de estrela era bonito sozinho; mas, quando tomou seu lugar no talismã, houve magia.

O pai chorou de novo, mas de um modo feliz.

– Penso que agora – disse Júlia – com a cura de Luísa e a nossa volta, o Senhor dos Exércitos quer que alguma coisa maravilhosa aconteça também conosco. Com todos nós.

Os seis se abraçaram e balançaram juntos em silêncio, até que a madrasta começou a cantarolar uma pequena melodia. Pedro, Júlia e Luísa se entreolharam rapidamente.

– Mãe – disse Luísa. – O que é essa música?

– Na verdade não sei, querida – respondeu. – Ela surgiu neste momento. Penso que a conheço há muito tempo.

Luísa sorriu para Pedro e Júlia.

– Você quer aprender as palavras?

– Sim, acho que sim. Você as conhece?

Os três heróis de Aedyn sorriram. E cantaram:

Os dois se unem, os dois se tornam um,

Com a união vem o poder, o controle sobre todos.

Inundada pela luz, a sombra cairá.

O Exército voltará; a escuridão cairá.

Sua opinião é importante para nós.
Por gentileza envie seus comentários pelo e-mail
editorial@hagnos.com.br



Visite nosso site: www.hagnos.com.br

Table of Contents

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Hagnos](#)